

MARIA DA GRACA PINTO e MARIA IOAQUINA VASCONCELOS

$\frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 1 & i \\ -1 & i \end{pmatrix}$

Vinte anos do Programa de
Estudos Universitários
para Seniores da
Universidade do Porto

Título: Vinte anos do Programa de Estudos Universitários para Seniores
da Universidade do Porto

Organização: Maria da Graça Pinto; Maria Joaquina Vasconcelos

© dos textos, fotografias e desenhos: autores

Editor: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ISBN: 978-989-9193-82-6

Depósito legal: 559437/26

Design gráfico: José Osswald

Impressão: Multiponto, Porto
150 exemplares
Janeiro 2026

Vinte anos do Programa de
Estudos Universitários
para Seniores da
Universidade do Porto

Organização:

MARIA DA GRAÇA PINTO

MARIA JOAQUINA VASCONCELOS

Sumário

- 7 **Prefácio**
António de Sousa Pereira
Reitor da Universidade do Porto
- 9 **Nota de Abertura**
PEUS: 20 anos depois de um início. E agora?
Paula Pinto Costa
Diretora da FLUP
- 13 **Introdução**
Maria da Graça Pinto
Coordenadora Científica do PEUS
Professora Emérita da UP
- Olhares sobre o PEUS**
- 21 **PEUS: um programa especial, que faz a diferença!**
Fernanda Ribeiro
Professora Catedrática da FLUP
- 25 **Os vinte anos do PEUS: motivo de celebração por quem nele sente a presença do seu EU**
Maria da Graça Pinto
Coordenadora Científica do PEUS
Professora Emérita da UP
- As múltiplas vozes do PEUS**
- A pandemia a uma voz**
- 53 Alcino Silva, *Aluno*
- As múltiplas vozes do PEUS**
“O que faço EU no meio do PEUS...”: um “pot pourri” de vozes de alunos, docentes e funcionários
- 58 Raquel Patriarca
- 60 Adrião Cunha, *Docente*
- 61 Alcino Silva, *Aluno*
- 63 Alexandre F. E. Albergaria, *Docente*
- 65 Alípio Barra, *Aluno*
- 68 Amélia Meleiro Magalhães, *Aluna*
- 69 Ana Carolina Avilez de Basto, *Funcionária*
- 70 Andrea Rodríguez Iglesias, *Docente*
- 71 Ângela Maria Rocha Barbosa, *Aluna*
- 72 António da Rocha Coelho, *Aluno*
- 73 António Costa, *Funcionário*
- 74 António Manuel Castro da Silva, *Aluno*
- 75 Carmen Alice da Silva Pires, *Aluna*
- 76 Daniel Cardeira, *Docente*
- 78 Diana Felícia, *Docente*
- 79 Diogo Ribeiro, *Funcionário*

- 81 Élio Ribeiro, *Aluno*
86 Fátima Lisboa e Cláudia Moreira, *Funcionárias*
87 Fátima Outeirinho, *Docente*
89 Fernanda Branca Castro, *Aluna*
91 Florinda Martins, *Aluna*
92 Horácio Boulhosa, *Aluno*
94 Ida Maria dos Santos Correia Bessa, *Aluna*
95 Inês Bacelar, *Aluna*
96 Isabel Miranda, *Aluna*
97 Isabel Morujão, *Docente*
99 Jaime Sá, *Aluno*
100 Jana Semotamová, *Docente*
103 Joana Lencart, *Docente*
105 João Baptista, *Aluno*
107 Joaquim Bento Correia Pinto, *Aluno*
110 Joaquim Castro Freitas, *Aluno*
111 Jonathan Lewis, *Docente*
113 Jorge Alexandre Ribeiro de Oliveira, *Aluno*
115 Jorge Deserto, *Docente*
117 Jorge Ricardo Pinto, *Docente*
120 José Alberto Rio Fernandes, *Docente*
122 José Luís Lago da Costa, *Aluno*
123 José Manuel de Castro Oliveira, *Aluno*
125 José Manuel Soares, *Aluno*
129 Júlio Manuel Maciel de Lima, *Aluno*
130 Manuel Cavadas, *Aluno*
131 Manuel de Oliveira Bastos, *Aluno*
133 Manuela Seoane, *Aluna*
135 Marcos António Pacheco e Castro, *Aluno*
136 Maria de Fátima Marinho, *Docente*
138 Maria de Fátima Pedro Martins Lima da Cruz, *Aluna*
139 Maria do Céu Oliveira, *Aluna*
141 Maria Fernanda Maia, *Aluna*
144 Maria Helena Pinto, *Aluna*
145 Maria Isabel Guerra de Oliveira Pinto, *Aluna*
146 Maria João Januário, *Aluna*
148 Maria Joaquina Vasconcelos, *Aluna*
151 Maria Manuela de Melo Massena, *Aluna*
153 Maria Manuela Silva Dias, *Aluna*
154 Maria Teresa Ramos Bernal, *Directora Program57*
Interuniversitário de la Experiencia, UPSA
157 Maria Teresa Simões Galvão Furtado da Silva, *Aluna*
159 Marisa Pereira Santos, *Docente*
161 Marta Antunes, *Funcionária*
162 Marta Leal Craveiro, *Funcionária*
163 Raquel Patriarca, *Docente*
164 Rosário Soveral, *Docente*
165 Sónia Duarte, *Docente*
169 Valeriano Amorim de Lemos, *Aluno*

Anexos

- 172 **Anexo 1** O PEUS em números (2015-2016 a 2024-2025)
- 177 **Anexo 2** Docentes que lecionaram no PEUS no segundo decénio do projeto
- 178 **Anexo 3** Funcionários que, durante o segundo decénio do PEUS, colaboraram no projeto

Anexo 4 Atividades da iniciativa de alunos e docentes do PEUS

- 179 **Anexo 4.1.** Colóquio “A Bíblia e a Arte”
- 179 **Anexo 4.2.** Exposição organizada pela Doutora Sónia Duarte
- 180 **Anexo 4.3.** Visitas de estudo/cultura/lazer, organizadas pelos alunos João Batista, João Petrucci e Manuel Bastos
- 181 **Anexo 4.4.** Deslocação a Braga, no dia 19 de abril de 2018, organizada pelo aluno Júlio Maciel de Lima

Anexo 5 Atividades da iniciativa da coordenação do PEUS

- 182 **Anexo 5.1.** Visita às tapeçarias da CMP
- 182 **Anexo 5.2.** Visita de alunos do PEUS ao IGUP - Instituto de Geofísica da Universidade do Porto
- 183 **Anexo 5.3.** Visita de alunos do PEUS ao planetário do Porto
- 183 **Anexo 5.4.** Sessões divulgadas apenas junto do público-PEUS
- 183 **Anexo 5.5.** Sessões divulgadas junto do público-PEUS e via Sigarra da FLUP

Anexo 6 Intercâmbios realizados

- 185 **Anexo 6.1.** Programa Interuniversitário de la Experiencia de Castilla y León, 2016
- 186 **Anexo 6.2.** International Meeting “Aprender sen fronteiras” / “Learning without borders”, Coruña 2018
- 187 **Anexo 6.3.** Programa Interuniversitário de la Experiencia de Castilla y León, 2018
- 188 **Anexo 6.4.** Visita de intercâmbio de alunos do Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto (PEUS) à Universidade Sénior da Universidade de Tomas Bata, Zlín, República Checa, 2019
- 189 **Anexo 6.5.** Intercâmbios em tempo de pandemia Corunha e Extremadura
- 190 **Anexo 6.6.** Visita de intercâmbio de alunos da Universidade Sénior da Universidade de Tomas Bata, Zlín, República Checa, ao Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto (PEUS), 2023

Prefácio

Se dúvidas houvesse, a longevidade do Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto constitui uma demonstração cabal da sua pertinência e da sua utilidade, dando expressão a um dos objetivos centrais da estratégia da academia: estreitar a ligação à comunidade e alargar a oferta formativa que proporcionamos, assim complementando a nossa missão de serviço público e contribuindo para o incremento da qualificação de cidadãos de todas as idades.

Ao cabo de duas décadas de existência, o PEUS é, sem dúvida, um exemplo e uma inspiração. O princípio segundo o qual a universidade deve estar aberta a todos e impulsionar a formação de cidadãos de qualquer idade tem vindo a merecer, da nossa parte, uma cada vez maior atenção e um investimento crescente, conscientes de que uma comunidade mais qualificada é essencial para o progresso e para o bem-estar coletivo. É por isso que, beneficiando do Programa Impulso Adultos criado no âmbito do PRR, a U.Porto oferece atualmente quase 700 cursos não conferentes de grau, fundamentais para a aquisição de novas competências transversais. Iniciámos também o processo para a criação da U.Porto4Life – Escola de Formação ao Longo da Vida da Universidade do Porto, com a qual esperamos continuar a aumentar e a qualificar esta oferta, essencial para o progresso do país, e garantir a continuidade da dinâmica de formação de adultos iniciada precisamente com o PEUS, uma iniciativa pioneira à data da sua criação, em 2006.

O Programa de Estudos Universitários para Seniores e o Programa de Formação Multidisciplinar da U.Porto constituem, obviamente, ofertas complementares e adicionais, mas que têm no seu fulcro o mesmo ímpeto essencial: a necessidade de dar resposta a um mundo em mudança permanente e acelerada, e de providenciar aos cidadãos as ferramentas necessárias para fazer face às constantes novidades do mundo.

O sucesso e o caráter inovador do PEUS impõem-me, por isso, que felicite e agradeça a todos aqueles, e foram muitos, que ao lon-

go dos anos contribuíram para a concretização e para o aprofundamento desta ideia, e, em particular, ao professor José Carlos Marques dos Santos, reitor que iniciou o caminho que a Universidade do Porto pretende continuar a trilhar, e à professora Maria da Graça Pinto, cujo empenho pessoal e competência científica têm sido determinantes para o êxito e para a persistência do PEUS, providenciando resposta às necessidades de um grupo particularmente exigente, mas também particularmente apto para continuar a colocar os seus conhecimentos ao serviço do bem comum.

Esta publicação é, assim, uma forma de homenagear todos aqueles que contribuíram para que esta ideia ganhasse raízes e frutificasse: os professores e formadores, aqueles que organizaram e coordenaram os diversos cursos, mas também, e sobretudo, as sucessivas gerações de formandos que, com o seu interesse e a sua necessidade de obter novo conhecimento, nos mostraram que estávamos no caminho certo e nos levaram a aprofundar a oferta de formação não graduada, atribuindo-lhe uma dimensão e uma importância que muito poucos se terão atrevido a imaginar há vinte anos. Cabe-me, enquanto reitor, expressar a profunda gratidão da Universidade do Porto a todos e a todas. Mas faço-o, antes de tudo, como cidadão de uma comunidade que colherá os benefícios que, todos os dias, resultam do desenvolvimento desta ideia.

António de Sousa Pereira
Reitor da Universidade do Porto

Nota de Abertura

PEUS:

20 anos depois de um início. E agora?

O tempo tem sempre a poderosa capacidade de nos surpreender. Já 20 anos passaram sobre o início do PEUS. Um programa que apareceu no contexto da Universidade do Porto e em que a Faculdade de Letras se envolveu de um modo entusiástico desde a sua conceção. Na superficialidade da aparência era mais uma concretização do que à época se tornava frequente – as famosas universidades seniores. Mas, em rigor, não era disso que se tratava. O PEUS – um Programa de Estudos Universitários para Seniores – distinguiu-se desde o início pelas características da sua organização, pela oferta formativa e pelo perfil dos estudantes que foi atraindo. O PEUS afirmou-se pela inovação e pela sua singularidade face a uma qualquer outra universidade sénior. A Universidade, por definição, quer-se plena de vitalidade e constantemente rejuvenescida. Nada disto é incompatível com o PEUS. Antes, pelo contrário. O PEUS é um dos pretextos que proporcionam o contacto direto e vivo com a sociedade e que levam a FLUP a reinventar-se para conseguir ir ao encontro de públicos distintos.

Pelas funções que tenho desempenhado na FLUP, tomei contacto com o PEUS desde muito cedo. Entre 2014 e 2023 fui Vice-Presidente do Conselho Científico e tinha sob a minha responsabilidade a Educação Contínua, unidade em que, do ponto de vista institucional e académico, se enquadra o PEUS. A partir de fevereiro de 2023 assumi o cargo de Diretora da FLUP, o que me proporciona a continuação de uma ligação direta com este programa que tantas pessoas tem reunido e trazido à FLUP e que são portadoras de experiências de vida muito distintas.

A Prof.^a Doutora Maria da Graça Pinto, pela sua formação e interesses científicos, tem votado uma enorme dedicação ao PEUS.

Não como algo secundário na sua vida académica. Converteu este programa e as pessoas que o frequentam numa inquietação constante na sua vida universitária. Sempre que nos encontramos, o PEUS vem à conversa e percebo logo o entusiasmo da minha interlocutora. O propósito de criar memórias escritas para garantir a sobrevivência de alguma informação e a divulgação do programa, de sugerir ideias novas, de consolidar o que já existe e de responder aos interesses dos estudantes estão, por norma, no centro das suas atenções. Este programa não é uma mera ocupação cultural dos estudantes; é um programa de estudos de nível superior e que estimula as capacidades intelectuais de quem o frequenta. Como em qualquer outra situação de ensino, trata-se de um estímulo mútuo que assenta no binómio professor / aluno e que se torna motivo de aprendizagem e renovação mútuas. A Professora Maria da Graça Pinto, participante deste processo, recebeu o título de Professora Emérita da Universidade do Porto em 2021, com o propósito de acompanhar e de contribuir para a renovação e melhoria contínua do PEUS. É, pois, este compromisso que se encontra a prosseguir com entusiasmo.

A importância da educação ao longo da vida na próxima década é indiscutível. O princípio basilar consagrado no Capítulo I do *Pilar Europeu dos Direitos Sociais* advoga que “Todas as pessoas têm direito a uma educação inclusiva e de qualidade, a formação e aprendizagem ao longo da vida, a fim de manter e adquirir competências que lhes permitam participar plenamente na sociedade e gerir com êxito as transições no mercado de trabalho.”¹. A educação ao longo da vida é um dos pilares para a educação do século XXI, uma das chaves para o desenvolvimento da sociedade, um dos suportes para a mudança enorme no mundo do trabalho que já se encontra em curso e uma das fontes de satisfação intelectual, incluindo para aquelas pessoas que se encontram numa fase mais avançada da vida.

Intitulei este depoimento *20 anos depois de um início. E agora?*. Se as duas últimas décadas foram tempo de criação e de consolidação do PEUS, agora impõe-se a atenção à sua adequação aos princípios orientadores sobre esta área e ao seu especial contributo para fomentar o crescimento pessoal e profissional, para o desenvolvimento da capacidade de adaptação, para o aproveitamento

1. ISBN 978-92-79-74116-6; doi:10.2792/239183

dos desafios que constantemente nos inquietam, para o combate à discriminação centrada no fator idade, para a promoção de uma sociedade mais inclusiva, para explorar oportunidades de aprendizagem e para desenvolver competências para o futuro. Por todas estas razões só posso apelar àquilo em que acredito ser a essência genuína do PEUS: “Nunca é tarde para aprender”.

Paula Pinto Costa

Diretora da FLUP

Introdução

As duas décadas de existência do Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto, abreviando: PEUS, acrónimo por que se tornou conhecido entre os que lhe são mais próximos, permitiram que alguns princípios sobre os quais foi edificado se revelassem mais vívidos, aflorando com outra nitidez a sua essência. Fica em aberto a razão para tal epifania. Residirá no que procede do ritmo de desenvolvimento do Programa ou no grau de discernimento de quem o observa mais criticamente? Ritmo para o desenvolvimento e grau para o discernimento não escapam à dimensão tempo. Vinte anos concorreram decerto para gerar uma visibilidade com maior expressão dos traços fundadores do Programa, que em tese nunca o abandonaram.

Como se chegou então a essa revelação? O móbil não foi aparentemente objeto de grande demanda embora tenha resultado de uma análise nem sempre imediata do acrónimo PEUS, na medida em que depende de uma leitura opaca, mais exigente, e não de uma leitura transparente, mais comum porque mais acessível e não sujeita a uma abordagem metalinguística. Assim, a partir do instante em que, mercê de uma leitura opaca centrada na configuração do acrónimo PEUS, emergiu um EU, afluíu de supetão à mente de quem o captou o tema – “O que faço EU no meio do PEUS...”. Um tema que induziu produções escritas que se vieram a manifestar propensas a exegeses do maior interesse teórico porque recheadas de passagens de elevado valor ilustrativo, como as que sobressaem do texto de índole mais teórica redigido pela coordenadora científica do Programa, Maria da Graça Pinto. À semelhança dos textos motivados pelo tema transcrito, o que acaba de ser mencionado também integra o presente livro destinado a sinalizar os vinte anos do PEUS.

Para esta Introdução, de entre os tópicos, quais pilares teóricos fundadores, que importa sentir existentes num programa educativo para um público sénior, numa aproximação ao modelo da Universidade do Porto, elegeram-se para ser matéria de um breve comentário o tópico “aprendizagem ao longo da vida”. Dada a abran-

gência conceptual desta expressão, entendeu-se que seria uma boa escolha porque dava azo a uma visão mais rigorosa do quanto do ponto de vista teórico teve de marcar presença na criação do PEUS. Mesmo que se tome a expressão “aprendizagem ao longo da vida” de modo mais estrito e sem a envolvimento teórica obrigatória quando se aplica a pessoas menos jovens, é sempre uma designação que deve ser muito bem conhecida sobretudo por quem opte por fazer recair a ênfase – por imperativo sem dúvida de necessidades formativas – na extremidade final de um processo/*continuum* que terá sempre início na aprendizagem e término na formação.

A aprendizagem ao longo da vida projeta no PEUS um dos seus significados, enquanto designação, que se afasta da atualização de saberes com vista ao aumento de qualificações de cidadãos que queiram responder com outro grau de competência às exigências do mercado de trabalho. Não está em pauta no PEUS colmatar clivagens que sempre se verificam entre formações iniciais e as que os avanços de toda a ordem vão reclamando. Em síntese, não se trata de uma visão economicista da aprendizagem ao longo da vida, de um exercício sistemático de reciclagens no plano profissional, de uma “formação ao longo da vida”.

Um programa educativo como é o PEUS defende, antes, uma aprendizagem ao longo da vida que pugne pela aquisição de uma sabedoria que conduza a uma melhor gestão da vida social e pessoal de quem o frequenta, ou seja, de uma “autoatualização” (Lemieux, 1999)¹. O foco da aquisição não incide em exclusivo na Ciência, como acontecia nas formações anteriores, iniciais e subsequentes, mas muito em especial na Sabedoria. Objetiva, por isso, fazer repensar, equacionar, questionar e reatualizar os conhecimentos já adquiridos para atingir um autoconhecimento, por intermédio da metacognição, que impulse a sedimentação e a análise do pensamento adulto. Melhorar o bem-estar físico, psicológico e social é, sem dúvida, a sua finalidade. Pode afirmar-se sem hesitações que está em causa um programa que visa promover a saúde existencial:

1. Lemieux, A. (1999). Lemieux, A. (1999). *La gérontagogie et les programmes universitaires pour les personnes du troisième âge. Perspective pour les facultés d'éducation*. Conference on Elder University Programs: Education, Research, Social Reengagement and Collaboration Networks, organisée par L'Université de Granada, Le Ministère du Travail et des Affaires Sociales d'Espagne, L'Année internationale de la personne âgée, Le Conseil Régionale d'Andalousie. 17 décembre 1999, 53 p.

uma expressão mais em voga. E porque o PEUS também é sinónimo de cultura e esta pode ser vista por muitos, mesmo em meio clínico, como um veículo de bem-estar, não restarão dúvidas de que é um programa educativo que, porque assente nas premissas elencadas do foro da gerontagogia e da cognição do adulto, só trará benefícios a quem a ele adira. É esse, de resto, um dos seus desígnios.

A referência à cultura remete para o que pode advir da sua ausência no plano do bem-estar. “[S]egundo [...] [a] chefe do departamento de cultura da cidade de Neuchâtel, na Suíça, o fecho dos museus durante os confinamentos pela covid-19 atingiu mentalmente as pessoas”². E declara: “Isto foi um verdadeiro gatilho e estávamos realmente convencidos de que a cultura era essencial para o bem-estar da humanidade” (em itálico na notícia consignada na nota 2).

Estabelecendo uma relação de semelhança entre os museus e o PEUS, vale a pena dar nota do impacto positivo que tiveram as aulas que entravam pela casa adentro dos alunos aquando dos confinamentos motivados pela pandemia que se viveu na segunda década de existência do Programa. E dele deixaram registo alguns alunos nas suas produções escritas.

As produções escritas dos alunos do PEUS foram suscitadas pelo tema já mencionado e não por qualquer uma das palavras-chave concernentes ao campo de saber em debate. Sem embargo, o pensamento do adulto e suas manifestações estão de tal forma retratados nessas produções que tudo leva a sentir que os seus signatários sabem pôr em prática fundamentos da gerontagogia – termo/conceito que muito provavelmente desconhecem ou que se suspeita mesmo que ignorem.

Acredita-se, contudo, que, qualquer que seja o tema que se lhes proponha a fim de ser dissertado, mostrarão sempre algum domínio dos princípios gerontagógicos, o que leva a cogitar sobre o que poderá gerar tal desempenho. No intuito de refrear qualquer elucubração mais fantasiosa, pode o leitor consultar o texto de Maria da Graça Pinto constante do presente volume visto nele a autora se pronunciar sobre o assunto.

2. Lê-se na notícia “*Médicos suíços prescrevem visitas a museus em tratamentos de problemas psicológicos e doenças crónicas*”. SIC Notícias, 19:51, 12 mar.2025. Disponível em <https://sicnoticias.pt/mundo/2025-03-12-medicos-suicos-prescrevem-visitas-a-museus-em-tratamentos-de-problemas-psicologicos-e-doencas-cronicas-617794c4>, acedido a 5 de abril de 2025.

Os vinte anos do PEUS estão a ser celebrados também através desta publicação, porque um documento escrito configura sempre a modalidade mais ajustada de lhe perpetuar a memória. No entanto, o seu conteúdo contempla apenas o segundo decénio (2016-2026) uma vez que ao primeiro (2006-2016) já foi dedicada uma outra publicação intitulada: “O Programa de Estudos Universitários para Seniores – Dez anos de um projeto inédito na Universidade do Porto”, que veio a lume em 2016.³ Respeitou-se, porém, o mesmo figurino porque se continua a defender que se devem conservar para lembrança dos vindouros as vozes de quantos a ele estão ligados de modos diversos em consonância com as suas funções. A aposta numa obra tecida por essas vozes afigura-se a melhor maneira de homenagear o PEUS e de espelhar o que com ele se propugna.

Quem folhear pausadamente esta publicação – buscando a voz que emana de cada página, marcada por uma “impressão digital” muito própria, isto é, pelo “timbre”, cuja singularidade se acentua por várias vias com o tempo – é levado a valorizá-la pelo seu toque polifónico, porquanto todos os que se encontram associados ao PEUS foram convidados a nela deixarem perenizar sob forma gráfica a sua voz.

Não se esgota esta publicação na difusão dessas produções escritas e de textos de outra ordem. Contém igualmente anexos com informação relevante sobre os últimos dez anos do Programa.

Apresenta o corrente livro a seguinte disposição conteudística:

1. Um Prefácio do Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Professor Doutor António de Sousa Pereira;
2. Uma Nota de Abertura da Senhora Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Professora Doutora Paula Pinto Costa;
3. Uma Introdução de Maria da Graça Pinto, Coordenadora Científica do PEUS, Professora Emérita da UP;
4. Dois Olhares sobre o PEUS: Um texto da Professora Doutora Fernanda Ribeiro intitulado: “PEUS: um programa especial, que faz a diferença!” e um texto da Coordenadora Científica do PEUS, Professora Doutora Maria da Graça Pinto, Professora Emérita da UP, com o título: “Os vinte anos do

3. Publicação disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15396.pdf>

PEUS: motivo de celebração por quem nele sente a presença do seu EU;

5. As múltiplas vozes do PEUS: A pandemia a uma voz e “O que faço EU no meio do PEUS...”: um “pot pourri” de vozes de alunos, docentes e funcionários.

Em forma de anexos, figuram informações respeitantes ao último decénio do PEUS:

Anexo 1. – o PEUS em números: dados estatísticos resultantes de uma análise sociodemográfica dos alunos que frequentaram e frequentam o Programa e relação das UCs e sua análise;

Anexo 2. – os docentes que asseguraram as várias UCs;

Anexo 3. – os funcionários de vários Serviços da FLUP que assessoraram o projeto – Unidade de Educação Contínua, Unidade de Logística, Unidade de Eventos, Comunicação e Relações Externas, Unidade de Apoio à Gestão, Serviço de Documentação e Informação e Serviço de Relações Internacionais;

Anexo 4. – atividades da iniciativa de alunos e docentes do PEUS;

Anexo 5. – atividades da iniciativa da coordenação do PEUS;

Anexo 6. – intercâmbios realizados.

A fechar esta Introdução são devidos naturalmente agradecimentos às múltiplas vontades envolvidas na concretização deste livro.

À Dra. Joaquina Vasconcelos, aluna do PEUS desde 2015-2016 até à atualidade, por ter contribuído para a organização desta publicação, coligindo os materiais relativos aos intercâmbios e às atividades da iniciativa dos alunos, incentivando os colegas a redigirem contributos para esta publicação e acompanhando a sua execução. A presença de um aluno neste projeto reveste-se, a todos os títulos, de grande significado.

A quem aceitou desenvolver o tema proposto pela Doutora Raquel Patriarca, a saber: “O que faço EU no meio do PEUS...”, posto que, sem a receptividade manifestada, este livro teria ficado muito aquém das expectativas.

A quem colaborou na preparação e compilação das atividades

da responsabilidade da coordenação do PEUS, bem como na apresentação estatística de dados existentes sobre alunos inscritos e oferta educativa durante o período referido.

Ao Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Professor Doutor António de Sousa Pereira, pelo Prefácio desta publicação.

À Professora Doutora Fernanda Ribeiro, Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto durante a primeira parte da segunda década de existência do PEUS, por toda a assistência dada e pelo texto que teve o gosto de escrever e que muito dignifica este volume.

À atual Diretora da FLUP, Professora Doutora Paula Pinto Costa, pela Nota de Abertura, assim como pela disponibilidade, simpatia e amizade com que acompanhou de perto as atividades que decorreram nos últimos anos da segunda década do PEUS e a elaboração desta publicação.

Impõe-se ainda um agradecimento à Reitoria da Universidade do Porto (UP+CGD) e à Direção da Faculdade de Letras da Universidade do Porto pelo financiamento desta publicação.

Maria da Graça Pinto

Coordenadora Científica do PEUS

Professora Emérita da UP

Olhares sobre o PEUS

PEUS: um programa especial, que faz a diferença!

Em outubro de 2014 iniciei funções como Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e, no desempenho desse cargo, a primeira intervenção pública que proferi foi na sessão de abertura do ano académico do PEUS. Foi um momento que me ficou na memória, não apenas por ter sido a primeira de inúmeras sessões a que presidi, mas também porque logo nessa ocasião senti uma simpatia especial pelo programa e percebi bem a importância e o valor que o mesmo tinha para os que o frequentavam e para a própria Faculdade. Também de imediato percebi os motivos que levaram a Professora Maria da Graça Pinto a propor a sua criação em 2006 e a visão que estivera subjacente ao seu estabelecimento, tão distinta das que habitualmente estão na origem de outros programas destinados a públicos da mesma faixa etária e que muitas vezes têm por objetivo simplesmente a “ocupação de tempos livres”.

Desde aquela data e ao longo dos anos, tive o privilégio de poder acompanhar de perto o PEUS e de chegar mesmo a colaborar na reformulação curricular que sofreu, já depois de ter comemorado o 10º aniversário, ocasião em que, tal como agora, foi publicado um volume com textos de alunos e professores, o qual constitui um elemento valioso na preservação da memória e, por consequência, da identidade do programa.

Estando sediado na Faculdade de Letras, o PEUS nunca deixou de estar aberto à colaboração de outras faculdades da U.Porto, na medida em que as mesmas se quiseram envolver, possibilitando assim a oferta de unidades curriculares de áreas diversas, tanto das Humanidades e das Ciências Sociais, como das Ciências Exatas e do domínio da Saúde. Esta diversidade temática evidencia bem a riqueza do programa e a sua singularidade no conjunto de formações para cidadãos seniores que existem em Portugal. É, por isso mesmo, um programa muito especial, que se enquadra naquilo que correntemente se designa por “aprendizagem ao longo da vida”, indo ao

encontro da curiosidade, da vontade de aprender coisas novas e de enriquecer o conhecimento daqueles que o frequentam. E a prova mais evidente de que os objetivos são cumpridos é o facto de muitos dos alunos o frequentarem há vários anos consecutivos, inscrevendo-se em novas unidades curriculares, sugerindo mesmo temáticas do seu interesse e criando um espírito de “turma” que alia o estudo ao convívio e à participação em outras atividades culturais que têm lugar na Faculdade, como aliás é (deve ser!) normal na vida dos estudantes universitários.

Precisamente porque o corpo discente do PEUS é curioso e interessado, a coordenação do programa tem procurado complementar a formação curricular com outras atividades, promovendo, com bastante regularidade, palestras com convidados de perfis muito diferenciados e especialistas em áreas diversas, sejam eles docentes da Universidade do Porto ou profissionais de instituições externas à academia, iniciativas em que os alunos sempre participam e frequentemente elogiam.

Um outro aspeto que tem feito a diferença, e que sempre acompanhei com muito interesse, é o da abertura ao exterior, nomeadamente os “intercâmbios”, ou seja, as visitas a universidades estrangeiras onde existem igualmente cursos para seniores e o acolhimento de estudantes dessas universidades na Universidade do Porto. As universidades espanholas de Salamanca, de Granada ou de Corunha, têm sido aquelas com que o PEUS mais estreitou relações, mas tem havido igualmente cooperação com outras de países diversos. Todavia, a internacionalização do programa não se esgota nos intercâmbios (tão valorizados, a ponto de no tempo da pandemia se terem mantido de forma virtual, por meio de palestras e debates), mas envolveu também a realização de encontros de carácter científico-pedagógico, de que as XIV Jornadas Internacionais “Aprender sempre: nuevos desafíos en el siglo XXI”, organizadas em 2015 pela Universidade do Porto em colaboração com a CAUMAS (Confederación Estatal de Asociaciones y Federaciones de Alumnos y Exalumnos de los programas Universitarios de Mayores) são um excelente exemplo.

A permanência de oito anos na Direção da Faculdade de Letras proporcionou-me a oportunidade de acompanhar a evolução do PEUS, assistir a diversas iniciativas promovidas no seu âmbito e apreciar o valor que o mesmo tem no contexto da Universidade do Porto e do país, merecendo ser acarinhado por quem o tutela e di-

namiza. Mas deu-me também a possibilidade de privar mais de perto com a Professora Maria da Graça Pinto e de conhecer melhor a perspetiva que sempre procurou seguir para o desenho curricular do PEUS, ideias que me transmitiu em muitas conversas que tivemos e que levaram à descoberta de afinidades entre as nossas áreas de investigação e docência, além de ajudarem a consolidar a estima mútua que foi crescendo e se mantém muito para além do PEUS.

Por tudo o que o PEUS tem sido ao longo das suas duas décadas de existência, só posso dizer “Parabéns!” e desejar os maiores sucessos para o futuro.

Fernanda Ribeiro

Professora Catedrática da FLUP

Os vinte anos do PEUS: motivo de celebração por quem nele sente a presença do seu EU

Preâmbulo

Merece o tema – “O que faço EU no meio do PEUS...”, proposto a alunos, docentes e funcionários a ele ligados, com vista à escrita de um texto a figurar na publicação destinada a assinalar os vinte anos do Programa, uma explicação sucinta à luz da psicolinguística.

Quando se pergunta a alguém, com base numa sigla, num acrónimo ou numa designação comercial de uma instituição, de uma empresa ou de um programa, o que faz no seu meio, presume-se que a atenção de quem ouve essa “etiqueta” se foque no seu significado, naquilo a que ela se refere, atribuindo-lhe uma leitura transparente. Como nota Cazden (1974), a nossa audição atravessa formas verbais tidas como transparentes chegando desse modo ao significado pretendido.

Poderá, contudo, suceder que se gere ambiguidade em alguns ouvintes quando se trate de uma “palavra”/acrónimo-sílaba – caso de PEUS. Para esclarecer o equívoco que possa causar será preciso alertar para o facto de serem possíveis duas “leituras” do acrónimo-sílaba em pauta: uma em que a atenção recaia unicamente no significado – condizente com a teoria da transparência, na designação de Cazden, ou com a teoria da vidraça (“glass window theory”), segundo Luria (Cazden, 1974; Downing, 1988; Luria, 1988), e outra em que o foco se centre na forma do acrónimo-sílaba, reclamando uma consciência da sua opacidade, da cadeia/barreira sonora que lhe corresponde, passível de análise nos seus constituintes, e que o consubstancia como objeto com existência própria. Parece clarificada a razão da ambiguidade do tema em virtude de o acrónimo-sílaba PEUS poder ser ele também objeto de uma incidência do en-

foque na sua configuração, na sua constituição, na sua forma, à semelhança do que se passa noutras palavras. A partir do momento em que se toma consciência metalinguística da forma de uma palavra, torna-se possível submetê-la a uma audição/leitura opaca, a complementar a audição/leitura transparente, direta ao significado, mais acessível e anterior numa ótica ontogenética. A transição de uma “leitura” transparente para uma opaca verifica-se no decurso da aquisição da linguagem pela criança, fruto da conceção da língua que vai desenvolvendo, e, como parece lógico, em quem não tenha ao longo da sua vida trabalhado a consciência metalinguística.

Observe-se agora em mais pormenor a constituição da forma do acrónimo PEUS, na sua condição de sílaba. Bem no seu centro existe uma outra palavra – isto é: EU –, que constitui o seu núcleo ramificado enquanto sílaba – P EU S – e, porque coincidente com uma palavra, permite igualmente as duas “leituras” aludidas: transparente e opaca, originando desse modo o “calembour” contido no tema – “o que faço EU no meio do PEUS”. Como facilmente se compreende, está excluído neste contexto que EU remeta para a sigla de “the European Union”.

O “calembour” passa então a ser reconhecido quando se sentir que existem duas leituras possíveis do tema: uma apoiada na leitura opaca de PEUS e assente numa consciência metalinguística fina, motivadora de uma resposta caracterizada por um intrigante e inusitado toque de animismo – “EU sou o núcleo ramificado”, e outra que se firma na sua leitura transparente, que vai direta ao significado e que se ajusta a uma abordagem ao tema menos dependente de uma consciência metalinguística, como, por exemplo, “EU sou aluno”.

Perante a existência de muitos “EU” com funções no Programa e de outros tantos com pensamentos a seu respeito, o seu acrónimo-sílaba parece ter-se precavido, aditando-lhe, num novo rasgo de animismo, um S: P EUS, ou seja, a coda S, que juntamente com o núcleo ramificado EU perfaz a rima EUS da sílaba, que tem como ataque silábico P. E assim se desmembrou o acrónimo-sílaba PEUS nos seus constituintes. Se a gramática da língua portuguesa admitisse a habitual desinência de plural (s) no pronome reto de primeira pessoa, tal como acontece na terceira, o acrónimo-sílaba em apreço conteria ainda a possibilidade de abrigar um EU-nós, mais congruente com o público que frequenta o PEUS, dado que gosta de apren-

der com a permuta de pontos de vista e de conviver com os colegas, alguns dos quais já convertidos em amigos.

A recetividade do PEUS ao fenómeno do animismo, na trilha do pensamento infantil (Piaget, 1964), e a sua visível abertura a uma análise a partir da leitura opaca a que tão bem se ajusta distinguem-no exemplarmente enquanto acrónimo dos restantes congêneres que, como sintetiza Berger (2018), mais não são do que rótulos que, porque “separados da criatura da sua linguagem [...] [f]icam então inertes e vazios” (p. 13), refletindo a “tendência para a insubstancialidade” (p. 68). Quem lida amiúde com o acrónimo PEUS pode, porém, sentir que algo mais o diferencia dos demais. É que a sua singularidade no plano do animismo parece brotar da sua essência e não de qualquer crença exterior. Infere-se por isso com rapidez que uma demasiada proximidade, neste como noutros cenários, tem o (des)mérito de distorcer a realidade e de fomentar a fantasia.

Elenquem-se então, a partir da leitura transparente e não opaca de PEUS, funções nele exercidas por diferentes “EU” ao longo das suas duas primeiras décadas de vida – a) e possíveis reações de outros tantos “EU” ao projeto – b):

a)

há o eu que lhe dá origem;

há o eu que o abriga;

há o eu que o procura e o elege;

há o eu que nele ensina;

há o eu que nele aprende;

há o eu que alia a aprendizagem ao convívio, à camaradagem, à amizade;

há o eu que complementa o que aprende com pesquisa bibliográfica e na internet, bem como com visitas de estudo e com viagens;

há o eu que participa em intercâmbios;

há o eu que organiza conferências, exposições, visitas;

há o eu que lhe presta serviços administrativos;

há o eu que nele colabora em diversos domínios;

há o eu que o coordena cientificamente;

b)

há o eu que sabe bem da sua existência;
há o eu que o estima;
há o eu que se sente grato;
há o eu que não vê o projeto com agrado;
há o eu que o olha com indiferença;
há o eu que o critica;
há o eu que o ignora.

Cabe então a quem coordena cientificamente o PEUS continuar este texto com: 1) uma ligeira apresentação do Programa, porquanto já muito sobre ele escreveu no livro publicado em 2008 (Pinto 2008) e na publicação coorganizada dada à estampa em 2016 (Pinto, Babo & Soares, 2016); e 2) uma incursão nos seus fundamentos teóricos.

Da origem e razão de ser/existir do Programa

Há mais de vinte anos, em 2004, aquando de uma reunião sobre Educação Contínua na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) dirigida pelo Professor Doutor José Carlos Marques dos Santos, então Vice-Reitor da Universidade do Porto, era à época Diretora da FLUP a Professora Doutora Ana Monteiro, foi proposto à signatária do presente texto que apresentasse um programa educativo vocacionado para pessoas mais velhas, programa esse que veio a ter início em fevereiro de 2006, com a participação de uns trinta e poucos alunos. Nessa ocasião propalava-se tanto a aprendizagem ao longo da vida que não era de excluir que a Universidade do Porto (UP) também avançasse com um projeto que tivesse como alvo esse público. Não se destinaria a competir, mas a complementar a oferta vigente para lá dos muros da Universidade, nas designadas Universidades da Terceira Idade (UTIs) ou em associações, institutos, academias que servissem a mesma finalidade. A heterogeneidade da população mais velha, seja em idade, seja em experiência, seja em formação, clamava diversidade nos programas educativos disponibilizados. Apesar de a idade ter sido evocada, só se pode concordar com especialistas de programas educativos para pessoas de mais idade quando recomendam que a atenção dos promotores desses programas deve incidir em primeiro lugar na circunstância de o seu público ser cons-

tituído por pessoas, que, para além de outras características, são mais velhas. Em língua portuguesa, entre outras, por sorte e a acentuar o reportado, somos confrontados com a expressão “pessoa sénior” ou similar, surgindo pessoa em primeiro lugar e só depois a referência à idade. Essa observação fora também feita por Mariano Sánchez Martínez em relação ao castelhano. A tónica desta opção educativa deve, por isso, recair antes de tudo em pessoa.

Dos objetivos do Programa

O programa que a sua fundadora foi incumbida de propor e que viria a chamar-se Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto, mais conhecido quase desde o seu início por PEUS, um acrónimo convertido em “nickname”, não visava reciclar o conhecimento por força das exigências do mercado do trabalho, mais do foro da andragogia, modelo de educação esse mais consonante com uma aceção que passaria a absorver quase na totalidade, por motivos mais economicistas do que porventura sociais e ainda menos psicológicos, o significado da expressão “aprendizagem ao longo da vida”. O PEUS objetivava, antes, facultar ao seu público – adultos a partir dos 55 anos com formação superior, então requisito para a inscrição nos cursos de Educação Contínua da UP – um plano de estudos orientado para a reatualização, confronto e equacionamento de conhecimentos, abrindo ou ampliando o trilho da aquisição, admitindo que seja este o termo mais apropriado, da sabedoria mais do que da ciência, uma vez que esta teria sido objeto de maior investimento em fases prévias de ensino-aprendizagem. Em mente estava um modelo na linha não da andragogia mas da gerontagogia (Lemieux, 1999; 2001) direcionado para a aquisição da sabedoria na pessoa sénior a fim de que esta atingisse, nas palavras de Lemieux (1999), professor da *Université du Québec à Montreal* (UQAM), “une meilleure gestion de sa vie personnelle et sociale” (p. 34). E este académico deixa claro que, num programa educativo assente no conhecimento metacognitivo, a educação deve ser concebida de maneira a alcançar os objetivos psicológicos mais elevados da vida e a convidar sobretudo a *ser* – com os outros – e não unicamente a *ser produtivo*.

Era um imperativo nortear quem viesse procurar o programa para o questionamento, para o levantamento de questões, para a problematização, para a aceitação de perspetivas diferentes, para o

autoconhecimento, para a exercitação da metacognição, para a obtenção de uma competência que melhorasse o seu bem-estar tanto físico como psicológico e social: princípios afinal da gerontagogia. Teria de ser um modelo teórico em educação de pessoas mais velhas centrado na “autoatualização” e já não na reciclagem e acumulação de conhecimentos (Lemieux, 1999), reclamando portanto um esforço cognitivo por parte de quem o elegeisse condizente com o pensamento do adulto (Marchand, 2002) e em convergência com um envelhecimento saudável, que de pleno direito se deve enquadrar no não há muito emergente conceito de “saúde existencial”, posto que o precede no tempo e inclusive lhe pode servir de evidência para a sua defesa e concretização.¹

Da saúde existencial

Ao fazer alusão ao programa da Cimeira Anual da *European University Alliance for Global Health* (EUGLOH), que decorreu em junho de 2023 na Suécia, na Universidade de Lund, escreve Fátima Vieira na notícia constante da nota 1 deste texto: “Com efeito, um dos três temas em foco ao longo dos trabalhos, com a participação de vários oradores das áreas das Artes e Humanidades, intitulava-se «Arte e Saúde»”. E prossegue:

Confesso a minha total ignorância prévia sobre o conceito de “saúde existencial”, mas quando Max Lijefors, professor de História de Arte na Universidade de Lund, propôs o conceito, fez para mim todo o sentido: a saúde existencial mede-se em função da nossa capacidade para “florescermos a partir de dentro” e de experienciarmos alegria, gratidão, conexão com outros seres humanos e com a natureza [...]

Acrescenta ainda Fátima Vieira: “A nossa percepção estética do mundo – defendeu Lijefors – depende da nossa capacidade para encontrarmos beleza e significado no que nos rodeia”.

Visite-se o conceito “beleza” recorrendo à pena de Martim Sousa Tavares (2024) apoiado numa minissérie televisiva, convertida depois em livro, intitulada “Modos de ver” da autoria de John

1. Motiva o referido, o texto “Saúde existencial”, da autoria de Fátima Vieira, Vice-Reitora da UP, publicado na Newsletter Casa Comum_ Cultura UP.Porto, n.º 145 de 19 de junho 2023.

Berger. A forma de olhar parece ser a senha. Lê-se na obra de Sousa Tavares (2024) que Berger, em “Modos de ver”, deposita na pessoa que observa a faculdade de conferir beleza rejeitando dar ao objeto observado essa função, ou seja: o que se observa não comporta um “valor absoluto e intrínseco” (p. 17). E ao capítulo dedicado a este tema deu Sousa Tavares o título: “A beleza está no olhar de quem vê”. O ensinamento a retirar de Berger consiste, para Sousa Tavares, em tudo ser feito para que as pessoas aprendam a olhar melhor e a achar belo o que antes não achavam. Será de avançar que, fruto da aprendizagem, a descoberta da beleza radica num movimento eferente e não aferente, a que se regressará a breve trecho.

John Berger é também mencionado por James Wood (2024) quando este autor compara o tempo que um leigo dedica a olhar as coisas, o mundo natural ou as pessoas com o que é despendido por um escritor ou um artista plástico. E porque não por um especialista em literatura ou de arte em geral, como são os professores e os críticos de arte ou literários?

Firmado em John Berger, James Wood faz a distinção entre ver e observar, associando *ver* ao cidadão comum e *observar* aos artistas. A transformação de ver em observar carece de esforço, requer muito mais tempo, vive de experiências prévias e de outras tantas vivências com génese em terceiros, razão pela qual, para Berger na leitura de Wood, “[o] nosso exame [do mundo] é sempre mediado por outras representações do olhar” (p. 49).

Neste enquadramento, não perdendo de vista que está em discussão um programa educativo com bases gerontagógicas, a passagem que se segue de Wood (2024) revela-se da maior pertinência: “a experiência de observar as coisas é intensamente auto-consciente – pois se o desenho de uma árvore não é uma árvore, mas «uma árvore que é observada», então a descrição verbal de uma árvore não é uma árvore mas uma árvore-que-é-observada a ser descrita” (p. 50-51).

Os docentes que colaboram no PEUS com a experiência que possuem nas suas áreas de trabalho não se absterão de dar a aprender aos seus discentes, ora em aula ora no terreno por meio de visitas guiadas, como transformar “ver” em “observar” os conteúdos temáticos de que são especialistas e que reivindicam essa transformação.

Evidência dessa operação transformadora pode inferir-se da

leitura dos “Detalhes” do cartaz da exposição “O Porto visto pelo PEUS: Exposição de imagens e de som”, inaugurada no dia 4 de fevereiro de 2025 e patente ao público numa das salas da Biblioteca da FLUP durante o mês de fevereiro desse ano, organizada por Sónia Duarte, docente do PEUS na unidade curricular “Porto: Imagens, território e devoções” durante o primeiro semestre do ano letivo de 2024-2025, a saber:

O propósito desta exposição nasce no âmbito da unidade curricular semestral denominada «Porto: imagens, território e devoções» leccionada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por Sónia Duarte. Ao longo das aulas foi pedido aos alunos que *pensassem*: no antes e no depois. O depois, que, em boa verdade, é o agora. *Diante de uma imagem pré-existente de autoria conhecida, ou ignota*, havia de se ‘*ver melhor*’ como estava o espaço, no presente. Pois é de imagens e de sons que vive esta exposição; de um antes e de um depois.

Os itálicos assinalados pela signatária deste texto no excerto acima citado da autoria de Sónia Duarte visam destacar, respetivamente, o que antes foi reportado sobre: 1) a autoconsciência que deve acompanhar a experiência de observar o mundo; 2) a fruição de experiências vividas por outros; e 3) a conversão de *ver* em *observar*.

Acerca do projeto, escreve ainda a organizadora da exposição:

Para tal [para a exposição “O Porto visto pelo PEUS: Exposição de imagens e de som”], muito contribuiu o trabalho de campo e as visitas a espaços e coleções do Porto – como o Mosteiro de S. Bento da Vitória; a iconografia do Porto representada nas coleções do Museu Nacional Soares dos Reis; os retratos e as memórias com música da Casa do Largo da Paz; a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e o seu jardim; a Casa do Campo Pequeno; ou Convento de Santa Clara.

Por seu turno, os dois excertos que abaixo se transcrevem da autoria de dois alunos do PEUS, Joaquina Vasconcelos e Valeriano Lemos, são um testemunho valioso de como se processa a assimilação dos conteúdos das aulas do Programa, em conformidade com os princípios gerontagógicos, ou não tenha sido frequentado ao longo da sua existência (2006-2026) por um público que evidencia

um modo de pensar da ordem do pensamento do adulto, tido como o mais ajustado para uma aprendizagem favorável à apregoada “saúde existencial”:

1.

[...] frequentei disciplinas das diversas áreas do saber, como Literatura, História da Arte, História do Cristianismo, A influência da Bíblia na Cultura Ocidental, História do Livro e Bibliotecas, Geografia Urbana, etc.

...

Todos estes conhecimentos transmitidos em aula, também foram consolidados no “terreno”, com o precioso acompanhamento dos professores [...].

...

[...] em relação à cidade do Porto, agora, quando entro numa igreja, sei dizer qual é o estilo da talha dourada dos seus altares, barroco nacional, barroco joanino, rococó, neo-clássico [...]. Tudo isto aprendi na disciplina de “Porto, Território, Devoções e Imagens”.

...

Li muitos textos aconselhados pelos professores e até realizei viagens que nunca tinha pensado fazer [...].

...

Mesmo com a pandemia da Covid 19, o PEUS continuou com aulas por Zoom! Destaco neste período de tempo a disciplina de História do Livro e Bibliotecas, onde nos foram mostradas desde as mais antigas bibliotecas do mundo, com rolos de papel/papiro nas prateleiras, passando pelas bibliotecas de mosteiros, abadias, palácios e universidades, até as mais modernas do ponto de vista arquitetónico, donde destaco a Nova Biblioteca de Alexandria [...].

– *Joaquina Vasconcelos*

2.

Adquiri conhecimentos diferentes da minha formação académica e profissional, passei da linguagem racional dos números para uma linguagem bem diferente das humanidades. Essa mudança de interesses está bem refletida no compartimento onde guardo os livros, antes, de Economia, Gestão, Finanças, Contabilidade e afins, agora, de História, Geografia, Literatura, História de Arte, etc. Olho agora para

o que me rodeia de um modo diferente, mais desperto, informado e com um leque de interesses alargado.

Em 2020-2021 atravessamos o difícil período da pandemia. A FLUP e os seus professores rapidamente se adaptaram às novas tecnologias, proporcionando-nos o acesso *online* à continuidade letiva o que constituiu algo de muito positivo, pois quebrou o isolamento a que estávamos sujeitos, contribuindo para o nosso bem-estar psíquico. O ecrã era a “janela” possível para passarmos duas horas gratificantes num tempo de afastamento e medo.

– *Valeriano Amorim de Lemos*

Das bases gerontagógicas

Ressalta dos fragmentos transcritos e do exposto que enveredar por um programa educativo assente na gerontagogia implica que quem por ele opte esteja pronto a tomar a atitude compaginável com alguém empenhado numa aprendizagem que se opere num movimento de interação com o docente e com os colegas. Para tal, a coordenação científica do Programa tem, entre outras responsabilidades, a de zelar por uma equilibrada distribuição dos alunos por turma, estabelecendo um número mínimo e máximo para as inscrições por unidade curricular. Não é conveniente que a turma seja quer muito numerosa, correndo o risco de as aulas se tornarem expositivas e não viabilizarem a participação e interação dos alunos, em contramão com os princípios gerontagógicos, quer em número muito reduzido, obstando à dinâmica que sempre se augura de uma aula, dado que não se pode excluir a hipótese de a turma não ter sempre presente a totalidade dos alunos inscritos. Se os alunos são em número reduzido e, além disso, não são frequentadores assíduos, o resultado, por certo, também se afasta do que é preconizado gerontagógicamente. Promover a participação em aula, basilar para a já aludida interação entre docente e discentes e entre estes, tem importância porque poderá igualmente beneficiar a autoestima dos que quantas vezes nem ouvem as suas vozes por viverem na solidão ou em ambientes em que não lhes é concedido, como desejariam, o direito de se fazerem ouvir. Atenção, no entanto, aos que preferem não se expressar abertamente em aula, aos “ouvintes ativos” – embora a audição não seja por natureza passiva –, isto porque na melhor das oportunidades surpreendem qualquer um e podem mesmo gerar silêncio à sua volta. O respeito pelo

temperamento e ritmo de cada pessoa é imperioso em qualquer situação, dentro logicamente de parâmetros razoáveis.

A relevância da participação dos alunos em aula é posta em devido realce pelas palavras de um outro aluno do PEUS, Alípio Barra, palavras essas que servirão de advertência aos professores que se distraem e não deixam espaço para essa componente tão saudável do ensino-aprendizagem, não importa em que idade:

Gostava que muitos professores que tenho conhecido [no PEUS], ainda que de grande craveira académica, se centrassem mais nos alunos dando-lhes espaço de participação, por exemplo, encaixando algumas atividades abertas ou propondo textos para análise.

A atividade profissional exercida por Alípio Barra legitima bem o seu posicionamento em relação à concessão de espaço de participação aos alunos, que em nada diverge do de estudiosos que propõem que os docentes universitários devem esforçar-se por dar mais protagonismo aos alunos do ensino superior facultando-lhes um lugar central na comunidade de aprendizagem (Marchand 2008). Atente-se, todavia, no público que frequenta o PEUS: uma comunidade com muito mais potencial em várias vertentes do que a que se inscreve por norma numa universidade e que a busca seguramente por outras razões.

Da neuroplasticidade

À coordenação científica do Programa cumpre ainda satisfazer tanto quanto possível os diversificados interesses científicos dos alunos que o escolhem, assegurando-lhes: unidades curriculares variadas para a escolha não ser demasiado restrita, conteúdos renovados de unidades curriculares repetidamente frequentadas e novas unidades curriculares quando entendido necessário. Prestaria a coordenação científica do PEUS um serviço contraproducente em matéria de neuroplasticidade (cerebral) se não tivesse como preocupação oferecer a quem opta por continuar a frequentar o PEUS unidades curriculares novas, nutriente para colmatar o insabido, o desconhecido, a ausência de novidade, fazendo tudo o que está ao seu alcance para que o seu público não se refugie, por inércia ou outro motivo, no repetido, no conhecido, no supostamente sabido. Pense-se, a título ilustrativo, na diferença que existe,

com distintas repercussões na neuroplasticidade, entre enveredar despreocupadamente por um trilho bem traçado, já calcorreado vezes sem conta por outros e, portanto, bem delimitado e de trânsito fácil e rasgar pela primeira vez uma passagem num silvado para aparentemente encurtar caminho. Um outro exemplo de tarefa promotora de neuroplasticidade adaptável, que muito tem a ver com programas educativos, é sugerido por Levitin (2020): ouvir alguém falar com um sotaque nunca ouvido. Quem frequentou cursos nos Estados Unidos da América sentiu seguramente dificuldade em acompanhar o início da aula de um professor natural de um estado diferente do do professor que o precedeu. O “switch” dá-se, sim, mas leva uns minutos, tanto a estrangeiros como a americanos. E é nessa adaptação que Levitin vê um impulso para a neuroplasticidade. Imagine-se agora o que será ouvir em aula matérias não familiares ou menos familiares. A novidade constitui sempre um valor acrescentado no plano da adaptação do cérebro, da neuroplasticidade. Não há como ignorar o que com ela granjeia um envelhecimento com sucesso.

O imperativo de inovação justifica-se, ainda, porque uma boa parte dos alunos estão a frequentar o Programa há muito tempo. É de salientar que alguns estão inscritos no Programa desde a sua fundação em 2006. Quem os tem acompanhado durante estes dois decénios sabe bem quais são as suas preferências: a tendência recai sobre as Humanidades por efeito em grande parte das formações que detêm. Tem sido, em consequência disso, possível constatar como o panorama dos planos de estudo do Programa tem precisado de ser ajustado ao perfil do seu público, a fim de eliminar o risco de este não se inscrever em unidades curriculares que não lhe complementem os seus conhecimentos ou que divirjam dos seus interesses. Lamentarão alguns que a participação de docentes de outras Faculdades da UP, tal como aconteceu nos primeiros anos do Programa, tenha vindo a dar lugar a uma participação sobretudo de docentes da Faculdade de Letras. Para tentar suprir lacunas em áreas disciplinares, organiza a coordenação científica do Programa, com alguma periodicidade, conferências com professores convidados de diferentes saberes. Apesar do esforço, é notório que os alunos se sentem mais atraídos por palestras da área das Humanidades.

Os intercâmbios universitários tão atrativos para alguns dos alunos do PEUS concorrem sem dúvida também para uma aproxi-

mação à novidade, ao insabido, deles resultando, por isso, mais uma valiosa abertura à neuroplasticidade.

Do princípio integrador do Programa: o pensamento do adulto

Custa, é bem certo, a admitir que o “cardápio”, o elenco das unidades curriculares disponibilizadas, se tenha vindo a adequar cada vez mais ao público-PEUS. Não se trata, porém, de um programa educativo estilo “cafétéria”, em que cada um escolhe o que deseja de entre uma bolsa de matérias sem nenhum nexos. Esse modelo só pode merecer um repúdio visceral. O cardápio referido, ao contrário do que se possa imaginar, comporta uma estrutura com nexos e uma justificação aceitável para a sua existência. Perante um público com forte poder de análise e que se sente agradado por conteúdos mais do foro das Humanidades, torna-se árduo aceitar que as portas da instituição não se lhes franqueiem para o que lhes desperta mais curiosidade. Operar um afunilamento nas áreas disciplinares postas à disposição acarreta, sim, desconforto e obriga a tomar medidas nem sempre condizentes com o que, quantas vezes, apraz mais à coordenação científica e a um ou a outro aluno que se refugia, não obstante, em percepções (Duffy, 2025), por natureza subjetivas, posto que de construções se trata. De pouca razoabilidade se revestiria, sem embargo, uma situação em que houvesse oferta sem procura. Ademais, contactar docentes de diferentes áreas científicas, de várias Faculdades, solicitar-lhes programas de unidades curriculares das suas especialidades e, face à ausência de inscrições, ter de lhes anunciar que essas unidades curriculares não podiam funcionar pela razão indicada, veio a revelar-se extremamente pouco respeitoso e causador de embaraço. Em suma: durante estes vinte anos a coordenação científica do Programa pôde ir aprendendo a conhecer o “seu público”: um universo que permanece atraído por uma aprendizagem de matérias do seu gosto ministradas por professores com muita qualidade ou não fosse a qualidade o lema da instituição. É que se trata de um universo crítico, conhecedor e reivindicativo que sabe tirar partido dessa aprendizagem de qualidade e somar-lhe a camaradagem que vai cultivando. Mais: alguns elementos desse universo, por iniciativa própria, complementam e aprofundam as aprendizagens por meio da consulta e aquisição de bibliografia, bem como de viagens pelas mais variadas geografias,

como pôde constatar-se nos excertos transcritos da autoria de Joaquina Vasconcelos e de Valeriano Lemos.

Também Alípio Barra dá nota, no fragmento *infra*, provando bem a predisposição de quem está disposto a aprender, como serviram o aprofundamento do (seu) conhecimento as viagens via ecrã que o PEUS os fez fazer aquando da pandemia, e as ulteriores leituras em torno das matérias abordadas em aula:

Como já disse, entrei no PEUS em 2019. Passados cinco anos, sinto que a experiência amadureceu e continua gratificante. Os anos dramáticos da pandemia trouxeram clausura e barreiras nunca antes vividas, mas o PEUS soube transformar-se em praça aumentada. Com a ajuda das tecnologias da informação, reencontrámo-nos povoando um ecrã de rostos numa sala de aula virtual imaterial numa praça ilimitada que incluía, sem as demolir, as paredes materiais da FLUP. Fizemos viagens sem sair do lugar, sobrevoámos o empedrado das ruas e praças do Porto com uma professora poeta, com outro mestre calcorreámos mentalmente o cardo e o decumanus de tantas cidades, sorvemos a beleza dos frescos de Nebamun sem nunca termos estado no Antigo Egito. Cada sessão “zoomiana” servia-ME como um comprimido. Estar no meio dessa praça aumentada era como que um exercício de autodefesa contra a depressão e o medo. Após a aula naquela praça imaterial, EU continuava os temas na Internet, nos livros da biblioteca doméstica e nos outros que chegavam pelo correio.

A segunda década do Programa permitiu consolidar o móbil da sua procura por parte do público que o tem habitado. Em tese, se alguém procura o que quer que seja é porque sente motivação para tal. É verdade que, se não se fizerem perguntas, não se podem obter respostas, mas, aos poucos, com o tempo, estas foram ficando claras e daí a adaptação do cardápio.

A existir alguém que rejeite o termo “cardápio”, tão pejorativo neste contexto educativo, essa pessoa é sem reservas a coordenadora científica do Programa. O PEUS começou por ter um plano de estudos que em tudo se podia comparar com um curso de pós-graduação de três anos: dois curriculares e um terceiro consagrado à escrita de uma monografia. Sintetiza muito bem esse modelo educativo o aluno Joaquim Correia Pinto:

Inscrevi-me logo no primeiro ano de funcionamento do PEUS. E porque é que me inscrevi? Inscrevi-me porque o Programa apresentado relativamente às disciplinas era aliciante, uma vez que versava sobre matérias com as quais tinha menos afinidades; a sua durabilidade previa a duração de 3 anos com a possibilidade, para quem quisesse, de elaborar [no terceiro ano] uma monografia sobre um tema à escolha do aluno ou sugerida pelo professor orientador. Como a minha expectativa não foi defraudada, bem como a dos meus colegas que comigo iniciaram este percurso, acabados os 3 anos solicitámos à criadora do PEUS, a Professora Doutora Graça Pinto, que abrisse o leque de possibilidades de novas disciplinas para que nós nos mantivéssemos ligados à Universidade.

Com um plano de estudos de três anos constituído por unidades curriculares das áreas disciplinares dos blocos temáticos que comportava, sendo o de Estudos Portuenses obrigatório ou não estivesse o Programa sediado na Universidade do Porto, na cidade do Porto, o PEUS manteve esse figurino até ao momento em que esgotou a possibilidade de manter o perfil que tanto tinha aliciado os primeiros alunos inscritos. O Programa nunca foi conferente de grau e, muito ao gosto de quem o procurava, não requeria que os participantes fossem avaliados. No entanto, a proposta de escrita de uma monografia sobre um tema abordado em aula e que lhes tivesse suscitado algum interesse em ver desenvolvido sob a orientação de um professor da especialidade – que tudo levava a crer que seria desafiante – por poucos foi abraçada. E o desafio não era assim tão ingénuo. A escrita constituía, por si só, uma tarefa benéfica para o envelhecimento saudável de quem a praticasse. A inércia ganhou a partida e com ela ficou esvaziada a razão de ser do terceiro ano do curso. Houve, por conseguinte, que optar por um modelo que continuasse a atrair público apesar de passar a ter uma outra estrutura.

O PEUS nunca teve uma oferta curricular que tivesse a finalidade de consciencializar o seu público para o que dele espera a sociedade e para o que desta deve esperar em várias vertentes, à imagem do programa/curso alicerçado na gerontagogia aventado por Lemieux (1999; 2001), especialista que via nesse modo de sublinhar a teoria educativa gerontagógica o princípio integrador do curso.

O currículo programático desse modelo de curso comportava as áreas da educação, da psicologia, do direito e da arte, com uma tónica no envelhecimento, na terceira idade, estando vocacionado

para o conhecimento da sabedoria (ver Lemieux (1999) e consultar Lemieux (2001) para um currículo mais desenvolvido). Repare-se que um curso desse cariz era da responsabilidade das Faculdades de Educação e estava sujeito a avaliação, requisito indispensável para um programa universitário do primeiro ciclo de educação reservado à terceira idade.

A preocupação na aquisição da sabedoria por parte da pessoa mais velha a fim de esta atingir uma melhor gestão pessoal e social, conforme já expresso usando palavras de Lemieux, é a todos os títulos uma aspiração atrativa, mas ignora-se se atingível só por via do plano de estudos alvitado. Convém esclarecer que a signatária deste texto nunca presenciou o curso em ação e desconhece se chegou a concretizar-se ou se está ou esteve em vigor na *Université du Québec à Montreal*.

Subjacente à ideia de aquisição da sabedoria encontra-se a vontade de sensibilizar quem procura um curso desta índole para o tipo de pensamento compatível com os princípios gerontagógicos enunciados, afinal para o que Marchand (2002) designa por “pensamento do adulto”, já antes invocado neste texto, de preferência a pós-formal, dada a pouca homogeneidade de teorizações em torno de um pensamento para lá do pensamento formal, a que nos introduziu a teoria de desenvolvimento intelectual de Piaget (Piaget & Inhelder 1975).

Como assinala Marchand (2001), escorada na literatura compulsada, a não aceitação generalizada do termo “pós-formal” provém do facto de o que caracteriza o pensamento do adulto parecer correr em paralelo com o pensamento formal sem haver a necessidade de se considerarem fases para lá do formal.

Tomando de empréstimo palavras de Labouvie-Vief transcritas por Marchand (2001, p. 138-139),

“o termo pós-formal pode não implicar um desenvolvimento na complexidade formal. Contrariamente, poderá significar que para alguns sujeitos o pensamento formal constitui uma base a partir da qual se desenvolvem ramos de pensamento em domínios não formais”.

Assuma-se, na sequência de Marchand, que o debate à volta do suposto pensamento pós-formal teve o mérito de apelar para a necessidade de se estudar melhor a cognição do adulto, bem como de alargar a análise da sua cognição para áreas como as emoções, o

afeto, a reflexividade, a criatividade, que, para Marchand (2021, p. 139), “embora possam pressupor aspectos formais do pensamento, tudo sugere se desenvolvem paralelamente a estes.”

Também quando são enfatizadas as dimensões contextual, autorreferente, pragmática e metarreflexiva do pensamento pós-formal, em harmonia com uma proposta de análise mais integrativa do pensamento do adulto, é de supor que não estarão em causa estádios além do formal, mas sim desenvolvimentos que se verificam paralelamente ao pensamento formal (Marchand 2001).

Confluem os diversos estudos sobre o pensamento do adulto, como prossegue Marchand 2001, p. 139), quando aventam “que se torna, progressivamente, menos puramente objetivo, impessoal e racional, passando a ser mais subjectivo, interpessoal e, eventualmente, menos racional.” E Marchand convoca, de novo, Labouvie-Vief quando transcreve a seguinte passagem: “«agora o subjectivo e o objectivo, o individual e a comunidade, o self e o outro, a razão e a emoção, a mente e o corpo estão em genuína interação» (2001, p. 140). Resulta desta interação a capacidade de o adulto analisar e resolver corretamente situações do dia a dia que sejam complexas e se apresentem deficientemente estruturadas e que, conforme adianta ainda Marchand, não podem ser só solucionadas lógico-matematicamente.

Querer, mediante os conteúdos do curso anunciado por Lemieux (1999; 2001), que quem o frequente se passe a movimentar bem a nível do pensamento pós-formal, conquanto nem o pensamento formal que o antecede seja universal – só cerca de metade dos estudantes universitários manifestam possuir as operações formais –, parece ser, na opinião da autora deste texto, uma empresa de difícil concretização (ver Marchand, 2001; Pinto, 2024), admitindo, contudo, que possa não estar certa e que um dos requisitos do curso em apreciação seja um grau de escolaridade compatível com uma visão gerontagógica, ou seja: em que todos estejam de posse das condições típicas do pensamento do adulto, de preferência a pensamento pós-formal, tal como apresentado até este momento.

Apesar de não existirem provas científicas da existência de uma relação entre pensamento formal e os desempenhos académicos, existem estudos, seguindo Marchand (2001), que apontam para essa relação em disciplinas ligadas à matemática e às ciências. Isto porque, com fundamento na mesma referência, o pensamento formal caracteriza a cognição do adulto no que ela tem de mais cien-

tífico. Num outro artigo sobre as implicações pedagógicas do desenvolvimento intelectual dos estudantes do ensino superior, Marchand (2008), partindo de estudos de Kitchener e colaboradores, salienta o papel que o nível de escolaridade mais do que a idade cronológica tem no desenvolvimento do juízo/pensamento reflexivo. Pensamento reflexivo esse que, na perspetiva de Dewey, “«é marcado pela aceitação ou rejeição de algo enquanto razoavelmente provável ou improvável»” (Marchand, 2004, p. 92), sendo seus fatores essenciais, segundo a mesma fonte, “«manter o estado de dúvida e desenvolver investigação sistemática»” (p. 92). Em síntese: face a situações ambíguas que motivem perplexidade, dúvida, hesitação, dilema, deve iniciar-se, de acordo com Marchand, a busca de soluções para esse fim, isto é: acionar o processo de reflexão. Assim, para Dewey (Marchand, 2004, p. 93),

“reflexividade é sinónimo de processos de pensamento elevados, meta-analíticos [e] pressupõe [...] reconhecer os pressupostos subjacentes ao conhecimento, às crenças e comportamentos; ajuizar a racionalidade (i.e., a validade) das justificações das ideias e das acções; fazer inferências, generalizações, analogias, discriminações e sucessivas avaliações, nomeadamente em situações deficientemente estruturadas [que possam ser objeto de várias soluções e para as quais podem inclusive nem existir respostas totalmente certas].”

O pensamento reflexivo correrá, assim, em paralelo com o pensamento crítico, que terá de transitar de um objetivismo/absolutismo total para um relativismo progressivo e para um modo de pensar dialético, indo na senda do pensamento do adulto, cujas características, em conformidade com os estudos de Kramer, são: “(1) a consciência e compreensão da *natureza relativista* e não absolutista do conhecimento; (2) a *aceitação da contradição*, enquanto parte da realidade e (3) a *integração da contradição em sistemas abrangentes*, isto é, num todo dialético” (Marchand, 2008, p. 11) (itálico no original).

Documenta bem o pensamento reflexivo a passagem seguinte retirada do texto de Alípio Barra, destinado – como os demais textos de outros alunos do PEUS de que se transcreveram e transcreverão fragmentos – à publicação que marca os vinte anos do Programa: “Agora, as propostas de disciplinas para cada novo semestre causam expectativa elevada que se transforma ora em sa-

tisfação, ora em desilusão. Partilho informações e emoções com colegas, antecipo dúvidas programáticas e acerto escolhas.”

O autoconhecimento, a consciência e a compreensão do eu também se inserem de direito nos postulados gerontagógicos e a sua referência faz todo o sentido quando se pretende que no decurso da evolução cognitiva se instalem os pensamentos relativista e dialeticista que reivindicam uma postura descontextualizada, uma paulatina compreensão da missão do eu, no processo de aprendizagem formal ou não, na convicção de que qualquer ponto de vista é apenas um entre todos os possíveis. Tem, portanto, toda a relevância que, no plano educativo em debate, os docentes também: 1) incentivem a aprendizagem autodirigida, motivando os estudantes a organizar/escolher os seus currículos escolares, a descobrir projetos inovadores e a trabalhar com problemas deficientemente estruturados; 2) tragam os estudantes para o centro da comunidade de aprendizagem, fazendo deles atores merecedores desse destaque na sala de aula; 3) analisem com os estudantes as implicações emocionais que tenham sido previamente detetadas ao longo do processo de aprendizagem; e 4) exortem os estudantes a pensar de modo mais reflexivo, dialético e dialógico (Marchand, 2008).

De regresso ao princípio integrador de um curso desenhado para um público sénior em moldes gerontagógicos, pode questionar-se se o que pesa mais nesse princípio será o plano de estudos qualquer que seja o modelo ou será a forma como o ensino-aprendizagem se desenrola. No caso do público que frequenta o PEUS, na sua maioria com formação superior, a resposta à pergunta colocada só pode ser direcionada para o “como” se ensina-aprende e não tanto para “o que” constitui a oferta letiva. Acresce que as unidades curriculares que constam da oferta letiva podem ser objeto de escolha por parte dos alunos e tendem a ir ao encontro das tendências manifestadas em sintonia com a advogada aprendizagem autodirigida acima aludida.

A despeito de o plano de estudos do PEUS se poder assemelhar, em boa verdade, a um “cardápio” de escolha múltipla abrangendo diversos domínios do saber, tem a vantagem de não se aproximar de nenhum programa que trate do envelhecimento e da terceira idade como um tópico de estudo, porventura mais ajustado à formação de gerontagógicos. De resto, não será inacessível a um público com tanta curiosidade como o que frequenta o PEUS consul-

tar a literatura que se tem vindo a publicar sobre terceira idade nas várias áreas disciplinares. Aliás, saciar essa curiosidade equivale, sem mais, a que cada um se inteire dos seus direitos e deveres enquanto cidadão, atendendo a que é mesmo de cidadania que se trata. Além do mais, o “cardápio” aduzido tem efetivamente um princípio integrador, mas assente num movimento eferente e não aferente, gerado pelo grau de pensamento adulto de cada aluno. Não se estará neste capítulo longe do que se disse, seguindo Sousa Tavares, a respeito da beleza, que está mais no olhar de quem vê do que no objeto que é visto. Num caso como no outro, apesar de tudo, muito se processou, antes, da ordem de movimentos aferentes. O aluno empresta o toque gerontagógico ao currículo que escolhe e que decerto o desafia, em resultado do grau de pensamento adulto que lhe foi inculcado pela formação académica, pelo nível literário, pela experiência profissional ou outra que detenha e pelas múltiplas convivências.

Do poscénio da criação do PEUS

A partir de uma dada etapa da vida, quando alguém se reporta a marcos da sua existência secciona com frequência a fita do tempo em décadas. No atinente ao interesse que a população mais velha despertou na autora deste texto, o recurso a esse procedimento é inevitável. Se há um pouco mais de duas décadas principiou o trabalho de pesquisa que conduziu em 2006 à criação do PEUS, foi há quatro décadas com Andrée Girolami-Boulinier, Professora de Ortofonia em Paris, que a linguagem das pessoas de muita idade passou a constar das suas áreas de interesse em investigação. Nada de surpreendente visto que tinha começado uma década antes, há meio século, a colaborar no Laboratório de Estudos da Linguagem do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia do Hospital de São João/Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Estava, por consequência, familiarizada com perturbações da linguagem da esfera neurológica em adultos de diferentes grupos etários e de distintas proveniências sociais.

Estando em questão um programa educativo para pessoas mais velhas e sendo a sua formação em psicolinguística e neurolinguística e não em ciências da educação, tornou-se premente saber como funcionavam esses programas fora de Portugal, dado ainda não existir nenhum no nosso país como o que veio a ser o

PEUS. Interessava-lhe sobretudo estar ao corrente das bases teóricas em que esses programas se respaldavam (ver Pinto, 2008). No terreno, constatou como a sua formação e o seu percurso académico lhe facilitavam o entendimento do que representava envelhecer e do que era tido como imprescindível para que esse processo se tornasse ativo e saudável. E isto passou-se também há mais de duas décadas. Não se iluda quem julgue que as expressões “envelhecimento ativo” e sobretudo “envelhecimento saudável” correspondem a conceitos e políticas hodiernos e que os programas educativos para mais velhos, com um enfoque agora muito em particular no PEUS, não têm contribuído para o que se tem mais recentemente designado “saúde existencial”. A não relação de conceitos/designações – afinal preocupações – já existentes com outras que possam estar mais em moda legitima a remissão para um ensaio de George Orwell (2021) intitulado “Politics and the English Language”. Bastará substituir língua inglesa por língua portuguesa.

Nem de propósito, o fragmento abaixo, da autoria do aluno José Manuel Soares, sublinha o lado terapêutico de programas educativos como o PEUS, isto é, a cultura de uma saúde existencial na terminologia de outros especialistas:

Pertença ao grupo de sobreviventes do primeiro ano do PEUS. É uma pequena vida. Pasmese: quase um QUARTO dela! Pensando bem, sinto-me como se tivesse sido capturado pelo Peus. Sempre que aqui entro, deixo lá fora os problemas, doenças e demais inquietações. É o seu sortilégio.

...

De facto, não há registo de existir, noutra universidade portuguesa, curso tão longo! Tem princípio, mas não tem fim. A diversidade de disciplinas foi tal que, alguns – nos quais me incluo, claro – são já distintos polímatas. E continuamos a persistir. Fiéis ao aforismo: “o saber não ocupa lugar”. Será? A convivência e camaradagem que se estabelecem é o cimento agregador, que gera amizades e mesmo solidariedades bem tocantes. Às salas de aula, os sofás do bar, os convívios, as viagens e intercâmbios serão, em boa medida, os responsáveis por este ambiente “sui generis”. Apetece perguntar como é que uma população tão heterogênea, com experiências profissionais diversas, cursos académicos variados, idades nem sempre próximas, foi capaz de construir tal ambiente. A merecer um “estudo de caso”. Digo eu “Ex Cathedra”! ...

Convívio (combater a solidão) e obter mais conhecimentos são as duas respostas mais óbvias à questão: “Que faço eu no Meio do Peus?”.

Já o aluno Valeriano Lemos sabe bem contrapor o ambiente do PEUS, assim se infere, com a passividade em que se via envolvido antes: “Foi o que cá fiz no meio do PEUS nesta década, ao mesmo tempo que me fui livrando da passividade, pouca motivação e perda de convívio, em que com facilidade somos envolvidos com a falta de objetivos.”

Conclusão

Importa aditar, para terminar, que, se as ciências da educação não tomaram a seu cargo a criação de um programa educativo para um público sénior na UP, o que parece ser a prática mais comum nas universidades tradicionais no estrangeiro, talvez tenha sido por ter faltado interesse pela população em foco ou talvez pouca sensibilidade para o fenómeno de envelhecimento demográfico em Portugal, que já dava sinais há mais de duas décadas.

Não é incontestável que o destino do programa com essa origem tivesse sido idêntico. Constatar, não obstante, que o PEUS conseguiu atingir duas décadas de atividade permanente já representa muito porque projetos deste teor conhecem impreterivelmente continuidades com flutuações e enfrentam dificuldades providas dos mais diversos quadrantes. Resumindo com uma frase inspirada em Abad Faciolince (2024): a vida do Programa não transcorria sempre mergulhada numa entediante rotina prazenteira e sorridente.

A formação em psicolinguística e neurolinguística da sua fundadora serviu certamente não só de motor gerador de empatia pelo enquadramento teórico que deve presidir à criação de um programa educativo talhado para o público visado, mas também de capacitação para gerir toda a espécie de vicissitudes.

Visível deve ter ficado que a coordenadora do Programa pertence ao mundo académico, o que a faz ver na investigação um fãl que deve guiar qualquer projeto. Acomodou-se assim o seu perfil à concretização do projeto dimanado da proposta que teve para delinear um programa de educação contínua vocacionado para a aprendizagem ao longo da vida de um público sénior, como se teria adequado caso tivesse de projetar um curso de formação ge-

rontagógica para quem pretendesse ensinar esse público. Aliás, uma ideia que lhe viera à mente antes mesmo da proposta que recebeu para planear o PEUS e a que também teria servido de alicerce o quadro teórico da gerontagogia. Casual não parece ser que André Lemieux (2001), no seu livro “La gérontagogie: une nouvelle réalité”, mas já antes noutras iniciativas, apresente dois programas de gerontagogia: um desenhado para um público sénior da competência dos professores das faculdades de educação e outro dirigido a formadores e igualmente vinculado a essas faculdades. Estriba, porém, o autor essa ligação entre programas em noções que apontam em grande escala para a psicologia, conquanto sobretudo o programa reservado a formadores seja mais do domínio das ciências da educação. Como conceber, contudo, o ensino e a aprendizagem sem as bases psicológicas que tanto seduziram a autora deste texto e a levaram a cruzar o que ouvia e lia sobre gerontagogia com o que aprendera no domínio da psicologia e da psicolinguística piagetianas, na *Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation da Université de Genève* nos anos setenta do século passado, e inclusive na esfera da ortofonia aplicada à linguagem das pessoas com muita idade, nos anos oitenta do mesmo século em Paris, com Andrée Girolami-Boulinier e colaboradoras?

A sua pertença ao mundo académico também explica e justifica a sua escrita pontuada por citações: umas de autoridades da temática em balanço e outras respigadas, após uma leitura atenta e interessada, de textos saídos da pena de alunos do Programa. Terão sido em grande quantidade para alguns leitores e em número equilibrado para outros que reconhecem a necessidade do recurso a fontes diretas, não parafraseadas, em conteúdos científicos que, em virtude de demandarem um tipo de leitura mais exigente, reclamam uma escrita polifónica, um jogo de vozes com crédito no tema em análise. A tolerância de alguns leitores talvez radique na sua sensibilidade para a dinâmica que se liberta dessas vozes, que tanto beneficia a compreensão leitora como serve de referência a quem quiser conhecer melhor o pensamento do adulto, tido como pilar da abordagem gerontagógica a ser adotada por qualquer programa educativo para um público sénior que clame bases teóricas apropriadas aos objetivos em vista.

Aos leitores que tenham conseguido chegar até aqui sem terem saltado páginas ou citações e sem terem sentido o mínimo desconforto com o número de transcrições, os designados leitores fiéis, re-

veste-se de oportunidade partilhar o toque de humor fino de Julio Cortázar (2023) quando no início do seu livro “A volta ao dia em 80 minutos” comenta que muito provavelmente o leitor já terá verificado que na sua escrita as citações formigam. Exclua-se, todavia, a ideia de que o autor mostra arrependimento e altera o seu estilo. Ao invés disso, ele previne que muitas mais virão, nada igualável ao número já detetado. Em tom que só pode ser jocoso, acrescenta “ou seja, quase tudo” (p. 11).

Neste texto, não terá sido quase tudo. À guisa de legitimação do emprego desse artifício, um outro esclarecimento é devido. As citações retiradas de produções escritas de alunos foram usadas porque espelham seminalmente a tese segundo a qual – sobretudo numa população adulta como a que frequenta o Programa – o moldar do objeto de ensino está mais do lado de quem se decide pelo processo de aprendizagem do que do lado desse objeto, reproduzindo o movimento eferente já mencionado. As demais citações visam compartilhar literatura sobre o processo de envelhecimento cognitivo, ou seja, como aduzido, acerca do pensamento do adulto e seu potencial: pensamento que supostamente domina no público-PEUS. O texto onde estão encastradas as citações é da criação da signatária deste escrito, que com ele põe também à prova o seu pensamento de adulto.

Transcorridos dois decénios de existência, o PEUS denota uma identidade, ou melhor, uma continuidade de identidades, como advertiria Manoel de Oliveira², reconhecida por grande parte dos “EUS” nele agregados. Fatiada a continuidade identificadora do Programa, podem verificar-se ao longo do primeiro decénio duas identidades: a primeira correspondente a um modelo educativo com três anos e a segunda adaptada à vontade que os alunos manifestaram em nele permanecer, o que motivou uma remodelação que também se ajustasse às temáticas que mais lhes agradavam. Já no decurso do segundo decénio destacam-se três identidades: uma antes da pandemia, outra durante a pandemia e a terceira após a pandemia. Serão cinco as identidades que, porque governadas por um princípio integrador, ganham uma continuidade assegurada

2 Programa “Roda Viva”, Manoel de Oliveira, 20/11/2000, minuto 18-19, https://www.youtube.com/watch?v=UY_VMKa6nzE, acedido a 6 de março de 2025.

pela marca identitária do PEUS, pela sua impressão digital. Uma impressão digital que atrai alunos, que, porque satisfeitos, trazem outros.

Com a lisura própria do seu animismo muito singular, o PEUS não ficará por certo indiferente, muito pelo contrário, à sua divulgação pelos alunos junto de colegas e amigos. E verá igualmente com gratidão a celebração dos seus vinte anos por quem sinta que o seu EU é dele o núcleo.

Por tudo o que foi exposto, merece bem o PEUS que todos os “EUS” se unam para de alguma maneira festejarem os seus vinte anos.

Maria da Graça Pinto

Coordenadora Científica do PEUS

Professora Emérita da UP

Referências

Abad Faciolince, H. (2024). *Somos o esquecimento que seremos*. Tradução de Margarida Amado Acosta do original *El olvido que seremos*. 1.ª edição 2023, 1.ª republicação 2024. Lisboa: Alfaguara.

Berger, J. (2018). *Confabulações*. Tradução de Maria Eduarda Cardoso do original *Confabulations*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Cazden, C. B. (1974). Play and metalinguistic awareness: One dimension of language experience. *The Urban Review*, 7 (1): 28-39.

Cortázar, J. (2023). *A volta ao dia em 80 minutos*, 5.ª edição. Tradução de La vuelta al día en ochenta mundos, por Alberto Simões. Lisboa: Cavalo de Ferro.

Downing, J. (1988). Comparative perspectives on the development of the cognitive psychology of reading in the U.S.S.R. In J. Downing (Ed.) *Cognitive psychology and reading in the U.S.S.R.* (pp. 1-27). North Holland: Elsevier Science Publishers B. V.

Duffy, B. (2025). *Os perigos da percepção*. Talvez estejamos errados acerca de quase tudo. Tradução do original *The perils of perception* por Ilda Luís. Lisboa: Livros Zigurate.

Lemieux, A. (1999). La gérontagogie et les programmes universitaires pour les personnes du troisième âge. Perspective pour les facultés d'éducation. *Conference on Elder University Programs: Education, Research, Social Reengagement and Collaboration Networks*, organisée par L'Université de Granada, Le Ministère du Travail et des Affaires Sociales d'Espagne, L'Année internationale de la personne âgée, Le Conseil Régionale d'Andalousie. 17 décembre 1999, 53 p.

Lemieux, A. (2001). *La gérontagogie: une nouvelle réalité*, avec la participation

de Mariano Sánchez Martínez: Montréal: Editions Nouvelles.

Levitin, D. J. (2020). *Successful aging. A neuroscientist explores the power and potential of our lives*. USA: DUTTON.

Luria, A. R. (1988). The pathology of grammatical operations. In J. Downing (Ed.) *Cognitive psychology and reading in the U.S.S.R.* (pp. 95-141). North Holland: Elsevier Science Publishers B. V. (Este texto foi publicado originalmente em língua russa, em *Izvestiia*, APN, RSFSR, 1946, n.º 17.)

Marchand, H. (2001). Temas de desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso. Coimbra: Quarteto Editora.

Marchand, H. (2002). Em torno do pensamento pós-formal. *Análise Psicológica* 2 (XX): 191-202.

Marchand, H. (2004). O desenvolvimento da reflexividade na vida adulta: teoria, dados e implicações na formação. *Revista da Educação*, XII (1): 91-101.

Marchand, H. (2008). Desenvolvimento intelectual e ético em estudantes do ensino superior – implicações pedagógicas. *Sísifo / Revista de Ciências da Educação*, 7 (set/dez 08): 9-18.

Orwell, G. (2021). *Porque escrevo e outros ensaios*, 2.ª edição. Tradução de Desidério Murcho. Lisboa: Antígona.

Piaget, J. (1964). *Six études de psychologie*. Genève: Éditions Gonthier, S. A.

Piaget, J., & Inhelder, B. (1975). *La psychologie de l'enfant*. Collection "Que sais-je?", N.º 369. Sixième Édition. Paris: Presses Universitaires de France.

Pinto, M. da G. L. C. (2008). *Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: agora, antes, depois*. C05 CAPFLUP. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Pinto, M. da G. L. C. (2024). Do pensamento de adulto e da sua projeção na Universidade e no mundo. *VERBUM*, 13 (2), 9-40.

Pinto, M. da G., Babo, A., & Soares, J. M. (Orgs.) (2016). *Dez anos de um projeto inédito na Universidade do Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sousa Tavares, M. (2024). *Falar piano e tocar francês. Arte, cultura e humanismo na era dos memes*. Lisboa: Livros Zígrate.

Wood, J. (2024). *A coisa mais próxima da vida*. Tradução do original *The nearest thing to life* por Joana Jacinto. Lisboa: Livros Zígrate.

As múltiplas vozes do PEUS

A pandemia a uma voz

Alcino Silva Aluno

Subitamente, mergulhamos num país de sombras, num cerco que se aperta em torno do corpo e da alma. Subitamente, sem rosto, instalou-se, sem olhar a fronteiras nem a povos e amedrontou-nos mesmo sem o vermos e sem o podermos olhar e quando o percebemos, assentou no interior dos nossos sentimentos e emoções, adulterando a vida, mergulhando de braços estendidos no que muitos acreditávamos ser a melhor vida de sempre e outros a felicidade nunca vista, cheia de crescimentos e de bens sempre tão necessários quanto supérfluos. Com os poderes de um senhor divinal, move-se por entre as fileiras dos que agora aguardam silenciosamente a entrada nos supermercados e aceitam sem queixume todas as proibições que vão chegando e se oferecem para deixar os sonhos suspensos. O futuro curvou-se sobre todos e encerrados em casa, olhamos quase atónitos o vento que corre no exterior. Enquanto os aviões baixam as asas já não alimentamos o pensamento para além da esquina mais próxima. Tudo parecia infinito até ao momento em que o porvir nos entrou pelo cérebro dentro e escureceu o olhar. Aguardamos, tentando inventar a vida que ontem não imaginávamos existir. A realidade superou a ficção. Acordo com o ladrar dos cães. Os olhos abrem-se doridos e adormecem de novo. Quando saímos para a rua, há uma serenidade plena. Um carro passa como algo invulgar. Como não circulam automóveis nem pessoas, podemos olhar toda a extensão das artérias e parece que as árvores que as ladeiam nunca tinham existido. Na rua principal, a serenidade é substituída pelo silêncio. A serenidade, sentimo-la, o silêncio escutámo-lo. Por aqui já um nadinha mais de movimento, os automóveis deixam um rasto de ruído a que já não estamos habituados. Passa um de cada vez. Só quando o somido de um se apaga, outro recomeça. No centro há mais gente e mais veículos e no Café só duas pessoas nos aguardam. Prosseguimos a marcha para a loja das raspadinhas, dos lápis e papéis que também entrega o correio. Aguardamos no exterior, em fila distanciada, sem que alguém ordene ou se queixe, como se há muito assim acontecesse. Descemos até à avenida do porto, o movimento automóvel aumenta, mas

nada como há uma semana atrás. Vivemos agora num país diferente como se tivéssemos esquecido o outro. O autocarro surge em marcha muito moderada, dez minutos antes do horário. Pode-se escolher o lugar e as janelas superiores estão abertas para que o ar circule. Em casa, procura-se entretenimento, com o jardim, com as árvores, na companhia dos cães, alegados por uma presença tão constante. As necessidades dividem-se em duas, as físicas e as psicológicas. A nossa saga prossegue e já lá vai mais de um mês. Um murro na testa que levamos atordoou-nos para dias sem fim. Começam a aparecer as saudades de uma boa francesinha, um cachorro no Gazela ou das tripas na Taverna Santo António e não sabemos quando o nosso apetite poderá ser saciado. Entretanto, a chuva apertou ainda mais o cerco, reduzindo o espaço onde poderíamos respirar mais fundo. Dizem-nos que apareceu uma luz ao fundo do túnel, mas este é o mais longo das nossas vidas. Dizem-nos que estamos no planalto e que será longa esta travessia até que o caminho se incline para a descida. Mas pensarmos em planalto, leva-nos a meditar sobre a Mourela, nesse tecto que mais parece uma planície com o traçado curvilíneo e quase fantasioso da estrada, rodeada pelos pequenos outeiros que se erguem afastados das margens e no seu percurso, soam quase em sonância mágica os instrumentos de Savall contando-nos a história do Mediterrâneo, mas a Mourela é apenas um espaço de passagem para um outro planalto, noutra latitude que nos projecta da Fonte Fria para o cume da Nevosa que se ergue ao longe, num tempo quase infinito, apelativo e desafiador. E leva-nos também, sobretudo na Primavera, nesses dias de Maio em que as urzes se erguem rebeldes numa profusão de cores, fazendo diluir o caminho em esconderijos que temos de descobrir e oferecendo ao olhar essa beleza que extasia gerando em nós a alegria da poesia de Saramago, *“das crinas dos cavalos, do mar da vida toda”*. Estes são os planaltos que desejamos se alonguem, se alastrem por um tempo infinito. Mas este planalto de que agora nos falamos é pleno de dor, de uma mágoa de lágrimas, de encerramentos monacais, mas sem os claustros com as suas fontes de água límpida e corrente que nos permitiriam a reflexão, e sem as sólidas abóbadas góticas que nos protegeriam. Sentimo-nos desamparados nesta travessia de um deserto silencioso anunciador de uma tempestade quase perfeita que se avizinha. Aguardamos neste teste que parece decidir o futuro. Desde aquele extraordinário dia em que do fundo do nada surgiu o senhor das trevas e das sombras e, o nosso

mundo, pleno de rotinas, lugares conhecidos, amigos sempre nos espaços necessários, uma vivência que sonhava eternidade mas se contentava com dias quase perfeitos, desabou para o interior das casas, de nós próprios e encerrou tudo o mais em redor. Foi o tempo das ruas vazias, dos temores, dos gritos que se escutavam nas madrugadas sem nome, em que cada um fugia do outro e de si próprio. Apagaram-se as luzes do tempo e os túneis passaram a lugares de abrigo. Como demorou o dia em que ansiosos espreitámos pela janela, procuramos com o olhar tudo o que antes conhecíamos e parecia que o pretérito se tinha evaporado. Em que estado físico estaria agora a vida que sempre conhecemos, as aldeias e vilas por onde tínhamos passado, as casas com flores nas janelas. Que mundo era este que se apresentava ao nosso olhar, era novo ou diferente? Como sabê-lo sem sair à rua. Foi então que caminhámos como as crianças, devagarinho, a medo, espreitando para o lado e para além, tentando descobrir o desconhecido, procurando as pessoas, mas sem que nos aproximássemos, falando à distância, escondendo o rosto e temendo em cada passo que dávamos. O Verão chegou, mais um Verão ou outro Verão era algo que ainda perguntávamos e não conhecíamos a resposta. A vontade e o desejo de acreditar que agora seria definitivo, que teríamos, não vencido, mas iludido o poder subtil e manhoso do infinitamente pequeno. Por fim conhecíamos os rostos que imagináramos daqueles que conhecemos com eles isolados, temendo a maldade insidiosa do que não víamos. E quando o tempo parecia cativar-nos com aquela doçura de serenidade intemporal, quando deslizávamos *naquela hora dos mágicos cantos*, numa dessas esquinas da vida que nos escondem o amanhã, um de nós partiu rumo à eternidade. A maldade que queríamos acreditar ter vencido, deixara pedras no caminho, também elas disfarçadas e sem visibilidade, mas lá estavam para nos surpreender. Como o *creation* da canção dos Moody Blues, a vida foi-se erguendo com a lentidão de uma pedra inerte agarrada a um penhasco e empurrou-nos para essa avalanche que é o quotidiano a tombar sobre a estrada que temos de percorrer. Ah, sim, o estudo da pandemia, pois o conhecimento só se alcança percepcionando a realidade.

As múltiplas vozes do PEUS

“O que faço EU no meio do PEUS...”:
um “pot pourri” de vozes de alunos,
docentes e funcionários

Um desafio e um abraço

Caríssimas Companheiras e Caríssimos Companheiros de PEUS,

Escrevo-vos, neste princípio do novo ano, eu que sou naturalmente encantada por todas as espécies de princípios, para vos dar as boas-vindas, para aplacar um pouco as saudades e para vos estender um desafio.

O PEUS cumpre, por estes dias, a bonita efeméride de vinte anos e, à semelhança da celebração aquando do décimo aniversário, a Faculdade – com o alto patrocínio das professoras Paula Pinto e Maria da Graça Pinto – decidiu cozinhar uma ideia cuja concretização vos tem a vocês como ingredientes essenciais. O projeto envolve a edição de um livro, uma antologia de textos vossos, que gravitem em torno do tema:

O que faço EU no meio do PEUS.

Este tema que se pretende como elemento aglutinante é, na verdade, supinamente inspirador, uma vez que os assuntos subjacentes são, afinal, vocês. Eu, que pouco ou nada tenho feito além de escrever – e é por isso somente que não me encontram aí por perto a aborrecer-vos as tardes de terça-feira –, venho puxar-vos para esta minha vida sossegada – às vezes, tumultuosa – das palavras, e convidar-vos a afiarem os lápis ou a sacudirem o pó às páginas que se vos escondem na gaveta. Venho relembrar-vos que muitos de vocês foram, em tempos, quase escritores e que vos tenho, agora, por escritores inteiros.

O projeto PEUS, que vale sobretudo pela comunidade que encontrou em cada um de vocês e em todos vocês, merece que se lhe faça esta homenagem. Homenageando-o, queremos homenagear-vos, guardando nas páginas deste livro os vossos contributos, que podem chegar em qualquer género literário: da crónica ao soneto, do conto ao aforismo, do poema livre à memória, em testemunhos que fixarão as vossas experiências, pelas vossas palavras, na história desta escola em que são alunos e professores, inscritos e construtores.

Confiantes na boa receção que terá este nosso desafio, e respondendo à necessidade de gerir espaço e uniformizar um pouco o conteúdo do livro, as determinações técnicas para a equipa de redatores são as seguintes: pedimos que os textos não excedam as 2 páginas A4, em letra Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento de 1,5 entre as linhas. O prazo para a entrega dos trabalhos, último elemento essencial, é 25.02.2025, um palíndromo que inaugura já o jogo das palavras (e dos números).

Resta-me agradecer, em meu nome e em nome das Professoras Paula Pinto e Maria da Graça Pinto, a atenção que dedicaram a este nosso repto, deixando-vos, agora, o espaço e a liberdade para a criação. E, claro, o desafio é inteiramente facultativo, só o abraço é que já é vosso.

Com carinho,

Raquel Patriarca

Adrião Cunha Docente

Vinte anos PEUS

A possibilidade de poder colaborar com o «PEUS», além de um significativo e gratificante privilégio, representa para mim um particular e muito interessante desafio no plano pedagógico, pela abordagem teórica, educacional e formativa face aos temas a desenvolver e à singularidade do alvo recetor.

O «PEUS» constitui um universo único, frequentado por um público discente com formação multidisciplinar diversa, naturalmente exigente, na busca de novos conhecimentos, numa abordagem diferenciada, dos resultados obtidos num outro tempo da vida académica de cada um. Motivo para tentar acrescentar mais saber ao conhecimento, por cada um obtido, numa fase anterior da vida, que tenha contribuído para o enriquecimento e visão de um mundo passado, que possibilita consciencializar ter vivido o futuro!

A singularidade do universo discente do «PEUS», na perspectiva da micro-história, requer e estimula uma cuidada abordagem de temas universais, no respeito por experiências formativas anteriores, que não deve, nem pode, impor resultados predeterminados. A heterogeneidade deste universo, com valiosa experiência de vida, conhecimentos e motivações diversas, a que crescem múltiplas e naturais perspetivas, constitui um universo único, que enriquece as partes, no respeito pelas peculiaridades socioculturais de cada um. É o caso.

É com o maior prazer que me associo à comemoração dos vinte anos do «PEUS», desejando a continuação da sua relevante contribuição na área do saber mais. Parabéns.

Alcino Silva Aluno

Um novelo de névoa percorre a extensa planície de areia e acreditamos ver as águas mediterrânicas no longínquo horizonte a Oeste. A tarde vai evoluindo nesta solidão desértica que nos rodeia e um murmúrio de silêncio cerca-nos o pensamento, deixando-nos nessa espécie de êxtase que surge no interior da beleza que o olhar alcança. Trazemos ainda pousado em nós o conforto sentido na travessia do Eufrates, esse rio de águas preguiçosas que desce do planalto da Anatólia em direcção à água marítima do golfo a Sul. Uma espécie de calor humano envolveu-nos quando no nosso imaginário os sinos monacais em Deir-ez-Zor badalaram num lento adormecimento no mesmo instante em que a voz do muezin elevando-se sobre o rio e as colinas de areia dura, planaram num apelo à oração a Deus. A beleza e a perfeição a marcaram a caminhada humana pela história. Agora, no entanto, com o declinar da tarde, uma rara frescura parece mover-se na nossa direcção e vemos surgir os muros de amarelo ocre acobreado da invencível Palmira. Os raios de luminosidade que descem neste momento tardio sobre as pedras milenares, desenham contornos mágicos em cada canto da cidade tombada sobre si própria, na resistência permanente, aos ventos, às areias, ao tempo e à infinita maldade humana. O templo de Bel, os deuses pagãos que explicavam então a história humana e submetiam o poder terreno às forças da natureza. O arco do triunfo, símbolo de uma vitória que parecia infinda, mas que o viver humano se foi encarregando de destruir. Caminhando entre ruínas, experimentámos ao mesmo tempo, o clamor da vitória e o pavor da derrota. Os passos de povos que aqui chegaram e aqui viveram aparecem-nos numa mistura de grandeza e de declínio. Da grandeza deixaram-nos estas pedras e paredes altivas, amparadas pelo sossego e quietude do deserto e insistindo em bater-se, século após século perante a intolerância e a miséria humana. Neste tempo que nos trouxe até este lugar, onde o olhar vadia entre a nostalgia e a tristeza, tentamos sobreviver a uma melancolia que nos conduz a tempos pretéritos. Quando o futuro é já apenas uma estrada sem saída, só nos é possível voltar-nos para o passado e para o caminho

percorrido, tal como ao vaguear por estas ruínas que outros dias já viveram e descansam agora sobre esta planície de areia, mas nem este isolamento lhes permite escapar ao pesadelo da mão humana que, suportando-se em pretensos deuses, usam a intolerância para apagar da memória o rio da história milenar que a humanidade foi escrevendo num conto evolutivo por todo o terrenal planeta. A anciã Palmira, mostra-nos como a inteligência e a destruição caminham pelo mesmo atalho da vida e a cada avanço da primeira, responde um grau de grandeza da segunda. O sol esbate-se agora num amarelo fosco esfarrapado de vermelhos ardentes sobre o horizonte que o olhar alcança. Na verdura dos hortos que rodeia a velha cidade, deixamos o pensamento à solta, errando preguiçosamente por entre as sombras que se vão espalhando. Sentimos os sons de uma sinfonia harmoniosa estender-se sobre o lugar, e acreditamos escutar de novo, o apelo para os crentes se dirigirem a Deus, na mesma ocasião que o replicar dos sinos ao longe na cidade dos mosteiros. Quando nos deleitamos bebendo estes sons diluindo-se, alcança-nos as duas perguntas que há muito nos encham a reflexão da vida, *“por quem dobram os sinos?”* e o que fazemos aqui? Os sinos, sem dúvida que dobram pela humanidade, sobretudo, no viver actual pleno de tanta ruína ética e moral. Aqui, nestas paredes que abrigam o acumular do saber, hoje e no passado, tal como em Palmira, procuramos na História as respostas a tantas perguntas que se acumulam. É provável que as respostas não cheguem a alcançar-nos e o som plangente dos sinos continuem a planar no deserto sírio, misturando-se num ardor permanente com os chamamentos para Deus, na tentativa constante de apelar à humanidade para que saiba sobrepor a razão à loucura da ganância e da avareza.

Alexandre F. E. Albergaria Docente

Há uma frase do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, no seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, que sempre me acompanhou: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.” Quando a li pela primeira vez, confesso que não alcancei de imediato toda a extensão deste pensamento. Hoje, porém, encontro nela a bússola que guia o meu ofício: cada expressão, cada nuance linguística é uma pequena porta que se abre para um mundo novo. E, quando ajudamos alguém a desbravar esse caminho, participamos de uma aventura de constante expansão.

No PEUS, descubro diariamente que nunca é tarde para navegarmos por mares ainda por cartografar. Aqui, o entusiasmo dos estudantes — cada um com as suas décadas de experiências vividas, únicas e singulares — prova que a idade não é um entrave, mas sim um farol que ilumina a aprendizagem. O interesse genuíno por novas formas de expressão e por culturas tão diversas faz com que as nossas salas de aula se transformem num espaço de partilha e metamorfose mútua. Em cada encontro, aprendemos todos: quem ensina e quem aprende.

O meu papel, no meio do PEUS, é o de guiar estas expedições pelas palavras, ainda que, no fundo, sejam os próprios alunos a conduzi-las. A cada semestre, sentimos na pele a força que o domínio de outra língua tem para redefinir os horizontes de quem a estuda. Abrimos portas para a literatura e a história que se contam em inglês, mas também para o enriquecimento pessoal de cada um, quando os temas discutidos passam a moldar visões de vida e de mundo.

Tal como um navegador que consultasse mapas antigos e descobrisse rotas esquecidas, também nós, em conjunto, descobrimos passados e futuros que antes pareciam inacessíveis. Com o estudo do inglês — e das suas muitas variantes — germinam também o respeito pela pluralidade de vozes e a consciência de que, através das palavras, podemos recriar a realidade.

Recordo-me de um verso bíblico que simboliza o poder fecundo da linguagem, da palavra — o instrumento da criação de

Deus: “Haja luz; e houve luz.” Bastaram poucas sílabas para que algo novo, magnífico, emergisse do vazio. Assim se reflete na sala de aula, quando alguém encontra a expressão certa para verbalizar uma emoção que estava guardada, ou quando um simples diálogo fictício se transforma numa revelação sobre as nossas próprias vivências.

No PEUS, assisto a momentos em que cada pessoa, dotada da sua experiência de vida, acrescenta uma cor distinta ao quadro comum. E acredito que a missão fundamental, tanto minha como de cada um dos que participam neste projeto, é a de manter vivas a curiosidade e a vontade de descobrir. Quando ampliamos o nosso vocabulário, estamos a criar novos “espaços” internos, onde poderá habitar uma compreensão mais profunda de nós próprios e dos nossos pares.

É essa a herança que me comprometo a deixar: a certeza de que, ao expandir os limites da língua, se expande também o nosso universo. Cada aluno que entra na sala traz consigo a possibilidade de desbravar um mundo inteiro — o seu e o do próximo. E, nesse processo, acaba por transformar, simultaneamente, a sua história pessoal e a do PEUS.

Neste espaço de aprendizagem, alargo horizontes ao lado dos meus alunos, testemunhando aquilo que Wittgenstein defendeu há mais de um século: ultrapassamos as fronteiras do possível quando aceitamos que a linguagem é o nosso passaporte para novos mundos. Por isso, ergamos velas, corajosos, e façamos surgir luz onde ainda há sombra. Porque, verdadeiramente, nunca é tarde para começar.

Alípio Barra Aluno

O que faço EU no meio do PEUS? Depende. Subjacente às respostas que vou dar a seguir, haverá um fio condutor que talvez se consiga apanhar antes do fim da encomenda. Nos dias sem a iminência de trovoada, bâtega de água ou queda de neve, EU sou o primeiro a abrir as janelas da sala de aula para a arejar livrando-a dos miasmas dos ocupantes precedentes. Meditando sobre o assunto, concluo que o ato, muito arrojado naqueles dias ventosos que fustigam as torres, criando remoinhos e arrancando azulejos, contribui para um bom relacionamento intergeracional.

EU gosto de um outro gesto que gera geralmente bastante gosto: no período pré-aula, ter uma cavaqueira amena com colegas no bar do segundo piso à volta ou por cima de um café (“over a cup of coffee” como se diz na outra língua que gosto muito de falar).

Os dois gestos atrás descritos suscitam imagens representativas do que EU faço no meio do PEUS. Por exemplo, quando alguém entra na sala uns minutos depois de mim e diz: “Por favor, quem pode fechar aquela janela ao fundo? Não se aguenta esta corrente de ar! Ah ... Foi o senhor! Ok!” Só mais um exemplo. “Aquele colega (EU) disse que o Doutor Luis Amaral devia mandar ler dois livros como preparação para o curso História, Memória e Identidade: *O Labirinto da Saudade* de Eduardo Lourenço e *A Formação de Portugal* de Orlando Ribeiro.”

O PEUS passou a fazer parte de MIM em 2019. Antes existia na minha mundividência, mas longe das atenções, qual bloco de gelo nos confins do sistema solar. De vez em quando, o objeto piscava no meu radar pela mão de um colega aposentado que perguntava “Então, quando te inscreves no PEUS?” Esse foi o período, entre 2011 e 2018, em que, pelas escolhas de vida dos meus dois filhos, antes do Brexit, o Reino Unido originou alternância de estadas cá e lá, em Londres e Cambridge, de semanas ou meses de duração, não permitindo a frequência do PEUS.

Nessa época, afinal de contas, já desenvolvia as estratégias de estudante sénior que, mais tarde, vim só aperfeiçoar no PEUS. Comprava livros - em língua inglesa - pertencentes a áreas do co-

nhecimento fora dos meus temas favoritos até à aposentação, ou seja, a didática do ensino do Inglês como língua estrangeira e o processo de ensino-aprendizagem e entraram a Geografia Urbana Histórica, a Geopolítica, a História do Cristianismo, a Arquitetura Românica, a Literatura com Prémio Nobel... Às leituras somavam-se duas a três horas diárias passadas na Wimbledon Library ou na Central Library, a segunda em Cambridge, onde enchia cadernos de apontamentos. Às vezes, um tópico empertigava-se secando as outras leituras durante dias.

Como já disse, entrei no PEUS em 2019. Passados cinco anos, sinto que a experiência amadureceu e continua gratificante. Os anos dramáticos da pandemia trouxeram clausura e barreiras nunca antes vividas, mas o PEUS soube transformar-se em praça aumentada. Com a ajuda das tecnologias da informação, reencontrámo-nos povoando um ecrã de rostos numa sala de aula virtual imaterial numa praça ilimitada que incluía, sem as demolir, as paredes materiais da FLUP. Fizemos viagens sem sair do lugar, sobrevoámos o empedrado das ruas e praças do Porto com uma professora poeta, com outro mestre calcorreámos mentalmente o cardo e o decumanus de tantas cidades, sorvemos a beleza dos frescos de Nebamun sem nunca termos estado no Antigo Egito. Cada sessão “zoomiana” servia-ME como um comprimido. Estar no meio dessa praça aumentada era como que um exercício de autodefesa contra a depressão e o medo. Após a aula naquela praça imaterial, EU continuava os temas na Internet, nos livros da biblioteca doméstica e nos outros que chegavam pelo correio.

Têm sido muitos os assuntos que ME entusiasмам. Em vários cursos, quando os docentes o sugerem, respondo com pequenos trabalhos baseados em pesquisa. Recordo-me bem de um texto sobre a reconstrução de Londres depois do Grande Incêndio de 1666, tendo, em dezenas de páginas, explanado, sobretudo, a forma como a City geriu a situação financeira. Noutros casos, como aconteceu na História do Cristianismo, fiz alguns resumos de livros escritos em língua inglesa para que as suas teses chegassem a colegas das tais conversas “over a cup of coffee”. Noutros, segui simplesmente os meus interesses, tendo produzido documentos longos, mas ainda por acabar. Por exemplo, ainda recentemente revisei no Museu Britânico em Londres a sala dos frescos da capela-túmulo de Nebamun a que tinha dedicado muitos dias de pesquisa. Também por acabar está uma recolha de quase uma centena de representa-

ções da ceifa através da pintura originada num episódio de uma aula de História da Arte sobre um quadro de Silva Porto. Mas de todas estas derivas, a que ME está a empolgar mais é a pesquisa sobre a nossa Fonte dos Leões e a sua Praça, que origina, para já, um pequeno “livro” em construção a embrulhar algumas teses que não vi publicadas em lado algum e com uma perspetiva diversa da de consagrados autores que a ambas se referiram.

Agora, as propostas de disciplinas para cada novo semestre causam expectativa elevada que se transforma ora em satisfação, ora em desilusão. Partilho informações e emoções com colegas, antecipo dúvidas programáticas e acerto escolhas. Dou comigo a pensar sobre o que EU NÃO faço no meio do PEUS: Porque não posso rever o meu francês? Como aprendi italiano nestes últimos anos como autodidata, um curso PEUS faria jeito. Gostava que muitos professores que tenho conhecido, ainda que de grande craveira académica, se centrassem mais nos alunos dando-lhes espaço de participação, por exemplo, encaixando algumas atividades abertas ou propondo textos para análise. Não me satisfaz ficar calado quando um professor muito versado em teoria da literatura fala durante horas a propósito de um grande livro sem nunca dele ler sequer uma linha.

Que bom estar assim no meio do PEUS!

Amélia Meleiro Magalhães Aluna

Tive conhecimento da existência do PEUS através de algumas amigas e a curiosidade de vivenciar a experiência fez o resto. No princípio, quando decidi fazer a minha inscrição sobressaltavam-me algumas dúvidas sobre o que seria aquele ambiente académico, mas depois, a cada dia, a cada aula, deu para perceber que havia uma possibilidade de poder aprender num ambiente descontraído e desprendido.

O PEUS é uma excelente oportunidade para nos mantermos ativos, iniciar ou aprofundar temas muito diversificados ao gosto e disponibilidade, fortalecendo o espírito de participação e convívio que alimentam o nosso rejuvenescimento mental.

As aulas, as visitas de estudo, a camaradagem que se renova a cada nova participação, mas, também, a envolvimento num ambiente universitário que pensava já muito distante foram e são um excelente contributo para manter uma atividade cultural muito importante nesta fase da minha vida.

Gostaria deste modo de congratular a FLUP, na pessoa da Doutora Graça Pinto, e todo o staff responsável por manter este programa, desejando que continuem a fazer a diferença e a dar rosto a esta ligação da nossa Universidade do Porto com a sociedade civil.

Ana Carolina Avilez de Basto Funcionária

Desde a criação do Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS), sempre o acompanhei com grande admiração. Ainda que à distância, fui testemunha do impacto positivo que tem na vida dos seus alunos. Nos últimos 11 anos, a trabalhar na Biblioteca da Faculdade de Letras, tive a oportunidade de conhecer alguns dos seus participantes e de perceber o entusiasmo com que falam desta experiência.

O PEUS não só proporciona um ambiente de aprendizagem enriquecedor, como também fomenta uma interação única entre alunos, docentes e comunidade académica. Esta troca de conhecimentos e vivências amplia horizontes, promovendo um espírito de partilha e crescimento mútuo. O contentamento expresso pelos alunos demonstra que este programa vai muito além da educação formal – é um espaço de descoberta, convívio e renovação intelectual.

Tive também o privilégio de fazer parte da montagem da exposição «*O Porto visto pelo PEUS: exposição de imagem e som*», realizada em fevereiro deste ano, no âmbito das comemorações dos 20 anos do PEUS. Esta experiência reforçou ainda mais a minha admiração pelo programa e pelo impacto que tem na comunidade académica e na cidade, bem como o desejo que venham muitas outras décadas de comemorações.

Andrea Rodríguez Iglesias Docente

Pouco depois de começar a dar aulas na Faculdade de Letras, tive a experiência de dar aulas de espanhol em vários grupos no Programa de Estudos Universitários para Seniores. Não foi a primeira vez que tive estudantes seniores, porque o meu primeiro trabalho como docente foi a dar aulas de português na associação Área Ibérica, a um grupo de estudantes na casa dos sessenta e reformados na sua maioria de diferentes áreas.

Não sei dizer se o meu gosto pelo ensino seria diferente se tivesse começado a trabalhar numa escola com um grupo de miúdos ou de adolescentes, mas posso garantir que essa primeira experiência foi muito gratificante, pelo facto de ter um grupo de estudantes que estavam ali porque queriam mesmo aprender, tinham um alto nível de cultura e toda a paciência do mundo com a sua professora recém-licenciada.

Vários anos depois, quando voltei a ter uma turma similar com os PEUS, da Faculdade de Letras, pude voltar a desfrutar de ter alunos com uma curiosidade inata, sem receio de tirar dúvidas e mais brincalhões do que miúdos de primária, além de ter a possibilidade de saborear as aulas de outra maneira, sem o stress ou a maior preocupação no exame do que no conteúdo da disciplina.

Com um primeiro objetivo de poder aproveitar mais da viagem no final do ano a Espanha ou de poder conversar com os seus amigos e colegas do outro lado da raia, os estudantes seniores queriam aprender, mas sem se aborrecer e estudar por gosto aquilo que lhes podia servir no futuro. Gostava que alguns estudantes da faculdade vissem a energia e entusiasmo deles e ganhassem um pouco de essa determinação de quem quer saber de tudo, porque a última coisa que devemos perder é a curiosidade e a vontade de aprender.

Ângela Maria Rocha Barbosa Aluna

Os 20 anos do PEUS

Frequento o PEUS há alguns anos e, de maneira alguma, penso abandonar este programa que vai fazendo parte da minha vida. Para mim, frequentá-lo foi um regresso à minha vida académica.

Foi, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que me licenciiei em Filologia Germânica. Iniciei o meu primeiro ano na Rua das Taipas, junto à Cadeia da Relação. Germânicas era um curso novo apenas com dois anos de existência. De lá fui para o Campo Alegre, junto ao Jardim Botânico, onde terminei o curso.

Daí o início da minha vida profissional como professora. Foi uma carreira longa, uma vivência rica em aspectos profissionais, pessoais, várias escolas, diferentes locais, alunos e colegas com experiências diferentes...

Uma carreira enriquecedora.

Não poderia deixar que a aposentação fechasse a porta à aquisição de novos conhecimentos. Assim, quando voltei à “minha” faculdade e à frequência do PEUS, abriu-se um novo capítulo na minha vida - enriquecimento dos meus conhecimentos, “aprendizagem” de novas áreas, novos domínios.

Sei que é isso que eu quero.

Assim sendo, não deixarei de frequentar as aulas que são para mim um horizonte rico, quer na base dos conhecimentos científicos, quer nos convívios pessoais.

António da Rocha Coelho Aluno

Depois de uma carreira profissional de 43 anos, tomei a decisão de parar e alterar por completo a minha forma de estar na vida.

Procurei encontrar formas de ocupar o meu tempo, mas sempre com uma finalidade: melhorar os meus conhecimentos. Foi nessa altura que, através de um ex-colega de trabalho e amigo, tive conhecimento do programa PEUS.

Iniciei os contactos com os Serviços da Faculdade de Letras para me informar acerca do funcionamento deste programa; de imediato, fiquei entusiasmado porque encontrei temas que sempre estiveram na minha ideia vir a estudar com mais detalhe.

Conhecer com mais detalhe a História, a Arte, as Pessoas que fizeram da Cidade do Porto o que ela é nos dias de hoje, foi fantástico; por isso, obrigado a todos os que participaram na elaboração das aulas e do ensino.

Mas não ficou por aqui o meu entusiasmo. De seguida, procurei mais e encontrei temas como o estudo da Bíblia, que me fez abrir novas formas de olhar para o presente e futuro.

Na área política foi entusiasmante conhecer a época do vintismo em Portugal.

Pelo empenho dos professores e colegas e por tudo o que até agora nos foi dado,

Obrigado a Todos!

António Costa Funcionário

Regresso ao Futuro

Corria o ano de 1985 quando o filme realizado por Robert Zemeckis, intitulado *Back to the Future*, foi apresentado ao mundo. Com um título algo utópico, trata-se de um filme que aborda a cumplicidade entre uma personagem mais velha e um jovem de 17 anos. Dessa sinergia resulta uma aventura que desafia as leis do espaço e do tempo.

No início de 2025, a Doutora Sónia Duarte solicitou a minha colaboração para a organização da exposição *O Porto visto pelo PEUS: exposição de imagens e som*. O meu papel seria simples: auxiliar alguns alunos na gravação áudio de pequenos testemunhos. Como é óbvio, aceitei de imediato o desafio.

Como diria o saudoso Vinícius de Moraes, “De repente, não mais do que de repente”, senti o prazer de ouvir pequenos testemunhos narrados por alunos que verdadeiramente sentiam cada palavra que gravavam.

Estou habituado a trabalhar com estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos, onde eu, com os meus atuais 44 anos, sou o mais velho. “De repente, não mais do que de repente”, os papéis inverteram-se, senti-me um pouco como o jovem Marty McFly a ouvir vários Dr. Emmett Brown. Assim, “De repente, não mais do que de repente”, deixei de estar rodeado dos “tradicionais” estudantes universitários para estar com os estudantes do PEUS, que revelaram uma energia, um dinamismo e uma boa disposição capazes de surpreender qualquer um.

Caro leitor, bem sei que já não tenho a idade que o jovem Marty McFly tinha em 1985, mas esta experiência com os alunos do PEUS tornou-se inesquecível.

Esta experiência também se revelou de extrema importância, pois ajuda a comprovar que a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com toda a sua dinâmica, pode e deve estar aberta a todas as gerações.

Apenas tenho a agradecer à Doutora Sónia Duarte e à Doutora Maria da Graça Pinto pela oportunidade que me deram de colaborar com o PEUS.

António Manuel Castro da Silva Aluno

Com uma formação eminentemente técnica, já que sou ... ou tenho sido engenheiro eletrotécnico na área de ferrovia senti um apelo para áreas do conhecimento que, no entanto, sempre namorei de longe.

Sorte a minha, porque se fizesse o caminho contrário nesta fase da vida não seria possível.

Aqui estou com a curiosidade que sempre me acompanhou a descoberta de novos mundos e como dizia um poeta da minha terra, Sebastião da Gama: “.... *É pelo sonho que vamos.*”

Carmen Alice da Silva Pires Aluna

A minha decisão de abandonar o mercado de trabalho, regressar ao meu País após 7 anos de ausência levou-me a repensar e reestruturar a minha nova vida.

A procura de programas para adquirir novos conhecimentos levou-me à FLUP onde eu sempre gostaria de ter tido a minha formação académica.

Já tinha frequentado os estudos de mandarim há cerca de 15 anos, o que me deixou bastante agradada e com a promessa de voltar um dia.

E aqui estou eu.... Encontrei o programa PEUS e de imediato senti que seria uma ótima opção para os meus objetivos.

Sou aluna recente, inscrevi-me em 2024 e tenho frequentado diversas disciplinas com grande motivação.

O impacto na minha saúde mental e física é extremamente positivo pois para além dos conhecimentos adquiridos enfatizo o aspeto da socialização, da integração e acima de tudo dá-me um propósito de vida.

Acabei por conhecer um grupo de amigas (Helena/M. João/Florinda/Amélia) que me têm dado um grande incentivo, energia, e estímulo para continuar nesta nova etapa.

Obrigada à FLUP obrigada ao PEUS pelo projeto com tão grande significado que nos permite ter experiências enriquecedoras nesta fase das nossas vidas.

Daniel Cardeira Docente

No ano letivo de 2022/2023, aceitei o desafio da Professora Doutora Ana Cristina Sousa de propor uma unidade curricular integrada no Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS), da FLUP. A ideia foi conciliar a aprendizagem prática da minha licenciatura em Pintura e da experiência em atividades de expressão plástica, com os conhecimentos adquiridos durante o mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual e no doutoramento em Estudos de património. Propusemos, assim, a criação da unidade curricular “História da Pintura e Prática do Desenho”.

De modo efetivo, propôs-se uma incursão na História da Arte mediante o exercício do desenho e da pintura, partindo da exploração dos materiais e técnicas utilizados na produção artística. A partir do desenho, ambicionámos também fomentar a observação ativa essencial ao conhecimento e prática artística. Esta abordagem colocou alguns desafios. No que diz respeito às condições de trabalho, a ausência de uma sala com características de atelier limitou a escolha dos materiais a usar. Por outro lado, a proposta que se apresentou como uma novidade corria o risco de não corresponder às expectativas dos discentes.

As inscrições foram suficientes para abrir a unidade curricular e a participação entusiasta com que fomos recebidos afastou qualquer insegurança.

Poder partilhar o conhecimento prático a um grupo motivado foi gratificante. O interesse e empenho demonstrado deu-nos segurança para explorar de forma descomplexada noções estruturais da linguagem gráfica como o uso do ponto, da linha, da mancha e da gradação de cor, assim como vários meios riscadores e aquosos, nomeadamente a grafite, o carvão, a tinta-da-china, a aguarela, os lápis de cor e o pastel.

Através da exploração das técnicas e dos materiais aproximámos os discentes das obras de desenho e pintura numa perspetiva de produção. Também procurámos proporcionar o contacto direto com obras que pudessem demonstrar os conceitos lecionados. Para isso, visitámos a exposição “Signos e Figurações” no Museu de Arte

Contemporânea de Serralves, que apresenta obras do artista Joan Miró. Trata-se de um artista particularmente ajustável a esta Unidade Curricular pois a sua obra aborda, através do desenho, da pintura e de objetos tridimensionais, muitas das ideias trabalhadas em sala de aula.

O entendimento da produção artística na diacronia foi conjugado com a origem dos materiais e das técnicas, estimulando a compreensão do objeto artístico mediante as possibilidades plásticas emergentes.

Destacamos a nossa insistência na experiência dos meios explorados através da criação de um caderno portátil de desenho a que chamámos Diário Gráfico. Este foi o ponto de partida para incentivar à prática das matérias lecionadas. O Diário Gráfico ajudou-nos igualmente a ultrapassar as limitações inerentes à ausência de atelier e motivou o que considero ser o ponto alto desta jornada, as saídas para desenhar à vista no Jardim Botânico do Porto. Este foi o pretexto ideal para aplicar os conceitos desenvolvidos fora do contexto de sala de aula.

O entusiasmo e a dedicação dos alunos criaram um ambiente dinâmico, onde a troca de vivências e a discussão dos conteúdos enriqueceram cada uma das sessões. As diferentes perspetivas aprofundaram não só a aprendizagem dos discentes, como também a minha própria visão dos conteúdos. O valor da aprendizagem ao longo da vida ficou assim demonstrado, o que me motiva a continuar o caminho da partilha de conhecimento. Espero, em breve, voltar a colaborar com os PEUS.

Diana Felícia Docente

Ninguém é tão grande que não possa **aprender**, nem tão pequeno que não possa **ensinar**.

O meu percurso no PEUS iniciou-se em 2021 como formadora na disciplina de Artes Aplicadas, lecionada em parceria com a Doutora Marisa Pereira Santos. Desde então, ocupei-me também das Unidades Curriculares Jardins, Praças Públicas e Cemitérios no Porto, História da Arte I e História da Arte II.

O PEUS foi o início de uma carreira profissional na formação, possível apenas pela confiança contínua da Doutora Ana Cristina Sousa e do Doutor Hugo Barreira, docentes responsáveis pelas Unidades que lecionei e também eles antigos formadores deste Programa, que me estenderam esta oportunidade e permitiram que apresentasse as minhas propostas.

Pelas minhas turmas passaram 189 alunos ao longo destes cinco intensos anos. Com eles partilhei inúmeras experiências, conhecimento e opiniões, num percurso que acompanhou grande parte do meu doutoramento.

O PEUS é um espaço de confluência entre gerações, onde a partilha é sempre multidirecional. Aqui tive a oportunidade de visitar temas históricos que me são muito caros, de participar no desenvolvimento de novas disciplinas e de comunicar as conclusões que ia retirando do meu processo de investigação. Os meus alunos foram (e são), por isso, um apoio constante, uma fonte de incentivo e um desafio contínuo.

A todos, um enorme obrigada.

Diogo Ribeiro Funcionário

Percurso temporal dos estudantes no Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS)

Enquanto membro da Unidade de Apoio à Gestão, e em colaboração com os colegas da Unidade de Formação Contínua, responsável por todos os procedimentos administrativos do PEUS, foi-nos solicitada a recolha e o tratamento de estatísticas provenientes das atividades letivas deste programa, com o objetivo de contribuir para a criação de uma memória desta formação ao longo da última década. Foram estas tarefas que nos colocaram em contacto com a formação direcionada à população sénior, tanto ao nível da oferta formativa como da procura por parte dos formandos e das suas características. Neste contexto, surgiu a questão: “Como foi, ou tem sido, o percurso destes estudantes nesta formação?”

Com o intuito de compreender o percurso dos 477 estudantes inscritos no PEUS nos últimos 10 anos, importa perceber o número de inscrições que estes estudantes efetuaram. Os dados apresentados referem-se ao número de inscrições dos estudantes nos diferentes anos letivos (Figura 1). Analisando o número de inscrições de cada estudante, percebemos que cerca de 69% dos estudantes frequentaram mais de um ano letivo deste programa de estudos, face a cerca de 31% que registaram apenas uma inscrição.

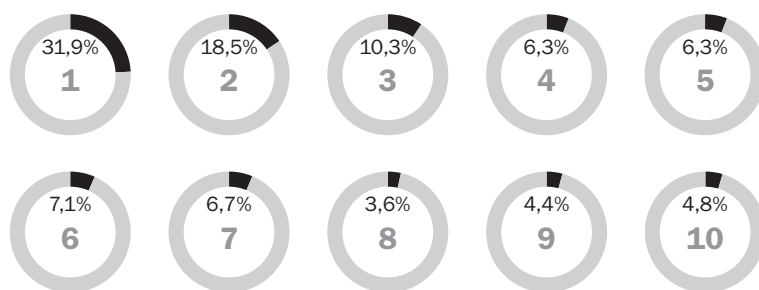


Figura 1 - Número de Inscrições

Percentagem do número de anos em que cada estudante se inscreveu, entre o ano letivo de 2015-16 e o ano letivo de 2024-25, em relação ao número total de indivíduos. Fonte: UEC; Web GA (19 de março de 2025)

Numa análise detalhada dos dados, revelam-se algumas tendências interessantes da distribuição das inscrições dos estudantes:

Com uma inscrição, existe o maior número de estudantes, com 152 alunos, representando 31,9% do total, quase um terço do total de estudantes.

Com duas inscrições, seguem 88 estudantes, correspondendo a 18,5%.

A partir de três inscrições, observa-se uma diminuição gradual no número de estudantes, com 49 alunos (10,3%), 30 alunos com quatro e cinco inscrições (6,3% cada) e 34 alunos com seis inscrições (7,1%).

Os números de inscrições subsequentes mantêm uma distribuição relativamente estável, com 32 alunos nas sete inscrições (6,7%), 17 alunos nas oito inscrições (3,6%), 21 alunos com nove inscrições (4,4%) e 23 alunos (4,8%) com inscrições ao longo dos 10 anos em apreço.

Concluimos que esta análise dos dados revela que cerca de um terço dos estudantes frequenta o curso apenas por um ano letivo. No entanto, a percentagem de estudantes com mais de uma inscrição em anos subsequentes é significativamente maior.

Élio Ribeiro Aluno

Fragmentos

Setembro, 1972

- Olá, Élio!
- Boa tarde, Professor Humberto.
- Então, já decidiste o que vais estudar? Espero que seja História!
- Não Professor, vai ser Engenharia.
- Tenho pena, esperava que continuasses a ser meu aluno.
- Infelizmente, não! Para já, quero estudar o futuro: eletrónica, computadores, ..., mas prometo que um dia vou estudar o passado – adoro História!

Ano 0 DQ, Mês 1

Não sei como vim parar aqui. Estou preso neste campo no meio da savana, correntes nas pernas, correntes nos braços. Estes tipos à minha volta parecem militares, mas não percebo porque estou preso com eles. Pelo calor e por o que consigo ver do exterior estou em África, mas não faço ideia onde.

Estou preso outra vez. Isto é um anfiteatro e está cheio de gente. Não me consigo mexer, tenho os braços algemados e presos à cadeira, as pernas algemadas e presas também, sinto algo no pescoço que não me deixa mexer a cabeça. À minha volta estão todos presos também. Ouço gemidos e vozes baixas, mas eu não consigo falar, não sai nenhum som.

Dizem que estou em Northumberland, norte de Inglaterra. Não sei se é assim, nunca estive aqui. Não sei como vim parar aqui, quem me trouxe, como vim de África, porque não estou em Portugal. E porque estou preso! O que é que eu fiz para estar aqui?

Ano 0 DQ, Mês 2

Olá, Élio. Acordaste? Estás no Hospital de São João.

Estou numa experiência feita em conjunto com o Hospital de São João?

Estás entubado e com uma série de aparelhos de suporte de vida. Estás na UCI

Parece que me libertaram, já não estou algemado. O que estão estas pessoas a fazer à minha volta, com batas verdes e azuis. Será que me vão prender outra vez? Não quero mais estar preso! Mas não consigo sair daqui e não consigo falar para pedir ajuda... e será que me levam para Portugal agora?

Caíste na rua, desmaiaste com uma arritmia. Alguém chamou o INEM e levaram-te para o Santo António. Tiveste de ser operado à cabeça por causa da queda e colocaram-te um Pacemaker. Tiveram de te transferir para o São João porque precisaste de uma ECMO. Neste processo todo apanhaste uma bactéria multirresistente, uma *Pseudomona*, e a infeção evoluiu para Sepsis. Estiveste em coma induzido até hoje; estás entubado, com suporte de oxigénio e ligado a uma máquina de hemodiálise. Parece que só reagiste ao 3º antibiótico, o teu estado era tão fraco que te injetaram um medicamento para não te mexeres – não conseguiram evitar que se criasse uma escara, daí teres também ligado um equipamento de vácuo para tratar dela.

Estou confuso. Não sei onde acaba o sonho e começa a realidade. Não estou preso, estou a ser tratado. Percebo que estou muito doente, mas não me consigo mexer muito, não consigo falar nem comer, estou dependente para tudo. Curioso: eu que nunca me lembro do que sonho, consigo lembrar-me do que sonhei durante o coma! As partidas que a mente nos prega: percebo porque estava preso, mas África? E porquê o Norte de Inglaterra? Será que o regresso a Portugal significaria o regresso à vida?

Ano 0 DQ, Mês 3

Hoje puseram-me num Plano Inclinado – ou seja, finalmente levantei-me da cama. Foram precisas 3 pessoas para me ajudar a transferir da cama para aquela cama de madeira a que chamam Plano e que dá para subir um dos lados – fiquei numa posição vertical, o que já não acontecia há muito tempo. E toda a gente na Unidade ficou contente por me ver assim – apesar de eu parecer Lázaro, só com uma fralda e menos uns 25Kg do que tinha!

Ainda não falo, continuo traqueostomizado. As pessoas à minha volta estão a aprender leitura labial à força, mas às vezes sinto-me frustrado por não me perceberem. Tentei escrever, mas não

consigo manter a mão firme; o que resulta, com dificuldade, é escrever no telemóvel.

Tenho visitas todos os dias, uma pessoa de cada vez, duas no total no máximo. A minha mulher, os meus filhos, os meus irmãos – mesmo quando estive em coma vinham sempre. É bom sentir que gostam de nós, que querem dar-nos a força que precisamos para continuar a recuperar. Tenho de ter força, tenho de conseguir!

Parece que a partir de hoje começo a comer papas! Já não é pelo tubo. Mas alguém tem de me dar a comida, estou dependente para tudo. Esta é a parte pior, não conseguirmos fazer nada, termos de chamar alguém sempre que precisamos de algo. O bem mais precioso que tenho de momento é o botão da campainha para chamar ajuda! É a única preocupação que tenho agora – saber onde está o botão da campainha! Sem ele não existo...

Fantástico! Hoje falei! Bom, não a minha voz, mas aquele som metálico que sai de um tubinho na traqueia. Mas vamos lá chegar....

Amanhã vou deixar a UCI, vou ser transferido para a Enfermaria. Parece que o pior já passou: 5 semanas em coma, 2 meses e meio em Cuidados Intensivos!

Mais duas semanas passaram. E hoje fui ao chuveiro, finalmente um duche! Já consigo passar melhor da cama para a cadeira de rodas, as coisas vão evoluindo. Já estou muito mais independente, até consigo ler!!!

A pouco e pouco vão-me retirando as máquinas, já só resta mesmo a de vácuo para a escara. Aqui na Enfermaria apanhei Covid – só faltava mesmo esta!!!

Ano 0 DQ, Mês 4

Tempo de reabilitação! A partir de agora vou estar internado no Hospital da Prelada – várias horas de fisioterapia diária que os músculos bem precisam!

Não é que dei um passo hoje! Um não, alguns... bem preso, com ajuda, mas ANDEI!!!

E tenho mais força nos braços, já consigo “conduzir” a cadeira de rodas.

Ano 0 DQ, Mês 5

E começo a conseguir vestir-me sozinho. Bem, as meias e os ténis ainda não, mas lá chegaremos, não tenho dúvida.

Dia de “saída precária”, como lhe chamo. Pela primeira vez em 5 meses saí do Hospital, fui passar o fim de semana a casa! Não há palavras...

E a partir de agora os fins de semana serão em casa – ida ao sábado de manhã, regresso no domingo à tarde. Sempre com a cadeira de rodas atrás!

E já ando! Já ando bastante. Com a ajuda do fisioterapeuta, damos grandes passeios pelos corredores e pelos jardins do Hospital. Já praticamente não uso a cadeira!!!

Ano 0 DQ, Mês 6

De regresso a casa. Em definitivo. Não mais Hospitais – agora, só em ambulatório: continuar a fisioterapia diária, fazer o acompanhamento médico que seja necessário, mas sobretudo, recomeçar a viver! Tratar da Reforma. E quando conseguir ter força, viajar, poder ir visitar os meus filhos e estar com os meus netos: 3 filhos e todos a viver no estrangeiro!

E se conseguir mesmo recuperar, cumprir a promessa que fiz ao Professor Humberto – voltar a estudar História: vou tentar frequentar um dos cursos da Faculdade de Letras para Seniores de que me falaram tão bem.

Ano 0 DQ, Mês 8

Mais um passo para a estabilização – dia de fazer uma cardioversão elétrica. Com anestesia geral. Para ver se a arritmia desaparece.

Ano 0 DQ, Mês 10

Último dia de Fisioterapia. A partir de agora, 3 vezes por semana no ginásio! Uma nova fase: não posso dizer que estou como era antes, mas o importante é que estou cada vez mais autónomo. Pronto para tudo.

Ano 1 DQ, Mês 1

Foi há 1 ano. Foi há 1 ano que tudo aconteceu. Há acontecimentos assim na vida das pessoas, aqueles acontecimentos em que há um Antes e um Depois. 1 ano **Depois da Queda**.

O Antes, que foi a maior parte da minha vida, aquilo que fez de mim quem sou, com todos os meus sucessos e os meus insucessos.

E o Depois. O foco na sobrevivência. O foco na reabilitação. Quase aprender a fazer tudo de novo, em que o Antes parece ter existido numa vida diferente.

Um Depois que em muitas situações se converte numa nova realidade. Ou um Depois que pode ser só um intervalo, um parêntesis na linha de vida, até podermos voltar a ser algo próximo do que já fomos. É essa a ambição, é para isso que lutamos.

Ano 1 DQ, Mês 2

A Arritmia ainda não está resolvida. Estou aqui na sala de Cirurgia Cardíaca do Santo António. Uma ablação – pensei que ia estar anestesiado, mas não: sigo o procedimento todo, sinto uma pequena dor no peito, mas suportável. Incrível o avanço da Medicina!

Ano 1 DQ, Mês 4

Hoje recebi a confirmação que a minha candidatura para um dos cursos da Faculdade de Letras foi aceite! É para mim tão importante!

Tempo de cumprir promessas! Tempo de novos desafios! Tempo de fechar o parêntesis!

Ano 1 DQ, Mês 5 Outubro 2024

O que faço EU no meio do PEUS?

Finalmente, uma vida normal!!!

Fátima Lisboa e Cláudia Moreira Funcionárias

É com grande satisfação e profundo sentido de responsabilidade que a Unidade de Eventos, Comunicação e Relações Externas tem vindo a colaborar com a Professora Doutora Maria da Graça Pinto no âmbito do Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS).

Enaltecemos a relevância do PEUS enquanto projeto transformador que valoriza o conhecimento, a inclusão e a participação ativa da população sénior na vida académica e cultural.

Participar neste projeto é mais do que uma atividade profissional — é uma experiência muito enriquecedora a nível pessoal. Tem sido, também, muito gratificante ir acompanhando estes 20 anos de um programa que se tem desenvolvido com enorme sucesso. Parabéns ao PEUS, aos alunos do PEUS e, em especial, à Professora Doutora Maria da Graça Pinto cuja dedicação ao projeto tem sido deveras inspiradora.

Fátima Outeirinho Docente

Curadoria literária partilhada, nos 20 anos do PEUS

Em *Se numa noite de Inverno um viajante*, recorrendo à figura de um leitor, Italo Calvino aponta para uma tipologia dos livros que não lemos, integrando, entre a mais de uma dezena de categorias elencadas, as seguintes duas: “Livros Que tens Intenção De Ler Mas Antes Devias Ler Outros” e “Livros Que Há Tanto Tempo Programas Ler” (Calvino, s.d.: 23). Se a estas acrescentarmos agora uma terceira, a dos Livros Que Não Sabias Que Irias Gostar De Ler, talvez tenhamos reunidas algumas pistas explicativas e contextuais para pensar a existência de um módulo sobre Literatura (a dado passo intitulado *Grandes Livros, Grandes Obras*), no *Programa de Estudos Universitários para Seniores* agora a fazer vinte anos.

A presença da Literatura, no programa de estudos oferecidos, foi sempre sinal de uma ação de curadoria literária não negligenciável. Com a seleção e organização dos objetos de atenção a considerar neste projeto de formação livre, esteve em causa a proposta de uma prática de leitura que atentasse em obras de autores mundialmente reconhecidos e oriundos de diversos horizontes culturais e linguísticos, com frequência no quadro de uma Literatura-Mundo (Damrosch, 2003), procurando valorizar todo um leque genológico variado.

A minha colaboração, aqui e ali, nesta linha cronológica de duas décadas do PEUS, procurou ser ela também uma presença de curadoria, apoiada no espírito de algumas proposições de definição do que é um clássico, dadas por Italo Calvino: “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os leu e amou; mas constituem uma riqueza nada menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas condições melhores para os saborear.” E “O nosso clássico é o que não pode ser-nos indiferente e que nos serve para nos definirmos a nós mesmos em relação e se calhar até em contraste com ele.” (Calvino, 2015)

Assim, *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, *As Naus* de António Lobo Antunes, *As Mil e Uma Noites*, *O último dia de um condenado* de Victor Hugo e *Ela e Ele* de George Sand, obras tão diver-

sas entre si, foram (re)lidas, saboreadas, numa atenção a dinâmicas de *close reading*, e sempre, sempre, numa partilha de leituras do docente (mediador e curador literário) e dos formandos, leitores especiais, pois já conquistados para o prazer de ler, para o prazer do convívio com o texto literário, antes mesmo das experiências singulares com as obras escolhidas.

Dei-me então conta de que a dinâmica de curadoria literária que estava a ter lugar era, afinal, bidirecional; um processo colaborativo de atenção ao literário, de amor à Literatura, de todos aqueles que, em torno de um mesmo texto, o faziam viver de novo e de forma renovada. Ora, essa dinâmica tem vindo a intensificar-se com o tempo e, atualmente, o protagonismo desses leitores-curadores passa por uma e outra vez sugerirem uma outra obra, um outro autor, desafiando os docentes-leitores a irem ainda mais além no seu exercício de curadoria literária.

Pela experiência que me foi dada viver, bem hajam!

Referências

(1993-1994). *As Mil e Uma Noites*. Trad. Manuel João Gomes. Lisboa: Círculo de Leitores.

Antunes, António Lobo (2002). *As Naus*. Lisboa: Dom Quixote.

Calvino, Italo (2015). *Porquê ler os clássicos?* Trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Dom Quixote.

Calvino, Italo (s.d.). *Se numa noite de inverno um viajante*. Lisboa: Vega.

Damrosch, David (2003). *What is World Literature?* Princeton: Princeton University Press.

Flaubert, Gustave (1991). *Madame Bovary*. Lisboa: Relógio d'Água.

Hugo, Victor (2010). *O último dia de um condenado*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes / Cotovia.

Sand, George (2021). *Ela e Ele*. Trad. Inês Pedrosa. Ericeira: Sibila Publicações.

Fernanda Branca Castro Aluna

O que é para mim o PEUS

Como muitos dos meus colegas, reformei-me cedo, pois que, também, bem cedo comecei a trabalhar.

Em 1966, a maior parte dos nossos jovens rapazes, para não dizer todos, eram recrutados para as nossas províncias ultramarinas, assim eram apelidadas na altura...

Por essa razão foram dadas muito mais hipóteses, a jovens raparigas, de um emprego.

Com saúde e uma imensa vontade de ajudar o próximo, inscrevi-me em Voluntariado Hospitalar.

Quando ainda criança, gostava de ter tirado o curso de Enfermagem, dada a minha admiração por Florence Nightingale, mas estava fora da autorização paternal (hoje tenho um filho enfermeiro).

Inscrita, pois, no Voluntariado, dei o meu contributo nas Urgências, durante 11 anos.

Até que tive de fazer “voluntariado” em casa. Devido a doença do meu marido e consequente cegueira...

Durante mais de um ano, assim aconteceu...

Partiu e fiquei novamente livre para continuar fora a fazer aquilo de que gostava. Dar um pouco de carinho e atenção ao próximo...

Mas aí pôs-se-me um enorme dilema... já não tinha energia, nem alento para mim, muito menos para dar...

Uma querida amiga, que me conhecia minimamente, aconselhou-me a ir inscrever-me no **PEUS**.

Estava no limite a data das inscrições.

E lá fui eu com uma amiga saber quais eram as condições para ter acesso.

Estava dentro das condições; fiquei inscrita...

Já lá vão 6/7 anos, participei em tudo.

Fui aos debates de 19, que adorei, desde a Igreja da Lapa, à Casa do Infante, etc.

Adorei as disciplinas em que me inscrevi...

Adorei a Viagem a Zlin, Rep. Checa, e, como costume dizer, fiz Erasmus...

Vi a plantação da Oliveira da Paz e, sempre que havia debates, lá estava eu...

Jantares, viagens, etc.

Adorei a cumplicidade e companheirismo, até que fomos interrompidos por uma pandemia “maldita”.

Foram novamente repostas as aulas presenciais, voltei à FLUP e para o **PEUS**.

Antes das aulas encontramos-nos no Bar do 2º andar, onde confraternizamos com os colegas, trocamos experiências, que nos enriquecem, num espaço calmo, lindo, com umas vistas surpreendentes.

Com outros colegas e com a bênção dos professores, tenho organizado visitas de estudo, que todos adoramos; acompanhei a visita que nos fizeram os checos com os professores e mostramos-lhes o nosso Porto, e a FLUP...

Há uma grande camaradagem entre os colegas, trocamos experiências profissionais e pessoais.

Tenho aprendido muito no **PEUS**. Os Professores sempre solícitos em nos esclarecer “dúvidas”, que por vezes surgem. Acho que a amizade que nos une uns aos outros se mantém para além das aulas...

Sem dúvida que gostaria que houvesse muito mais cooperação entre todos, **FLUP**, **PEUS** e alunos, em relação a novas matérias e visitas no terreno.

Uma grande xi coração, com muito carinho.

Florinda Martins Aluna

O que fazemos nós aqui,
Procuramos, labutamos,
Nas mentes o que sabemos,
O que soubemos, o que saberemos ainda,
na luta camuflada e descaradamente,
Contra o tempo que tiquetaqueia sem parar,
Talvez não possamos ganhar,
Mas vamos continuar,
assim, enquanto as forças resistirem e as gargalhadas ecoarem.

Horácio Boulhosa Aluno

O ano de 2015 foi um ano de sentimentos antagónicos; pela negativa, porque representou o final de uma carreira profissional de 48 anos e, pela positiva, o nascimento do meu primeiro neto.

Se o primeiro evento significou uma radical mudança das minhas cristalizadas rotinas, que procurei colmatar com longos passeios pelas margens do rio Douro e pelas praias de Gaia, com a descoberta dos cantinhos de Gaia e do Porto, que finalmente consegui ver e sentir, com o regresso às salas de cinema com muito maior frequência e com hábitos de leitura.

No segundo caso, depois dos sustos iniciais relacionados com o nascimento prematuro do meu neto, tomei em mãos uma tarefa que nunca tinha imaginado: tomar conta do meu neto aquando do regresso da minha filha ao trabalho.

Esta experiência, que voltei a repetir por mais duas vezes, foi a mais marcante na minha vida.

Quando chegou a hora do meu neto dar o salto natural para o infantário, voltei aos hábitos adquiridos após a saída do mercado de trabalho.

Foi, neste momento, que senti a necessidade de preencher o meu dia a dia com algo mais enriquecedor.

Como gosto muito de história e também sou curioso sobre as histórias e as lendas e mitos dos lugares e localidades, com a natural apetência pelo Porto, pesquisei as ofertas disponíveis que dessem sentido às minhas preferências; foi então que identifiquei o Programa PEUS.

Tomei conhecimento das regras de ingresso e Plano Programático e decidi fazer a minha primeira inscrição, no primeiro semestre de 2019, no tema “História da Alta Idade Média”.

A experiência foi positiva e muito estimulante e manteve a frequência nos seguintes semestres, tendo então frequentado os temas: História da Europa, História Medieval de Portugal I, Roteiros Históricos do Porto, História Medieval de Portugal II, Portugal História, Memória e Identidade, História Política de Portugal Contemporâneo do Vintismo ao Estado Novo I, A Segunda

República Espanhola e a Guerra Civil e Jardins, Praças e Cemitérios.

Durante este período sofremos a Pandemia do Covid que baralhou de forma impactante o nosso dia a dia, com fortes limitações de mobilidade, de laços familiares, do nosso lazer e convívio e naturalmente de frequência escolar.

No que diz respeito à frequência escolar, tivemos uma interrupção curta, passando depois pela frequência das aulas através de videoconferência e, numa segunda fase, presencial, mas com o incómodo do uso das incómodas máscaras a que acrescia a distância física.

No primeiro caso a experiência foi um sucesso, pese embora algumas dificuldades iniciais, estávamos todos a aprender uma nova forma de dar e estar nas aulas, mas a ausência do normal contacto pessoal e presencial e uma maior dificuldade nas interações teve um impacto muito forte, apesar do esforço notável da Doutora Raquel Patriarca que tudo fez para nos manter atentos e motivados.

No segundo caso, o que retenho é uma imagem quase fantasmagórica de um conjunto de pessoas afastadas umas das outras e mascaradas.

Uma curiosidade, neste período único das nossas vidas, nasceu a minha neta.

Chegado aqui, e em jeito de conclusão, a experiência do PEUS excedeu as minhas expectativas iniciais, cimentei os meus conhecimentos sobre a História de Portugal e da Europa, passei a olhar de uma forma mais atenta e crítica para várias vertentes da cidade do Porto, desde a sua origem e sua evolução.

Como reconhecimento das mais valias que o Programa PEUS teve na minha vida pós-laboral, vou andar por aqui até que me seja possível, isto porque há sempre algo para aprender.

Ida Maria dos Santos Correia Bessa Aluna

O PEUS para mim é um desafio.

Desafio-me.

Sou desafiada.

Aceito o desafio.

Inês Bacelar Aluna

A minha frequência no PEUS iniciou-se em fevereiro de 2014, quando me reformei.

Comecei por frequentar História de Arte, História do Séc XX e História Medieval.

Logo me deparei com um bom ambiente, colegas cheios de entusiasmo e a partilha de um prazer de aprender a saborear o tempo.

Aulas lado a lado com jovens, mais novos do que os meus filhos, um mundo de sugestões e conhecimentos, que tentei agarrar depressa.

Os livros acumulados desde os anos 80/90 esperaram com paciência a hora de serem lidos.

Ao longo dos anos e com a orientação e companhia do Prof. Luís Amaral, corremos o país, em viagens de estudo, sob o tema “A construção das fronteiras de Portugal”.

Várias sessões foram organizadas por colegas às quartas de manhã, onde trabalhos e experiências vivenciadas nas mais variadas matérias eram apresentados, visitas a museus e a exposições, que terminavam sempre com o respetivo almoço de convívio.

Não posso esquecer o colega Gonçalo Senra, que expressava a grande alegria de voltar à escola, a Cilinha com o “Hino do PEUS” e a Fernanda Maia, sempre atenta no programa das 4^{as}, bem como a Sofia, o Manel e o João a organizarem os nossos passeios.

É, pois, a vontade de entrar noutros mundos, o gosto de aprender e o salutar convívio que me trazem ao PEUS.

Obrigada, Prof^a. Graça Pinto, e obrigada a todos os Professores que olham para nós como alunos interessados, partilhando conosco todo o seu saber.

Obrigada a todos os colegas e amigos pelas conversas do corredor e encontros no BAR. Obrigada, também a todos os que já não andam por cá e que recordo com saudade.

Bem hajam

Isabel Miranda Aluna

Aprendo, num ambiente caloroso que envolve várias gerações.

Em 1960, ingressei na Escola Primária, em Ancede Baião, em 2023 solicitei o ingresso na Escola Sénior através do PEUS da FLUP, por indicação de uma aluna.

Uma viagem turística ao Egito foi o motivo para solicitar a aposentação a fim de aprofundar conhecimentos nesta civilização assim como na civilização do Império Persa.

Comecei por me inscrever em História de Arte tendo apreciado particularmente as Aulas de Campo e de modo muito especial a Aula de Campo Gulbenkian.

O empenho e sensibilidade da Professora Maria da Graça Castro Pinto, Coordenadora do PEUS, proporcionou acompanhamento da visita da Universidade Sénior da República Checa, a existência de várias conferências com temas de interesse indiscutível, a projeção de filmes com temas incontornáveis, tais como, a escolha de local paradisíaco para os últimos momentos de vida e suas implicações jurídicas ou a ânsia de destruição de postos de trabalho para construção para fins turísticos.

De realçar que o empenho da Professora Maria da Graça é extensível a toda a equipa competente e sorridente que coordena.

A não esquecer a sabedoria e satisfação de todos os Professores na partilha de conhecimentos, vivências e experiências e que nos ensinam que *a idade é um estado de alma*.

Os meus Parabéns ao PEUS pelo trabalho desenvolvido nestes 20 anos.

Isabel Morujão Docente

para a abelha
é difícil deixar para trás
as pétalas da peónia
Bashô – O eremita viajante

Em 2015, aceitei o desafio de propor para o PEUS o Curso “Grandes livros, grandes obras” (que criara e funcionava já para a Formação Contínua *lato sensu*) e lecionar um dos seus módulos. Nessa altura, não conhecia ainda a dinâmica destas aulas do PEUS nem o grupo de estudantes, embora os conhecesse de vista dos corredores da FLUP.

O meu primeiro contacto com eles foi inesquecível, quase desconcertante. Na turma, todos ou quase todos se conheciam e, ainda que com atitudes diversas (mais reservados uns, mais expansivos outros), todos, sem exceção, estavam ali para conhecer algo mais, na expectativa de se sentirem atraídos pelo que, à partida, desconheciam, mas queriam explorar. Fiquei rendida, mal dei a primeira aula: gente encantada, ávida de explicações e saberes, habitada por aquela inquietação primordial de quem quer compreender e unir todas as pontas deste novelo tão embrulhado e matizado que é a vida e que a literatura tão magnificamente reflete! E não é que liam mesmo as obras do programa? E que expunham as dúvidas em torno de certas passagens? E que opinavam e relacionavam os textos com a já longa experiência de vida e de leitores que traziam?

Então senti saudades dos anos mais recuados em que dei aulas, do tempo em que os alunos se preparavam, como estudantes universitários que eram, para serem críticos, competentes, consistentes e cultos. Ali, com os *seniores*, imagem agora atualizada dos estudantes que, no seu tempo, terão sido, percebi o quanto andava sôfrega de aulas com alunos recetivos e entusiasmados, tão contrastantes com os que os novos tempos tornaram apagados, baços, apáticos, imprevistos e pouco imaginativos, salvo as raras e sempre muito honrosas exceções. Voltara a encontrar esse aluno ideal, que, ainda que sem competências e metalinguagem específicas para

abordar um texto literário (na sua maioria, quase todos os alunos *seniores* provêm de outras áreas científicas - da Medicina, do Direito, da Engenharia, da Economia, da Gestão, etc.), o fazia viver, tornando-o seu. E é isso a leitura!

O que faço eu no meio do PEUS? Confirmo que gosto, intrinsecamente, de dar aulas. E de alunos. E que o PEUS me devolve o alvoroço dos primeiros tempos, com desafios, questionamentos, opiniões diversas... O que faço eu no meio do PEUS? Vou dando resposta às sucessivas solicitações destes estudantes, porque, depois da sua fase ativa de trabalho, “para a abelha/ é difícil deixar para trás/ as pétalas da peónia”.

Jaime Sá Aluno

Quando me pediram um testemunho sobre o PEUS, hesitei. Estava apenas no primeiro semestre e achei que ainda não tinha experiência suficiente para dar uma opinião fundamentada. Sentia-me um verdadeiro caloiro.

No entanto, dias depois, ao visitar a exposição “O Porto visto pelo PEUS” e folhear o livro dos dez anos do programa, algo mudou. Surpreendentemente, identifiquei-me com os testemunhos que lia. Percebi que, apesar do pouco tempo, a minha experiência já era rica em conteúdos, aprendizagens e vivências.

Por isso, partilho agora o meu testemunho, que é muito positivo. O programa correspondeu totalmente às minhas expectativas, o formato de uma aula por semana parece-me adequado e destaque, em especial, a dinâmica da professora Sónia Duarte. A forma como se envolveu connosco—nas aulas, nas visitas e nos desafios propostos—fez toda a diferença. O projeto final foi, sem dúvida, uma excelente ideia.

Se tivesse de apontar um aspeto a melhorar, sugeriria uma ligação digital mais simples à Faculdade.

Continuarei no segundo semestre e espero fazê-lo também nos próximos anos.

Parabéns! O PEUS é um excelente programa.

Jana Semotamova Docente da Universidade de Tomas Bata,
Zlín, República Checa

Seniors Jet Off to Porto – U3A in Porto

In October of this year, our university successfully organized an educational trip for 20 students from the University of the Third Age (U3A) to Porto, Portugal. Thanks to the connections we established in 2019—when UTB in Zlín hosted a highly successful week-long English language course for seniors from U3A in Porto—we were able to embark on an international journey in return.

Our hosts from Universidade do Porto did not disappoint and prepared a program that will be remembered for a long time. This was not a sightseeing tour but a real educational experience.

Mornings were dedicated to lessons on the geography and history of Porto. In the afternoons, participants attended practical demonstrations at various locations in the city, bringing the morning lessons to life.

Portuguese seniors also took part in all activities, making the subsequent interactive English classes full of international discussions and fascinating insights. The engaging atmosphere was so immersive that no one even noticed the storm raging outside—they were entirely absorbed in the learning process. Any initial stress or fear of not understanding quickly disappeared, thanks to the absolutely professional educators who guided us.

All communication—whether with teachers or new Portuguese friends—was conducted exclusively in English. This proved to be incredibly beneficial, as participants realized they could make themselves understood. They saw that learning English is not only trendy but also highly practical in real life. For many, it boosted their confidence in communication.

The fact that we were esteemed guests was further confirmed by the warm welcome from the Dean of the Faculty of Humanities and a special meeting with the Vice-Rector for External Relations. This granted us access to places typically closed to tourists, such as a guided tour of the magnificent historic Rectorate building, including university museums housing rare exhibits. Moreover, we

had professional guides at every step.

"All the people who took care of us were incredibly friendly, which enhanced our experience even more. The Vice-Rector even greeted me with a „high-five“ at our meeting, which is quite unusual in our country—especially in an academic setting. It was a wonderful example of Portuguese friendliness," noted Jana Semotamová, the event's organizer and added: "The greatest credit for the entire event goes to a woman of small stature but great spirit, Professor Maria da Graça Castro Pinto, who organized everything at the Portuguese university and made it possible for everyone to take home wonderful experiences."

Our Portuguese colleagues also had a fantastic surprise in store for us—a visit to the Interdisciplinary Centre of Marine and Environmental Research (CIIMAR), complete with an expert tour. We were astonished by the incredible snail-shell-shaped building, covered in hexagonal tiles resembling fish scales—a fitting design for a place where they even vaccinate fish!

Porto was named the Best European Destination in 2017. It is a beautiful, picturesque city, part of which was listed as a UNESCO World Heritage Site in 1996. As the birthplace of port wine, our visit wouldn't have been complete without a tour of a port winery, a wine tasting, and an evening listening to the soulful sounds of fado.

The weather forecast for the week had been disastrous. Fortunately, the meteorologists weren't entirely accurate this time. When the sun finally peeked through the clouds, Porto revealed itself in all its charm—picturesque, colorful, lively, and welcoming. To enhance our cultural experience, we also indulged in Portuguese cuisine, savoring fresh seafood in all its forms—from sardines to oc-

Senioři na cestách aneb U3V v Portu

Pensioners Jet Off To Porto

V řjvu letošního roku se naši univerzitě podařilo zrealizovat výukový pobyt pro 20 studentů Univerzity třetího věku (UVV) do Portugalského Portu. Díky kontaktům, které jsme získali v roce 2018, kdy ve Zlíně na UTŠ proběhl velmi úspěšný týždenní jazykový kurz angličtiny pro seniary z UVV v Portu, mohli na oněmž vrazit do zahraničí i senioři z UTŠ.

Hospitál z Universidade do Porto se nemechal zahranit a pripravil program, na který budou všichni dišní vzpomínat. Nejednalo se totiž o pozvánku turisticky vylet, ale o skutečnou výuku. Dopoledne probíhaly hodiny o geografii či historii Portu, dopoledne probíhala paměť. Aktivit se účastnili i portugalské seniory, a tak následující interakční hodiny angličtiny byly plné mezinárodních diskusí. Všichni účastníci ze zřejmě UVS si dočkali, že se anglicky dorozumí, možná se zvýšilo sebevědomí při anglické konverzaci a ověřit si, že chodí do anekdoty má smysl.

„Portugalské kolegové pro nás měli připraveno i jedno fantastické překvapení, a sice návštěvu interdisciplinárního centra mořského a environmentálního výzkumu CIMAR s odborným výkladem. Vzali nás i na prohlídku nádherné historické budovy rektorátu včetně uži-
veržních muzeí se vzácnými expozitami. Byli neuvěřitelně přátelští, což jistě umocnilo naše dojmy,“ uvedla organizátorka akce Jana Semotamová.

Porto bylo vyhlášeno nejlepší evropskou destilací roku 2017. Je to nadherna, malebná město, jehož část byla zaplněna roku 1996 seznamem světového dědictví UNESCO a které dalo světu portské víno. Jižemní část tedy odjet bez návštěvy portského vinařství či ochutnávky portugalské kuchyně", dodala Jana Semotamová. "Sílí ná zážitky, nová přátelství a motivace je ještě intenzivnějším studiu angličtiny. Ck, který jsme si vybrali, aby i tdivě nazvu, kteří se rozhodli navštívit univerzitu Střetby vln na UTB, má možnost získat studium v zahraničí, se zasloužil", uzavřela Eva Chmelařová, koordinátorka studijních akcí.

 Twenty "University of the Third Age" (UTA) students got the chance in October to enjoy a study break in Porto, Portugal. The University organized it in conjunction with contacts made in 2019, when a successful one-week English language course for UTA pensioners from Porto happened at the TBU in Elin, giving them the opportunity to return the favour.

Our hosts from Universidade do Porto did an excellent job, preparing a programme which will be remembered by the attendees for a long time. Featuring a combination of trips out and educational classes, lessons were run in the mornings on such things as the geography and history of Porto, followed by some 'gossiping in the rhombus' Portuguese penicillins also participated in English lessons, where the conversations were dominated by international matters. All the USA participants from Zim proved capable of speaking in English, and many of them ended up feeling more confident about their ability to converse, highlighting the importance of attending English classes.

"Our Portuguese counterparts had a fantastic surprise in store for us, too, namely a visit to the Interdisciplinary Centre for Marine and Environmental Research (CIIMAR), including a guided tour with an expert," said Jana Šestaková, the organizer of the exchange trip. "They also took us on a tour of the beautiful historic building of the Rector's Office, which contained the university's museums with rare exhibits on display. Everyone was unbelievably friendly, and that made it even more special!"

Porto was named the best European destination in 2017. A beautiful, picturesque city, part of it was declared a UNESCO World Heritage Site in 1996. It even lends its name to a world-famous drink – port (port wine). “Obviously, we couldn’t think about leaving without first visiting a port vineyard or sampling Portuguese cuisine,” she added. “Unforgettable experiences, new friendships and the motivation to knuckle down and learn English – these were the aims we set out with and ultimately achieved. It afforded senior citizens attending U4A courses at the TBU the opportunity to spend time abroad studying,” concluded Eva Chmelová, a co-organiser of the event.



topus-paired with a glass of port wine and topped off with Portugal's famous custard tart, *pastel de nata*. A true delight!

The last day was "free," allowing some participants to take trips to Braga, Aveiro, or one of Europe's longest suspension bridges in a geopark. Others used the time to shop for souvenirs and say farewell to the city that stole our hearts and that we will deeply miss.

Strong emotions, new friendships, and motivation for even more intensive English studies. Our dream—to provide an opportunity for seniors studying at UTB's University of the Third Age to experience education abroad, even if just for a week—has come true.

Joana Lencart Docente

20 anos de PEUS é verdadeiramente extraordinário. É muito significativo e é, sem dúvida, sinal de uma aposta ganha. Numa sociedade que promove cada vez mais o envolvimento da comunidade sénior em múltiplas atividades sociais e culturais, este programa é, por excelência, um exemplo de que é possível manter a aprendizagem ao longo da vida.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto assumiu-se, há 20 anos, como instituição académica pioneira na promoção do envolvimento da população sénior em atividades de enriquecimento do conhecimento, contribuindo para um envelhecimento saudável, ativo e bem-sucedido.

Conheço o programa PEUS há vários anos através de familiares e amigos. A oferta formativa na FLUP tem sido muito ampla, procurando abranger um amplo leque de temáticas, desde a História e Arte, às Línguas, Literatura e Comunicação Escrita, Ciências da Saúde e Bem-Estar e aos Estudos Portuenses.

Este ano, pela primeira vez, fui convidada a colaborar no PEUS, no âmbito dos Estudos Portuenses. Foi um convite que muito me honrou e que não poderia recusar. Neste sentido, propus a unidade “A escrita no mundo urbano: o Porto medieval e moderno”. O objetivo é dar a conhecer o contexto histórico e a evolução diacrónica do espaço urbano do Porto através de múltiplas perspetivas, nomeadamente a administração concelhia da urbe; as relações com a administração central; a administração episcopal; as instituições religioso-caritativas; as relações comerciais dentro da cidade e com o exterior, entre outros. A tónica é colocada no mundo da escrita e nos conceitos a ele subjacentes: *scriptoria*, documento, organização da memória, arquivo, cartório, biblioteca e inventário, materiais de escrita, entre muitos outros. Os participantes terão oportunidade de ensaiar a leitura de documentação medieval e moderna e aprender as normas de transcrição documental. O programa prevê ainda algumas visitas de estudo, destacando-se uma deslocação ao arquivo municipal da cidade, na Casa do Infante, onde podem ser admiradas joias do património concelhio portuense.

Espero que seja uma oportunidade para conhecer a história da cidade do Porto através de uma nova perspetiva.

João Baptista Aluno

Quando me falaram do PEUS, corria então o ano de 2011.

Eu tinha deixado de trabalhar em janeiro e durante o verão desse ano tudo correu em grande, sol, praia, bicicleta, uma liberdade que nunca tinha tido, um verdadeiro luxo.

Mas pensei, logo que chegue o inverno não será assim e terei de saber encontrar uma ocupação que me motive e me entusiasme como aconteceu com o trabalho que desenvolvi ao longo de mais de 40 anos.

Consultei o site da FLUP e decidi inscrever-me no primeiro semestre. E para começar, duas disciplinas às terças e quintas.

A minha expectativa era grande, pois sendo eu um homem da área das ciências, ia agora fazer uma incursão pelas letras.

Não podia ter corrido melhor: História Medieval, com o Prof. Luís Amaral, Geografia do Porto, com o Prof. Jorge Ricardo Pinto, e uma turma de 30 colegas.

Foi o voltar à Faculdade de novo e em grande estilo.

Percebi, de imediato, a qualidade dos professores e a empatia com os colegas.

Daí em diante foi um desfiar de emoções, um prazer renovado em cada ano para escolher as disciplinas e o prazer e o desejo de chegar a outubro para iniciar um novo ano escolar e continuar a alargar os meus conhecimentos em áreas nunca dantes navegadas.

Assim foi de uma forma contínua durante mais de 10 anos, tendo frequentado mais de 40 disciplinas. De realçar que, ao longo deste tempo, tive o privilégio de integrar uma equipa que organizou diversas visitas de estudo, de muito boa memória para todos aqueles que puderam desfrutar.

Entretanto o tempo foi passando e a possibilidade de escolha de matérias novas foi escasseando, pois, “quem andou não tem para andar”, mas cá me mantenho a frequentar disciplinas que se renovam e que me permitem continuar a desfrutar deste programa que em boa hora, lá para os idos de 2006, foi criado pela Prof. Graça Pinto.

Ao longo de todos estes anos, fui um mensageiro do PEUS e

contribuí para que diversos amigos se inscrevessem e pudessem beneficiar deste programa.

O passa-a-palavra entre os colegas, amigos e familiares, tem sido muito importante para que a frequência seja suficiente e o programa se mantenha.

Uma palavra muito especial de agradecimento a todos os professores que se disponibilizam anualmente para leccionar no PEUS e que têm sido o garante da grande qualidade das aulas a que temos assistido. Muito obrigado a todos por fazerem parte das nossas vidas e permitirem que nos sintamos sempre estudantes. Assim envelhecemos mais devagar.

Joaquim Bento Correia Pinto Aluno

Frequento o PEUS desde a sua criação, portanto há cerca de 20 anos. Pelo tempo decorrido, é simultaneamente fácil e difícil de responder se colocarmos o título desta crónica em forma de pergunta. É fácil, quando inicio a frequência, porque tendo entrado na fase de interrupção da atividade laboral o que mais surgiu no meu espírito foi a pergunta: e agora como ocupar esta folga na minha atividade que, de certa forma, me preenchia mais o espírito do que propriamente o tempo? O que é que poderei fazer sem ter aquela preocupação de todos os dias me levantar a horas certas e executar as tarefas que, por inerência, estavam à minha responsabilidade e aprender coisas novas para as quais não tive oportunidade no tempo passado?

Comecei a pesquisar via Internet, quando me deparei com a informação de que a **Universidade do Porto** iria avançar com um “Programa de Estudos Universitários para Seniores Licenciados com mais de 55 anos”. Saliento **Universidade** porque englobava todas as Faculdades.

Inscrevi-me logo no primeiro ano de funcionamento do PEUS. E porque é que me inscrevi? Inscrevi-me porque o Programa apresentado relativamente às disciplinas era aliciante, uma vez que versava sobre matérias com as quais tinha menos afinidades; a sua durabilidade previa a duração de 3 anos com a possibilidade, para quem quisesse, de elaborar uma monografia sobre um tema à escolha do aluno ou sugerida pelo professor orientador.

Como a minha expectativa não foi defraudada, bem como a dos meus colegas que comigo iniciaram este percurso, acabados os 3 anos solicitámos à criadora do PEUS, a Professora Doutora Graça Pinto, que abrisse o leque de possibilidades de novas disciplinas para que nós nos mantivéssemos ligados à Universidade. Daqui surge uma parte da resposta ao título desta página:

A coordenação e a ligação muito estreita e com muita afetividade que a criadora do PEUS mantém com os alunos; a variedade e interesse das disciplinas lecionadas; a elevada qualidade da larga maioria dos professores afetos ao PEUS; os laços de amizade e

convívio que criámos com colegas com habilitações e percursos de vida diversos; o intercâmbio realizado com Universidades Seniores do espaço europeu, em especial com as Universidades Espanholas, que foram sempre enriquecedoras, quer nos aspetos culturais, quer nos sociais; as diversas visitas de estudo. Todos estes ingredientes fizeram com que me sentisse umbilicalmente ligado ao Programa.

E agora surge a altura de dar a resposta à questão: porque é simultaneamente difícil responder “Ao que Faço Hoje Aqui no PEUS?”

Como digo atrás, são já quase 20 anos de PEUS. Em 20 anos satisfazer a vontade de cada um com disciplinas que os motive, é capaz de não ser obra fácil, e não ponho em dúvida que todos os esforços estarão a ser feitos para que tal aconteça. Todavia, na minha perspetiva, há já muitos anos a esta parte que tem faltado a variedade de disciplinas que foi colocada à nossa disposição nos primeiros anos de PEUS (apesar da velocidade da evolução em todas as áreas do conhecimento).

Penso que tem de existir um leque de matérias que vão desde as humanidades (que têm sido muito esquecidas no ensino regular), às ciências (das técnicas às sociais), às novas tecnologias e perspetivas de evolução futura destas tecnologias, nomeadamente a inteligência artificial. Temos uns anitos, mas também temos muita curiosidade e motivação para incorporarmos novos conhecimentos. Gostamos de estar ao corrente do que se passa à nossa volta, apesar da nossa idade.

Já há vários anos que o enfoque do PEUS tem recaído essencialmente sobre disciplinas lecionadas na Faculdade de Letras. Se no início esse enfoque foi para mim importante, continuar nesse caminho sem dar relevância a outras áreas do conhecimento como indico atrás, no meu ponto de vista, torna-se bastante redutor. Não gostaria de frequentar o PEUS por uma questão de quase inércia e pela relação que estabeleci com os(as) colegas (que é muito importante). Gostaria de o fazer também porque há outras disciplinas com interesse e de cujo conhecimento não devemos ficar totalmente ignorantes.

A Professora Doutora Graça Pinto tudo tem feito para que professores das várias áreas do conhecimento acedam a lecionar no PEUS, o que, pelos vistos, não tem sido totalmente bem-sucedido. Não terá chegado o tempo de o Reitor da Universidade se interessar por este Programa? No passado houve Reitores que fizeram

proclamações de intenção de apoiar o PEUS, considerando que o mesmo honrava a Universidade e era uma formação contínua que se traduziria num dar e receber conhecimento. Faziam questão de estar presentes e emprestar solenidade ao ato de abertura de cada ano PEUS. No meu entendimento, seria útil fazer mais qualquer coisa para envolver a Reitoria e fazer-lhe sentir a utilidade do Programa, tornando-o mais universalista no que às disciplinas diz respeito. Se ainda é atrativo para muitos, torná-lo-ia atrativo para muitos mais.

Joaquim Castro Freitas Aluno



1ª edição, março de 2005

Ilustração de Guilherme de Castro

Título: Morrer de Véspera ou arriscar um Beijo

Jonathan Lewis Docente

Nem acredito que já passaram 20 anos desde que o PEUS começou. Estes anos passaram tão depressa ... eu próprio acumulei vários cabelos brancos.

Durante este turbilhão de tempo, vi surgirem e desaparecerem muitos alunos deixando marcas firmes na minha memória. Posso dizer honestamente que as aulas do PEUS sempre me deram muito prazer e realização profissional e pessoal.

Como professor, sempre fui abençoado com turmas de alunos veteranos entusiasmados que adoram vir à faculdade e participar nas aulas. Este entusiasmo é contagiante e sempre me inspirou a criar aulas dinâmicas que tenho gostado muito de lecionar.

As nossas aulas de inglês permitiram-nos explorar muitos temas diferentes ao longo dos anos, da arte à ciência e da literatura à história, usando-os como contextos para praticar o inglês.

O foco sempre foi desenvolver a confiança dos alunos em falar inglês para que possam comunicar e não se preocuparem com os erros que possam cometer. Mas também usamos sempre as aulas para praticar as competências de leitura e audição, permitindo aos alunos ouvir diferentes variedades do inglês falado.

As experiências de vida dos alunos também desempenharam um papel importante nas aulas, pois partilharam histórias sobre as suas vidas enquanto pais, avós, médicos, professores, advogados, gestores e viajantes para muitas terras diferentes, sempre com uma história pessoal para contar.

Talvez os momentos mais memoráveis de todos sejam as excursões anuais que fazemos no final de cada ano, sempre com o intuito de visitar um local de interesse na cidade do Porto que tenha alguma ligação com a cultura britânica.

Ao longo dos anos, visitámos a English Factory House, a Igreja Anglicana de St. James, o British Club, a Casa Infante, a Casa Andresen e o Jardim Botânico, entre muitos outros. Estes eventos culminaram sempre num almoço a celebrar a conclusão bem-sucedida de mais um ano e a desfrutar da companhia uns dos outros numa atmosfera de amizade e admiração mútua.

Gostaria de agradecer a todos os alunos que ensinei no PEUS ao longo dos anos por me ajudarem a tornar o meu trabalho tão variado e agradável como tem sido.

Vida longa ao PEUS.

Vocês são os melhores alunos que tenho o privilégio de ensinar!

Jorge Alexandre Ribeiro de Oliveira Aluno

O que faço eu no meio do PEUS

E aqui estou EU.
No PEUS.

Porque vieste para o PEUS?

Porque, antes de me reformar em janeiro/2022, apesar das muitas horas e esgotantes exigências da atividade bancária, efervescia a vontade de me inscrever no Curso de História ou no Curso de História de Arte da Faculdade de Letras da UP. Contudo, logo que me reformei, em alternativa àquelas licenciaturas, o PEUS disponibilizou-me uma descontraída e interessante variedade de temas, perspectivando-se, assim, a possibilidade de alimentar o meu fascínio pelo conhecimento diverso, de refletir perante novos saberes e de formar novos questionamentos, sempre assente na curiosidade e numa satisfação intelectual.

O que fazes no (meio) do PEUS?

Respiro uma atmosfera de descontração. Aqui, absorvo diferentes energias e frescas visões em busca da compreensão do presente e do futuro através do saber da História.

E como se tem concretizado esse aprofundar do conhecimento?

De forma excelente. Fui recebido em 2022 pela Dra Raquel Patriarca com a *História do Livro e das Bibliotecas* – não havia melhor maneira de ser recebido e de recomeçar uma nova vida de conhecimento académico, depois da licenciatura em Economia pela FEP. Com a *História de Arte* em 2023 e 2024, a Dra Diana Felícia explodiu-me o entusiasmo pelos segredos da arquitetura, da escultura e da pintura. Por último, a Dra Clara Barros, inebriou-me e prendeu-me definitivamente à *História da Língua Portuguesa*, com a sua exposição aberta e profunda. E, por tudo isto, o meu obrigado muito es-

pecial pela disponibilidade e dedicação com que partilharam o seu conhecimento, que demorou muitos anos a ser adquirido, por vezes com sacrifícios vários. E um obrigado ao PEUS, por partilhar estes importantes ativos representantes do saber, por disponibilizar colaboradores atenciosos para esclarecer e solucionar questões administrativas e permitir, num espaço descontraído, a criação de novas e diferentes amizades.

Que perspetivas tens para o teu futuro no PEUS?

Continuar a não ter tempo para o sofá. A expansão dos domínios do saber, com novas reflexões, novas leituras, com as colunas de livros a não pararem de aumentar, deixa antever a continuidade de um rejuvenescimento cognitivo, de uma enriquecedora e muito gratificante partilha de visões, assente num espírito aberto e tolerante, que só o conhecimento diverso e profundo possibilita. Quem sabe, e assim desejo, se não teremos proximamente “*A História da Literatura Portuguesa e Estrangeira*” para nos deliciar em novas andanças e cantares de amigo? Por mim,

CÁ CONTINUAREI, NO MEIO DO PEUS.

Jorge Deserto Docente

À entrada, com um pé dentro

Quando a Professora Graça Pinto me colocou a hipótese de escrever um pequeno texto para os 20 anos do PEUS, pensei que haveria um equívoco: no fundo, a minha colaboração com o PEUS estava agora mesmo a começar, neste exato segundo semestre de 2024/2025, e, por isso, a minha relação com este Programa fora, até aqui, apenas a do observador interessado e algo distante. É certo que perfeitamente consciente da importância deste movimento de expansão em direção a um outro público e do seu valioso contributo para que a universidade não seja apenas um lugar de formação e possa ser igualmente uma fonte de (re)circulação de saberes, um lugar onde magicamente experiência e curiosidade se (re)encontram. Tenho a certeza de que, de muitas maneiras, diversas e criativas, isso tem acontecido ao longo destes vinte anos, em que o PEUS já foi certamente capaz de se testar, de se pôr à prova de todas as formas possíveis, tendo chegado a este belo momento, já adulto, já inteiro, depois de ter suportado todas as dores de crescimento e todos os testes de *stress* a que o mundo, sempre ardiloso, sujeita quem se está a desenvolver. Do PEUS e da sua solidez, nada a dizer: é um monumento, está firme à vista de todos, está para durar.

Agora eu. Como disse, cheguei agora. Estou à entrada da porta, a olhar para dentro, a habituar-me ao espaço, à luz, às vozes, à dinâmica do lugar. Já tenho um pé mais dentro do que fora, mas o corpo ainda ganha balanço, incerto, que isto não é lugar para entradas a pés juntos.

No momento em que escrevo, tardio, já queimados os prazos e posta à prova a paciência, não necessariamente infinita, da Professora Graça Pinto, levo, somadas, três sessões, quase quatro, de *Mitologia Grega*, coisa que pode resumir-se, num sumário imperfeito, como um conjunto de histórias de gente mal comportada, deuses e heróis que viveram em tempos muito antigos e que ainda hoje nos assombram com os seus enredos infundáveis e em constante recriação. Nesta experiência ainda curta, ainda a descobrir ca-

minho, dei já conta do interesse e generosidade de uma plateia, infinitamente paciente diante de um professor que às vezes divaga e mete por atalhos, curiosa e atenta, pronta a colocar questões pertinentes e a introduzir referências apropriadas. É, sem dúvida, um momento estimulante e feliz.

Ainda mais fora do que dentro, ainda à procura do tom certo, já percebi que gosto deste lugar. Vou entrar, pousar a bagagem, instalar-me. Estou em casa.

Jorge Ricardo Pinto Docente

A docência nem sempre é recompensadora. Com frequência, o professor encontra turmas desmotivadas, alunos perdidos numa teia de desinteresse pela vida, pelo mundo e pelo que os rodeia. Tantas vezes, o docente reinventa estratégias e transforma o discurso para captar atenções ou «chamar a terreiro» o aluno. E, em tantas outras ocasiões, o processo falha, a atenção perde-se e o receptor regressa (ou nunca de lá saiu!) a um patamar de indiferença, perdido num outro mundo, distante da aula e da partilha do conhecimento.

Nunca foi assim no Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto, onde tenho o privilégio de participar desde 2007, com apenas o interregno de um ano letivo. Aí, tenho encontrado a alegria da docência, o verdadeiro prazer da partilha. Nesse ambiente, reencontrei-me com aquilo que, desde menino, via como a minha vocação e com tudo o que almejei para o meu futuro, quando, ainda catraio, acompanhava o trabalho da minha mãe enquanto professora do ensino secundário. Dar e receber. Partilhar e conhecer. Comunicar. Comunicar num sentido completo.

Desde pequeno, sonhei ser professor por causa da minha mãe, que ensinava português e inglês. A minha trajetória académica foi atribulada, marcada por ziguezagues que me conduziram a um destino que, de certa forma, sempre ambicionei. Não fui professor por acaso, na medida em que alguém pode realmente conduzir o seu próprio destino. Mas, ao longo dos anos, compreendi outras formas de me regozijar com a minha profissão, para além de simplesmente cumprir um sonho de infância. No PEUS, aprendi dimensões da vida de docente que estavam para lá da minha imaginação, descobrindo novas camadas de satisfação e realização profissional.

No PEUS, ao longo dos anos, tenho-me sentido desafiado de uma forma que raramente acontece noutras esferas do ensino. A atenção e o interesse dos estudantes não só me obrigaram a ser melhor como docente, mas também a aprofundar cada tema, a procu-

rar novas perspectivas, a reencontrar em mim mesmo a curiosidade infinita pelo conhecimento. Ao preparar cada aula, senti-me impelido a explorar mais, a procurar novas fontes, a reler autores e a descobrir informações que, tantas vezes, se revelaram surpreendentes. E essa jornada de estudo, alimentada pela responsabilidade de ensinar a um público tão atento e exigente, devolveu-me um sentido de realização profissional que ultrapassa qualquer descrição. O prazer do conhecimento, esse gosto indefinível que nos preenche e engrandece, tem sido um dos mais belos presentes que recebi destes anos de docência no PEUS.

Os estudantes que aqui encontro ouvem o que digo com uma cumplicidade que me emociona. Sinto, a cada aula, que caminhamos juntos na mesma direção, num diálogo fluido e enriquecedor. Aprendo com eles. Divirto-me. A cada sessão, acrescento tanto ao pouco que sei, porque cada intervenção, cada pergunta, cada partilha de experiência e conhecimento amplia o horizonte do que julgava conhecer. Há uma troca genuína e profunda, uma construção coletiva de saber que é, no fundo, a essência mais pura do ensino e da aprendizagem.

O primeiro desafio a que nos propusemos foi o de conhecer melhor o Porto, a “minha” cidade, no tanto que uma cidade possa ser nossa e de todos ao mesmo tempo. Queremos compreender a sua geografia, a forma como, a partir de um pequeno núcleo, se foi construindo uma metrópole ao longo do tempo e, nesse mesmo tempo, se foi definindo e reedificando permanentemente a(s) sua(s) identidade(s), modelando uma sociedade complexa e heterogénea. Rumo a este objetivo, o caminho fez-se em conversa, em diálogo frutuoso, feito de adendas permanentes e debates constantes, erigido sempre pelas diferentes sensibilidades e formações de quem participa, acrescentando permanentemente ideias novas e perspectivas reveladoras.

Não raras vezes, aprendemos todos uns com os outros a partir de um mapa, de uma gravura, de uma fotografia antiga, que são, no fundo, motes para conversas e histórias em novelo de um Porto sempre por descobrir. Dali partiram risos e reflexões, mas também substância escrita, que até já permitiu a organização de um colóquio, comunicações em congressos científicos ou trabalhos académicos de valor inquestionável para o conhecimento aprofundado do Porto, essa cidade que nos une.

Até há dez anos, o meu trabalho no PEUS estava centrado ex-

clusivamente no Porto. No entanto, com a criação da unidade curricular de Geografia Urbana Histórica, ampliámos horizontes. A procura foi tão grande e o interesse tão intenso que as aulas se prolongavam, ano após ano, sem que conseguíssemos concluir o programa. Assim, decidiu-se dividi-lo em duas partes, criando as disciplinas de Geografia Urbana Histórica 1 e Geografia Urbana Histórica 2.

Com essa evolução, partimos do Porto para o mundo, explorando Londres, Paris, Nova Iorque, Chicago e tantas outras cidades por esse planeta fora. Sem sair da sala de aula, viajamos através da pintura, de gravuras antigas, de fotografias e, sobretudo, da cartografia, que nos permite reconstruir e compreender a evolução urbana ao longo dos séculos. Nas aulas, recorreremos a mais de 600 imagens produzidas ao longo da história da Humanidade! Essa abordagem abriu portas para debates ainda mais ricos e para uma compreensão mais ampla dos fenómenos urbanos, sempre guiados pelo entusiasmo e pela curiosidade dos nossos estudantes.

Há, nos estudantes do PEUS, uma generosidade rara, uma sabedoria que não vem apenas dos livros, mas da experiência vivida, da forma de estar, da vontade incessante de aprender e partilhar. É uma sabedoria que se manifesta no respeito pelo outro, na curiosidade que não esmorece, na capacidade de transformar o que se aprende em conhecimento prático e relevante.

Pelas ruas do Porto passeamos muitas vezes, em encontros debaixo de sol e, por vezes, de chuva, mas sempre à procura de recantos por descobrir e de percursos onde cada um oferece o que tem para dar.

No Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto, reencontrei as duas fórmulas mágicas para o conhecimento: a paixão e a generosidade.

Obrigado a todos aqueles que têm partilhado comigo esta viagem.

Tem sido um privilégio.

José Alberto Rio Fernandes Docente

Aprendi há muito que todas as iniciativas são coletivas, mas que para a sua concretização e persistência é essencial a existência de um líder, cujas qualidades se refletem na da iniciativa. Assim é com o PEUS, o Programa de Estudos Universitários para Seniores, lançado desde a Faculdade de Letras, por vontade da Universidade do Porto, mas cuja ideia é da minha ilustre e muito simpática colega Graça Pinto que o continua a acompanhar cuidadosamente.

E eu, o que faço eu no meio do PEUS? Nada! Já fiz. E, ainda estou disposto a fazer alguma coisa no futuro. Logo se vê o quê. Talvez nada.

Sou da fundação. Fui convidado para assegurar uma unidade curricular logo na primeira edição do curso. Acedi. Afinal, havia que acarinhar um projeto valioso para quem deseja aprender – e como eu gosto de quem gosta de aprender! –, garantir um espaço para a Geografia – e eu sempre defendi a Geografia (dois mandatos como Presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos demonstram-no suficientemente) e encarar um desafio novo: três boas razões para responder favoravelmente, a que se juntava – o que não era pouco importante – a simpatia da convidadora.

Foi um prazer ser professor. É sempre, devo confessar. Porque sou dos que têm a felicidade de gostar do que faz. Na sala, ou na rua, como estivemos nos Estudos Universitários para Seniores, em percursos a pé no Centro Histórico. Impressionei-me com o conhecimento de muitos dos estudantes. Com as conversas na sala de aula e o prazer de percorrer a cidade.

Creio que fui docente apenas dois anos. Tenho muitas solicitações... Mas só deixei o PEUS, porque pude garantir que os estudantes ficavam melhor servidos, com um colega de excelência e ótimo professor, o Jorge Ricardo Pinto, um apaixonado pela Geografia Urbana Histórica e pela Cidade do Porto. Por ele foi continuado o prazer da docência e continuei a acompanhar o PEUS. E a sentir que, de alguma forma, ainda “fazia parte”.

Com surpresa – e honrando-me – fui convidado a proferir duas conferências, o que fiz com grande prazer, revendo alguns alu-

nos em sala, alguns dos quais ia vendo também antes ou depois das aulas, no bar do piso 2 da Faculdade de Letras.

Para o futuro? Os meus votos é que haja novos estudantes. E repetentes. Que todos sigam – sigamos! – com vontade de aprender e que o PEUS celebre muitos anos de vida!

José Luís Lago da Costa Aluno

Qualquer processo científico necessita de uma pergunta e a busca da resposta leva-nos à obtenção de conclusões.

Para quem, todas as semanas de duração dos estudos, se desloca duzentos quilómetros, só pode fazer uma coisa, divertir-se.

Pode parecer estranho alguém nesta fase da vida inscrever-se numa faculdade só por pura diversão.

Por outro lado, só mesmo a diversão justifica a inscrição no PEUS.

O prazer de adquirir novos conhecimentos, a consolidação dos já adquiridos, conhecer pessoas novas, com vivências diferentes, as trocas de opiniões com colegas e professores, o percurso até à faculdade e o regresso na companhia dos colegas são sempre momentos de diversão.

São pura diversão os momentos passados nas aulas. São como uma ida ao ginásio. O exercitar a nossa atenção, a introspeção, o esclarecimento de dúvidas, o verificar que ainda existe muito por conhecer.

Tudo isto é pura diversão.

José Manuel de Castro Oliveira Aluno

Após uma carreira dedicada ao setor bancário, encontrei-me a abraçar a serenidade da reforma com uma mistura de alívio e incerteza. Sempre fui um homem de hábitos tranquilos e introvertidos, encontrando conforto e fascínio nos detalhes silenciosos das árvores genealógicas que meticulosamente construí para familiares e amigos. Esta atividade, embora gratificante, era eminentemente solitária, e os meus dias eram frequentemente passados isolado no meu escritório, com apenas a companhia dos meus arquivos e da vasta teia da internet que facilitava a minha pesquisa.

Tudo mudou quando, em conversa com um amigo, soube da existência do PEUS, que ele já frequentava. A relutância inicial deu lugar a uma decisão que viria a ser uma verdadeira lufada de ar fresco na minha vida.

A minha integração no programa revelou-se uma surpresa maravilhosamente positiva. Rapidamente, descobri que o convívio com colegas e a interação com professores enriqueciam cada dia, trazendo uma nova energia que há muito não sentia. As aulas, as visitas de estudo, e a troca de conhecimentos, eram um contraste vibrante com a quietude da minha atividade genealógica e com a paz morna dos meus dias em casa. Cada sessão era uma oportunidade de aprender algo novo, de ver o mundo através de diferentes perspetivas e, o mais importante, de partilhar.

Este programa não só me permitiu expandir os meus horizontes académicos, mas também me ajudou a desenvolver habilidades sociais que haviam sido pouco exercitadas ao longo dos anos em que a comunicação não era o meu forte. Encontrar outros que compartilhavam dos meus interesses, ou que simplesmente apreciavam a companhia para aprender juntos, transformou os meus dias em momentos de antecipação e prazer.

O impacto deste programa na minha vida foi profundamente positivo. Trouxe um novo brilho às minhas semanas, reacendendo uma paixão pela aprendizagem e pela vida comunitária que pensei ter deixado para trás. A experiência reforçou a importância de per-

manecer ativo e envolvido, independentemente da fase da vida em que nos encontramos.

Ao refletir sobre o meu percurso neste programa, sinto uma profunda gratidão por ter dado aquele passo inicial, apesar das hesitações. Aos meus colegas e professores, devo um imenso obrigado por me receberem de braços abertos e por tornarem cada momento juntos uma experiência valiosa. Este capítulo da minha vida, repleto de novas amizades e conhecimento, é um testemunho do poder transformador da educação e da comunidade, em qualquer idade.

José Manuel Soares Aluno

A ignorância é a mãe do atrevimento. Mas o reconhecimento da ignorância é uma ignorância instruída
(*alguém o terá dito*).

A escolha deste tema veio inquietar-me, confesso. Há muito que afastara a ideia de escrever algo relacionado com o Peus, invadido que estava já por uma camada de inércia, ou lassitude, mesmo. Ando por aqui há muito tempo. Falar do início do Peus é penetrar no “tempo profundo”. Considero-me, quase, um “dinossauro”. Fácil é, pois, entender que a memória – a minha – em certos momentos, se recuse a colaborar. Por vezes, tenho que a “empurrar para dentro do crânio”. Neste caso, para escrever estas linhas, necessitei de escavar bem fundo, ir até ao “permafrost” onde se encontrava soterrada!

Pertenço ao grupo de sobreviventes do primeiro ano do Peus. É uma pequena vida. Pasmese: quase um QUARTO dela! Pensando bem, sinto-me como se tivesse sido capturado pelo Peus. Sempre que aqui entro, deixo lá fora os problemas, doenças e demais inquietações. É o seu sortilégio. Gosto de pensar que por aqui andarei “ad aeternum”! Ainda que correndo o risco de ser tomado por um “alienígena”. Quanto mais me adentro pelos anos que passaram mais me surgem os rostos dos colegas que me acompanharam nesta aventura. Alguns já muito (ou de todo) esvaecidos. Reconheço. Eramos cerca de trinta e seis naquela única sala dos Estudos Portuenses. Cinco. Cinco serão ainda, ou somente, os estoicos resistentes de 2006!

Desde aquele longínquo ano, vagas sucessivas foram entrando. Os “caloiros” são sempre bem-vindos. São a garantia da continuidade. Para muitos entra-se, mas não se sai. De facto, não há registo de existir, noutra universidade portuguesa, curso tão longo! Tem princípio, mas não tem fim. A diversidade de disciplinas foi tal que, alguns – nos quais me incluo, claro – são já distintos polímatas. E continuamos a persistir. Fiéis ao aforismo: “o saber não ocupa lugar”. Será? A convivência e camaradagem que se estabelecem

é o cimento agregador, que gera amizades e mesmo solidariedades bem tocantes. As salas de aula, os sofás do bar, os convívios, as viagens e intercâmbios serão, em boa medida, os responsáveis por este ambiente “sui generis”. Apetece perguntar como é que uma população tão heterogênea, com experiências profissionais diversas, cursos académicos variados, idades nem sempre próximas, foi capaz de construir tal ambiente. A merecer um “estudo de caso”. Digo eu “Ex Cathedra”! Existe uma classe de agentes que não podemos esquecer. Os Professores. E foram inúmeros os que nos “passaram pelas mãos”. Alguns ficaram indelevelmente ligados ao percurso dos alunos e contribuíram muito para o êxito do “curso”. (Há sempre neste campo preferências, como se sabe, fruto de idiossincrasias as mais variadas...). E, já que estou em maré de apreciações, é de justiça referir, de passagem, as “inventivas” dos próprios alunos. Organizando encontros, passeios e almoços (que não podiam faltar). Enriqueceram, e muito, estes Estudos.

Vou, agora, a subir as escadas. Hoje a aula é no segundo andar. Recuso o elevador (não sou nenhum velho – pensamento questionável). Ah! já não tenho as pernas que tinha. Que lhe aconteceram? Penso, ofegante. O corredor está pejado de gente. Visto daqui parece um “cafarnaum” – exagero meu. Passam jovens falando alto e gesticulando. Outros aguardam às portas com os inevitáveis “smartphones”. Outros, ainda, para quem “o chão é o limite”, aguardam também. Hesitante, decido-me a avançar. Súbita vontade de migrar para este universo de juventude leva-me a caminhar, ziguezagueando, com decidida energia e alguma empáfia. Efeito de inesperada “alchymia”? Gosto de pensar que faço parte desta interação geracional. Este corredor semelha-se a uma pequena Babel: inglês, espanhol, português...o que me trouxe à memória o *mandarim*. Eramos poucos nessa aventura. E fomos, até, motivo de curiosidade “zoológica”. A simpática professora bem se esforçou. Mas a matéria-prima não ajudava. “Ni Hao” ficou para recordação! Entro na sala, já lá está a jovem professora. “Podia ser minha filha” penso. Nas aulas não se sente mais aquele “formigamento”, o receio de ser chamado “à pedra”. (Já ninguém nos dá Créditos!) Não esqueço, não posso, aquela disciplina em que a dinâmica professora (lembram-se?) nos incentivou (obrigou!?) a escrever um poema. Andei dias, qual nefelibata, a tentar. Por fim, saiu um arremedo!]. Que me seja relevada esta prosa “intimista”. Desta feita, cheguei mesmo a pensar escrever um poema. Mas que se esperaria de um “poetas-

tro”? Convívio (combater a solidão) e obter mais conhecimentos são as duas respostas mais óbvias à questão: “Que faço eu no Meio do Peus?”. Nunca se sabe tudo, e o Peus está a todo o momento a lembrar-nos o quanto ignorante somos. “Só sei que nada sei” terá dito Sócrates. Terá ou não, é uma verdade intemporal. À medida que escrevia este excurso, dei comigo a cogitar em que sentido se teria empregado, aqui, a palavra “Meio”. E levantou-se-me esta dúvida: Será que foi com o significado de “metade” – numeral? Se sim, então, posso ter, ainda, cerca de dezanove anos (!) pela frente. O que me deixa muito confortável. Entrarei no Guinness! Nada mau. (Escapou-se-me esta espécie de litote, aliás, estamos sempre a empregá-los). Sonhar ajuda a viver. Sonhemos pois! Vejo-me a andar por aqui mais alguns anos. Todavia o futuro é arcano, como são todos os futuros. Aliás, o meu apresenta já um horizonte perturbador, com nuvens bem sombrias. Que se avolumam. Conto com o Peus para me ajudar a dissipá-las. Mas as recentes ofertas pedagógicas preocupam-me. Têm vindo a estreitar-se, sobretudo para os alunos “mais repetentes”. Não obstante o esforço, reconheça-se, da Professora-Coordenadora. As opções têm-se revelado mais difíceis. Lembro que há anos tivemos uma diversificação bem entusiasmante. Várias foram as Faculdades representadas na oferta: Medicina, Direito, Engenharia, para focar algumas. Julgo saber, no entanto, que, em tempos, várias tentativas feitas pela Coordenação não mereceram o favor dos alunos. Como quer que seja, é tema que interessa a alguns (muitos/poucos?). Bem sei que os alunos mais antigos, já com alguns lustros passados nesta Casa, tendem a ser mais difíceis de contentar. Subjaz a esta “exigência” uma vontade continuada de “melhoramento intelectual”. Não nos deixamos ananizar. Consideramos a expressão “a velhice é um símbolo de sabedoria” como um ponto de partida, nunca de chegada. Investimos no saber, não em férias sibaríticas. Esforçamo-nos por agarrar o futuro, cada vez mais fugidio, é certo. Tarefa inalcançável! Há dias, pesquisando na minha modesta biblioteca, não é que fiz um verdadeiro achado “arqueológico”: um caderninho de crónicas dos alunos, do recuado ano de 2007, organizado pela Professora Olívia Figueiredo. Uma relíquia! Mas eis que, de súbito, pasmo. Não é que já vejo, ali no fundo, a orla desta segunda página. Como foi possível? Interrogo-me. Eu que duvidava se teria fôlego para uma! Estou vaidoso. Já me julgo “um escritor encapsulado no corpo desta ve-

lha carcaça". Obrigó-me a pousar a "pena" com pena, não obstante a concisão que procurei. Longa Vida para o PEUS!

- NOTA: Ao longo desta prosa, algumas coisas tomei de empréstimo, sem o pedir. "Mas as palavras são peregrinas, transportam sentidos de um lado para o outro".

Júlio Manuel Maciel de Lima Aluno

PEUS

Quando me aposentei logo pensei
Que parar é morrer e a vida é bela,
Não vou ficar a olhar pela janela
A ver passar o tempo e a sua lei.

Continuava a ter sede de aprender
E como Alumni não quis descansar.
Porque o saber não ocupa lugar,
O PEUS é um bom lugar para crescer.

Em boa hora o fiz e com deleite
Naveguei em novas áreas do saber
E em círculos mais altos fui aceite.

Conheci novos amigos e vivi
Muitas horas muitos dias de prazer.
Estudei, viajei e aprendi.

Muito obrigado à Sra. Professora Maria da Graça Pinto, criadora e diretora do PEUS, e a todas as professoras e professores que, ao longo destes vinte anos, disponibilizaram o seu tempo e partilharam os seus conhecimentos. Bem hajam.

Manuel Cavadas Aluno

Penso, logo existo

Pensar, refletir, recordar o meu percurso de vida.

Face à evolução tão rápida da sociedade diria que nasci no “período medieval” e percorri vertiginosamente o meu percurso de vida até aos dias de hoje, já no mundo da inteligência artificial (IA).

Nasci no princípio do fim da segunda guerra mundial e vivo atualmente no princípio de uma nova guerra.

Neste meu período de vida assisti a uma evolução fantástica da sociedade, consequência da globalização, que levou o conhecimento a muitos povos que até aqui não tinham qualquer informação.

A evolução das comunicações, a melhoria dos níveis de sobrevivência, que melhoraram os seus recursos locais quer procurando meios de sobrevivência e melhoria das condições de vida através da emigração.

O PEUS ajuda-nos neste percurso de vida, colocando à nossa disposição as ferramentas necessárias para o entender.

Manuel de Oliveira Bastos Aluno

Foi-me pedido um testemunho sobre a vivência neste curso para a comemoração dos 20 anos da sua existência, tal como aconteceu nos 10 anos.

Não sabendo o que escrever, permitam-me que inicie este texto, relembrando, como acabei o outro, aquando do primeiro livro, recitando Leonardo de Vinci:

“O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da vida. Colhe, pois, a sabedoria. Armazena suavidade para o amanhã”.

Vinte anos passaram desde o aparecimento deste curso e ainda temos sobreviventes do primeiro ano sendo salutar a sua resistência, pois, à semelhança de uma Nau, não foi fácil marear tanto tempo, sem que tivesse havido tormentas pelo caminho, mas foram ultrapassadas ao longo do percurso, com a colaboração da tripulação, professores e responsáveis do curso.

O aparecimento deste curso na altura, para seniores na Universidade do Porto, veio preencher uma lacuna, até então existente, e em poucos anos passou para um número de alunos, bastante elevado, o que demonstra a sua importância.

De referir que os alunos que frequentaram e frequentam este curso têm uma formação académica acima da média, isto é, a sua exigência, em termos de ensino, é elevada, o que pressupõe, em termos dos responsáveis, uma especial atenção, propondo novas disciplinas ou reformulando outras, de modo a que o curso não entre numa certa banalidade e os alunos continuem a gostar de o frequentar, como tem acontecido.

Sobre este aspeto, seria importante uma maior diversificação no teor das disciplinas, englobando outras matérias de outras Faculdades, como outrora já aconteceu.

Novos rumos para a obtenção do conhecimento deverá ser a preocupação dos responsáveis, aproximando-os mais dos alunos.

Para o efeito, sou de opinião, que deveria haver, como outro-

ra já existiu e com ótima experiência, uma articulação entre os responsáveis do curso e a figura do representante oficial dos alunos, figura esta que poderia ser uma peça basilar na informação a prestar aos novos alunos, pois, penso, no momento atual, alguns sentem-se perdidos, quando entram.

Tirando um ou outro semestre que, por impossibilidade académica não me inscrevi, faço parte do PEUS desde 2010 e reconheço que me faz falta quando lá não estou e foi a melhor decisão que tomei: continuo a obter novos conhecimentos, criei novas amizades, fiz e colaborei na organização de visitas no âmbito das disciplinas e essencialmente estimulou-me a tirar novos cursos na Universidade.

E Leonardo da Vinci tinha razão...o novo conhecimento tornou a minha alma mais jovem.

Face ao exposto, não deixo de endereçar os parabéns à Sra. Professora Doutora Maria da Graça Pinto por ter criado este curso e fico com a esperança de que a Universidade e a Faculdade de Letras do Porto se preocuparão em criar condições para que o PEUS seja cada vez melhor e uma Instituição digna do máximo respeito por quem a procura.

Manuela Seoane Aluna

O que faço eu no meio do PEUS?

Decido atender ao email sem demora. Tantos alunos e tão poucas respostas?

Boralá!

Provavelmente sou como todos os Peus, profissionais que tiveram carreiras longas, técnicas, exigentes, com muitas necessidades de formação e pouco tempo livre –nenhum – para outros saberes e interesses. A maioria está agora reformada e dispõe de tempo, esse “asset” extraordinário a que só agora chego. Finalmente!

Observo os colegas nesta edição de “Arte I” e, apesar de provirem de áreas tão diferentes, todos partilham da mesma vontade: saber mais.

Imagino que as aulas de Arte sejam muito populares; a atração do belo, a mestria, exercem um fascínio natural no ser humano, em nós, os Peus.

Não fico muito surpreendida por haver neles tantos médicos. É uma carreira tão longa e exigente que dei por mim ao longo da minha vida a desejar o dia em que pudesse aprender outras coisas. Sempre gostei de ver museus e vaguear por quadros, retábulos, esculturas, móveis e objetos. Consigo emocionar-me ao ver uma obra e senti-la; só me acontece o mesmo com a música, por vezes fico perdida na expressão, na cor, na alegria, no sentimento.... Tenho tido muita sorte. Fui aos melhores museus do mundo, vi obras que vão ficar para sempre dentro de mim. Procuro compreender o artista, no seu tempo e modo de viver, e de alguns deles a sua história pessoal. Inscrevi-me nestes cursos para perceber os nomes dos movimentos artísticos e “olhar” melhor para as suas obras, esperava que o curso pudesse fazer a ligação à história, na verdade dou por mim muitas vezes a pensar como seria a vida daquele artista, como seria o seu tempo.

Ligação cronológica e arte. Outra coisa que me interessa e fascina é a arte noutras culturas, enquanto Rafael pinta os frescos da Capela Sistina o que fazem os chineses, os persas os mongóis?

Tenho visto tantos locais e obras maravilhosas: Persépolis, Fortes na Índia, templos, o que estávamos nós na Europa a fazer?

Divago. Deixo o meu testemunho. Procuro aprender para perceber melhor o mundo em que vivemos e o que somos.

Estou muito agradecida ao PEUS, “please keep going”.

Acho toda a turma feliz e interessada. Outra coisa fascinante, pelo menos para mim, é voltar à Universidade e observar os jovens, tantos sonhos, tantas possibilidades.

Quando os observo revejo-me, tanta vida.

Creio que crescer é aprender a deixar ir.

Obrigada

Marcos António Pacheco e Castro Aluno

Cheguei e vi-me rodeado de pessoas da minha idade com vontade de saber, acrescentar novos conhecimentos.

Assim, por opção, quis desenvolver as minhas aprendizagens sobre História Política, que não faziam parte dos meus conhecimentos curriculares dados pela escola e pela experiência de vida.

É um prazer ouvir o Professor Doutor Adrião partilhar os seus saberes e a sua forma de transmitir, cujo objetivo era só e apenas envolver-nos na cadeira por si dada e pela forma como nos convidou a *entrar no autocarro da História* e seguir a viagem, tal e qual como se “passeia” e avança no conhecimento.

Ao fim de muitos anos e pouco saber, deixei-me envolver pela força e vontade do *teacher* Jonathan Lewis em ouvir, sentir e até balbuciar algumas palavras de uma língua que me era adversa.

Depois da experiência de um semestre, quis voltar, para poder escutar, ouvir e aceitar novos desafios.

Foi o que aconteceu com a Professora Doutora Sónia Duarte, que cativou pela sua juventude, energia, vontade de inovar e transmitir conhecimentos, tanto no espaço, como nas visitas de estudo propostas e pelo desafio de organizar uma exposição sobre lugares icónicos da cidade do Porto, totalmente da nossa responsabilidade.

Finalmente, depois de ter aceitado o desafio que me foi dado e proposto pelo PEUS, quero continuar a caminhar este caminho, visto que percebi que nunca é tarde para saber, aprender e ir mais longe nos conhecimentos que me propus adquirir.

Maria de Fátima Marinho Docente

A importância do PEUS

Passaram vinte anos desde a criação deste curso, criação que eu acompanhei de perto, dado o cargo que então ocupava. A persistência e originalidade da Prof. Graça Pinto, a sua insistência na diferença entre este programa e os outros que existiam e ainda existem, legitimou a aposta que a Universidade do Porto entendeu fazer num curso que era novo, cujos propósitos eram diversos de todos os outros cursos que se ministravam na Universidade. O facto de só licenciados se poderem inscrever fez também com que a exigência das matérias lecionadas pudesse refletir o interesse em assuntos cientificamente mais complexos.

Lecionei nos primeiros anos de funcionamento do curso, mas depois, fiz um interregno, devido a outros compromissos. Regressei este ano letivo e devo dizer que o prazer que me dão as aulas de Literatura, para as quais escolhi a análise de *O Esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes, ultrapassa o prazer que alguma vez senti a ensinar estudantes mais novos, frequentemente, alheios aos temas ou com pouco interesse pela Literatura que poderá já não corresponder às suas mais imediatas vivências.

O contacto com os estudantes do PEUS é gratificante: a empatia que se gera (a idade deles é semelhante à minha, Professora jubilada), a partilha de experiências, o estudo de uma obra que apele para temas que facilmente identificam, tudo concorre para criar uma atmosfera cúmplice. A variedade de formações anteriores (há médicos, advogados, economistas, engenheiros, professores) é também uma mais-valia: a possível estranheza inicial transforma-se no gosto da descoberta, na discussão de temas novos, de problemáticas nunca abordadas, de pontos de vista transgressivos em relação ao comumente aceite.

Aposentada há pouco mais de um ano, a saudade das aulas gerava alguma nostalgia e a sensação de uma realidade sem retorno; o desafio para lecionar um módulo tornou-se num inesperado prazer e num sentimento de «juventude» renovada.

Se me perguntam «o que faço no meio do PEUS?», eu respon-

do: persigo a paixão de uma vida inteira, atualizo os conhecimentos, questiono-me sobre o modo de ensinar e a pertinência de alguns saberes, focalizo diversamente o texto literário, relativizo as abordagens consagradas, acolho os pontos de vista decorrentes de formações diferenciadas, ricos em testemunhos pessoais. E a discussão surge cristalina, o prazer entranha-se, o enriquecimento é mútuo, os saberes entrecruzam-se e suplantam-se.

Vinte anos é já um longo percurso, mas há estudantes que se mantêm, que se vão inscrevendo em diferentes matérias, que podem apreciar as modificações e apresentar um ponto de vista crítico em relação às melhorias que se foram introduzindo. São fundamentais esses «repetentes» assumidos, que testemunham as adaptações que se foram fazendo, que se tornam numa espécie de fiéis depositários das opções da direção do curso e que as sabem avaliar e criticar.

O projeto inicial continua o mesmo na sua essência, mesmo se há mudanças, se há algumas divergências de perspetiva, se as matérias são ligeiramente diferentes, anulando-se umas para criar outras, tendo sempre em conta o interesse demonstrado pelos estudantes. A excelência, prioridade desde o início, não teve alterações, o entusiasmo também não esmoreceu, o projeto continua vivo.

Maria de Fátima Pedro Martins Lima da Cruz Aluna

Trabalhei 38 anos na área de tecnologia, área esta sistematicamente em mutação e que a cada passo gerava em mim desafios muito aliciantes.

Após o meu tempo limite na vida ativa, ficou uma saudade imensa desse frenesim da minha vida profissional e dos braços de ferro sucessivos entre máquina e humano.

A minha sede de descoberta e estímulo intelectual conseguiram ser apaziguadas quando encontrei no PEUS outros mundos e outras fontes de conhecimento a explorar.

Sendo claramente um ser da Ciência, os últimos 5 anos têm sido extraordinários em descoberta nas mais diversas áreas tais como: Língua, Linguística, Arte, Desenho, História, Geografia, Roteiros Históricos, Visitas de Estudo, Geopolítica ou Geoestratégia, por exemplo.

Um prazer imenso em explorar novos temas, alguns completamente desconhecidos e um excelente exercício para a minha memória cognitiva.

Sem falar do sucesso da partilha de muitas “destas curiosidades...” em ambiente familiar.

Para além de que, vivendo eu nos arredores do Porto, esta rotina semanal de deslocação à cidade do Porto acaba por promover outras descobertas e experiências não diretamente relacionadas com o PEUS mas igualmente agradáveis.

Em resumo, “Mente sã em corpo são” é definitivamente o mote e o PEUS é aqui o seu elemento agregador.

Que a Universidade do Porto nos proporcione, por muitos anos mais, novos mundos a descobrir.

Maria do Céu Oliveira Aluna

Para que é que serve o PEUS?

No momento em que voltei a pisar o chão da faculdade senti a mesma sensação que tinha sentido trinta e um anos antes. Voltei a sentir as tais “borboletas na barriga”, visto que não sabia nem como nem o que ia acontecer!

Mas... agora, foi um voltar a casa, voltar à casa que me acolheu e que tornou possível a volta que a vida deu, que a vida vai dando!

O PEUS reabriu-me a porta que nunca esteve fechada, mas que não era pisada nem caminhada.

Reencontrar professores e, agora, poder permanecer para ouvir, para escutar, para aprender, para reaprender.

Agora já não preciso de recorrer a apontamentos de outros, já posso estar e tirar apontamentos para voltarem a ser lidos e “ouvidos”, pois a voz, a entoação e os gestos dos professores continuam a ecoar/presentes e posso ficar fisicamente presente,

O prazer de voltar a ser aluna, mas aluna a tempo inteiro.

O prazer de partilhar o mesmo espaço com os colegas/alunos regulares que estão a preparar-se para concretizar sonhos que eu só consegui concretizar quando já tinha mais de quarenta anos.

A alegria de voltar a ser membro de uma academia que aprendi a respeitar, porque me deixa ser de corpo inteiro e permite que o aprender não cansa, não tem limites e não tem idade.

O estar, o poder ficar e permanecer ajuda a rejuvenescer, mesmo quando fisicamente a idade vai querendo dizer que...

Mas... socorro-me de um poeta da minha adolescência:

Não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

porque...

A minha vida é um vendaval que se voltou.

É uma onda que se levantou.

É um átomo a mais que se animou...

Excertos de Cântico Negro, de José Régio.

E quero terminar com outro poema, de outro poeta que conheci pela mesma idade:

POEMA DA MINHA ESPERANÇA

Que bom ter o relógio adiantado!...
A gente assim, por saber
que tem sempre tempo a mais,
não se rala nem se apressa.

O meu sorriso de troça.
Amigos!
quando vejo o meu relógio
com três quartos de hora a mais!...

Tic-tac... Tic-tac
(Lá pensa ele
que é já o fim dos meus dias.)

Tic-Tac...
(Como eu rio, cá pra dentro,
de esta coisa divertida;
ele a julgar que é já o resto
e eu a saber que tenho sempre mais
três quartos de hora de vida.)

27 jan.1945 GAMA, Sebastião da, Serra-Mãe

Maria Fernanda Maia Aluna

O PEUS vai fazer vinte anos!
Como cresceu tão depressa!
É pena também ter enfraquecido
E assim poder ser esquecido!

De início muitas esperanças
Tantas, mas tantas...
Tal como as crianças
Que anseiam pelo seu primeiro dia
Na escola onde vão aprender
Não só as primeiras letras
Mas também os primeiros amigos fazer!

E foi assim com matérias novas a conhecer
Com novos amigos para desfrutar a convivência
Que começou uma nova etapa na sua vida
Em que os alunos se organizaram
E boas mudanças na sua academia conseguiram.

Logo houve alguém que, por acaso até já partiu,
Pedimos Paz à sua alma.
Era a Sofia a quem o PEUS muito ficou a dever.
Ela juntou-se a outros dois colegas do seu ano,
O João Baptista e o Manel Bastos,
E, os três organizaram para todos nós,
Deslocando-nos de autocarro,
Umas alegres visitas de estudo
Em que visitámos muitos Monumentos Nacionais
E, havia sempre um bom almoço para degustar
Assim como agradáveis cantares e bailaricos
Para os tempos de juventude recordar!

Também houve visitas a outros lugares icónicos,
Como, por exemplo, o Novo Terminal de Cruzeiros

Que nos deixou tão alegres e atónitos,
 Porque o visitamos antes da sua abertura.
 Três autocarros se encheram de colegas.
 Contudo foi uma verdadeira aventura!
 Pois que mais uma vez imperou a burocracia
 E foi obrigatório, cada visitante,
 Aprontar, além da sua identificação,
 Uma série de documentos imprescindíveis
 Para poder ser entrante.

Isso é que foi complicado
 Pois conseguiu tirar o sono
 A quem assumiu a organização
 Algumas noites passadas em claro
 Para poder dar saída àquela situação!

Muitas outras peripécias se podiam contar
 Mas chegou a pandemia chamada Covid
 Responsável pela grande debandada,
 Aulas online, foi uma solução que não veio para ficar.
 Pois nos faltava o contacto e a convivência
 Que são as principais motivações do PEUS

Ainda antes da pandemia,
 Os alunos, sentindo uma certa falta de convivência,
 E, ansiando por novos conhecimentos adquirir,
 Organizaram, eles mesmos, com uma colega ao leme,
 Dezenas de conferências com temas muito relevantes,
 Proferidas por sabedores de diferentes matérias deveras interessantes

Muito apreciadas por todos, tanto de história, como de psicologia,

Como de Medicina ou Geografia
 Como de outros assuntos que ouvíamos com a melhor das atenções.

Com direito a perguntas que sempre enriquecem estas questões.

No fim destas Conferências fazíamos sempre um almoço-con-

vívio num restaurante perto da Faculdade de Letras que vinha também aumentar a camaradagem entre todos os alunos.

Permitam-me que fale do Professor Luís Amaral
Que, além de nos fazer palestras sobre temas de História,
Como, por exemplo “O COUTO DOS HOMIZIADOS” e muitos outros.

Organizou para nós, várias visitas de estudo de três ou mais dias,

Levando-nos a conhecer vários locais históricos,
Tal como todas as fronteiras e castelos com a nossa vizinha Espanha

Que se revelaram muito interessantes e icónicos.

Para lá da fronteira visitamos em Espanha Covadonga, Oviedo, Astúrias, Leão, no Norte, sempre com a presença do Professor Luís Amaral

Lá no Sul ficamos a conhecer Sevilha, Granada, onde também visitamos Alhambra e Córdoba. São tudo cidades repletas de monumentos históricos, deveras interessantes e lindíssimos

Nos dezassete anos que tenho de PEUS,
O que fiz eu até agora?

O mais importante de tudo foi a convivência com os novos colegas, os passeios que fizemos, os almoços-convívios... Também as novas matérias têm sido muito interessantes, com professores à altura.

No entanto o que me deu mais prazer foi organizar as Conferências, colaborar na organização de almoços e de visitas de estudo.

VIVA O PEUS!

Maria Helena Pinto Aluna

Este é o meu 3º ano no PEUS e desde o início que me sinto muito motivada com o programa oferecido pela FLUP.

O PEUS é um convite à aprendizagem contínua, um espaço onde a experiência de vida se encontra com a curiosidade intelectual e oferece uma oportunidade única de expandir horizontes, explorar novos conhecimentos e redescobrir interesses antigos. A proposta não é apenas académica, mas também social e emocional. A aprendizagem vai muito além dos conteúdos lecionados, traduzindo-se em partilha de vivências, em debates enriquecedores e em novas amizades que surgem no caminho.

O PEUS acolhe a diversidade de ritmos e interesses, respeitando o saber acumulado e valorizando a busca pelo novo, permite-nos explorar várias áreas de conhecimento, desde a história e literatura até às ciências sociais, línguas estrangeiras ou artes. Os professores são excelentes, partilhando o seu conhecimento de uma maneira acessível, respeitando o nosso ritmo e fomentando a troca de experiências entre todos.

A FLUP, com este programa, mostra que nunca é tarde para aprender e crescer, o PEUS é, sem dúvida, um convite para continuar a viver com curiosidade e sabedoria, que vem não só do que sabemos, mas também, do que estamos dispostos a aprender.

Maria Isabel Guerra de Oliveira Pinto Aluna

Ponto prévio

Este desafio foi-me apresentado pela minha irmã que logo agarrei para melhorar o meu inglês. Realizei toda a minha formação académica, licenciatura e mestrado na FCUP.

Porto, 26 de fevereiro de 2025

Primeira aula de inglês

Professor Jonathan Lewis

Início da aula uma sensação diferente, talvez estranha dentro de mim, porque vivi a inversão de papéis, uma vez que sou há 38 anos professora de física e química e neste momento era outra vez aluna.

Que experiência interessante!

Estar atenta, participar nas tarefas propostas, colaborar com os colegas; foi tão bom estar na aula, agora como aluna e com um ótimo professor, motivador mas exigente.

Os 90 minutos de aula passaram a correr, nem dei conta, e ficava com prazer mais outros tantos.

Conheci colegas novos, partilhamos a nossa identidade e os nossos interesses pessoais. Nas aulas seguintes continuamos num ambiente fantástico de aprendizagem que nos motiva a estar sempre presentes.

Respondendo à pergunta “O que faço EU no meio do PEUS?

Aprendo

Convivo

Descubro

Participo

Maria João Januário Aluna

Em 2021 tive conhecimento deste Programa de Estudos da Faculdade de Letras da U.P. e, correspondendo a domínios de conhecimento diferentes da minha formação inicial e profissional, despertou desde logo o meu interesse.

O Programa de Estudos era diversificado e atraente. Se, por um lado, complementaria os meus conhecimentos teóricos, por outro, promoveria a minha inserção numa comunidade de pessoas com interesses idênticos.

Decidi inscrever-me e experimentar...

Se considerar que:

- Envelhecer bem tem por base uma boa atitude perante a vida e o cultivo de relacionamentos interpessoais.
- A Ciência permite termos vidas cada vez mais longas, mas a Economia e a sociedade empurram-nos para fora do mercado de trabalho cedo demais.
- e
- O ócio, se bem que aprazível, é inimigo da boa saúde física e mental/cerebral.

A minha participação no PEUS permitiu-me verificar que:

- É constituído por uma comunidade de pessoas simpáticas, com interesses comuns e que promovem convívio dentro e fora dos muros da FLUP.
- As viagens e visitas, que as aulas e as atividades *extra-curriculum* proporcionam, são estímulo a convívios e a sair de casa.
- Os temas abordados nas disciplinas permitem a consolidação de conhecimento, o desenvolvimento de algum sentido crítico, o reconhecimento de valores históricos, culturais, estéticos e sociais contribuindo assim para a minha cultura geral.
- E os professores promovem um bom ambiente em sala de

aula, são empenhados, interessados e adequam o plano de estudos ao público-alvo.

Tenho lido que SOCIABILIZAR e SAIR DE CASA são fatores que contribuem para um envelhecimento mais saudável e ativo e melhoram a qualidade de vida.

Ora, o PEUS preenche perfeitamente os requisitos que contribuem para a melhoria da qualidade de vida: SAIR DE CASA, APRENDER, SOCIALIZAR.

Assim considero que o balanço da minha participação no PEUS é muito positivo e contribui de facto para melhorar a qualidade da minha vida.

Estou já no terceiro ano e penso continuar a participar nas atividades deste Programa de Estudos...

Maria Joaquina Vasconcelos Aluna

Entrei para o PEUS no ano letivo 2015/2016, aquando das comemorações dos 10 anos da sua constituição. Nessa altura escrevi sobre os motivos que levaram à minha inscrição, designadamente querer continuar a aprender e quais as minhas expectativas. Agora, que se comemoram os 20 anos, posso afirmar que o saldo é francamente positivo.

Assim, frequentei disciplinas das diversas áreas do saber, como Literatura, História da Arte, História do Cristianismo, A influência da Bíblia na Cultura Ocidental, História do Livro e Bibliotecas, Geografia Urbana, etc.

Em Geografia Urbana, começamos pela cidade do Porto, desde a sua origem até aos nossos dias e continuamos o estudo de diversas cidades do mundo, como Jericó na Palestina que se julga ser a mais antiga cidade do mundo! Ainda em relação à cidade do Porto, agora, quando entro numa igreja, sei dizer qual é o estilo da talha dourada dos seus altares, barroco nacional, barroco joanino, rococó, neoclássico? Tudo isto aprendi na disciplina de “Porto, Território, Devoções e Imagens”.

Mesmo com a pandemia da Covid 19, o PEUS continuou com aulas por Zoom! Destaco neste período de tempo a disciplina de História do Livro e Bibliotecas, onde nos foram mostradas desde as mais antigas bibliotecas do mundo, com rolos de papel/papiro nas prateleiras, passando pelas bibliotecas de mosteiros, abadias, palácios e universidades, até as mais modernas do ponto de vista arquitetónico, donde destaco a Nova Biblioteca de Alexandria, que tenciono visitar se vier a viajar para o Egipto.

Contudo, História do Cristianismo e Bíblia e sua Influência na Cultura Ocidental, que frequentei no ano letivo 2022/2023, foram as disciplinas que tiveram mais impacto em mim, pois os meus conhecimentos sobre estas matérias eram muito rudimentares. Li muitos textos aconselhados pelos professores e até realizei viagens que nunca tinha pensado fazer, como ir a Israel e territórios palestinianos em dezembro de 2022, a Roma em junho de 2023 e a Istambul (ex Constantinopla) em outubro de 2023. Ter passado a

noite de Natal de 2022 em Belém da Palestina, ter feito um passeio de barco no mar da Galileia, ter estado em Jericó, visitar a Basílica do Santo Sepulcro e o Muro das Lamentações em Jerusalém, foi uma experiência que nunca mais esquecerei.

Em Roma, visitei o Coliseu, construído pelos judeus quando foram feitos escravos pelos romanos nos anos 70 d.c. e vi a porta da primitiva muralha da cidade, por onde entrou S. Paulo, vindo de Jerusalém para ser julgado em Roma, onde veio a morrer. Em Constantinopla, vi a coluna de Constantino, o Imperador Romano que no século IV d.c., permitiu que o Cristianismo fosse considerado uma religião oficial.

Todos estes conhecimentos transmitidos em aula, também foram consolidados no “terreno”, com o precioso acompanhamento dos professores, donde destaco o Professor Luís Amaral, sempre disponível para nos acompanhar nas muitas visitas de estudo a Catedrais, Mosteiros, Igrejas Românicas, Mesquitas (Córdoba), Palácios (Granada), etc., bem como o Professor Jorge Ricardo Pinto, nos vários percursos pela cidade do Porto.

Um dos interesses que demonstrei, quando entrei para o PEUS, foi a realização de intercâmbios com outras universidades com cursos para seniores. E, de facto, já realizei 3 intercâmbios: com a Universidade de Salamanca, com a Universidade da Corunha e com a Universidade Tomás Bata (UTB) em Zlín na Chéquia, tendo sido este último o mais desafiador, pois quer a exposição do trabalho que fizemos sobre o nosso país, quer a interação com os professores e alunos, teve que ser em inglês. Tivemos a preciosa ajuda dos Professores Marta Correia, que nos acompanhou a Zlín e Jonathan Lewis na revisão do trabalho que elaboramos. Este intercâmbio com a UTB foi muito enriquecedor, pois nós nunca tínhamos ouvido falar de Zlín e ficamos a saber que a cidade teve um desenvolvimento muito grande há 100 anos, graças ao empresário Tomás Bata, que a transformou na maior produtora de calçado do mundo, sendo que hoje é conhecida pela arquitetura modernista dos seus edifícios, cujo risco é do arquiteto Le Corbusier.

De referir que o PEUS recebeu no ano letivo 2023/2024 os alunos seniores da Universidade UTB, que de acordo com o seu “feedback”, gostaram muito da cidade do Porto, da sua Universidade e dos alunos e professores que os receberam.

Ao frequentar o PEUS na FLUP, aproveitei também as diversas conferências anunciadas para os alunos em geral e aquelas que são

organizadas para nós, pela Professora Doutora Maria da Graça Pinto, criadora do PEUS, a quem deixo um agradecimento especial, uma visionária que há 20 anos percebeu a importância de “aprender ao longo da vida”, como um extraordinário benefício para a saúde mental e física da população sénior.

Concluindo, posso dizer que hoje sou uma pessoa mais enriquecida em conhecimentos e amizades, pois não só incrementei a minha cultura geral, como conheci excelentes Professores e colegas de curso, alguns dos quais considero amigos/as.

Maria Manuela de Melo Massena Aluna

Frequento o PEUS, salvo erro, desde 2019.

Programa interessante, pois, para além de o saber não ocupar lugar, também só é útil quando partilhado.

Posto isto, apresento algumas sugestões que não só merecem o acolhimento de outros colegas como nos trariam a alegria da participação:

Constituição de uma pequena comissão representativa dos alunos, como já aconteceu no passado. Facilitaria o diálogo necessário com a Professora emérita que dirige o PEUS;

Organização de intercâmbios com outras universidades seniores, nacionais e estrangeiras (desde que frequento o PEUS só beneficiei de uma, que foi fantástica);

Organização mensal de um passeio por zonas emblemáticas do País, quer no que diz respeito a monumentos, feiras, Natureza, etc.

Organização de um programa inter-geracional de partilha e intervenção cívica, pois o contacto que tenho tido com várias e vários alunos da UP revela que veriam tal iniciativa com elevado interesse. Depois de aferidas as dúvidas, angústias e curiosidade dos jovens relativamente às gerações mais velhas, uma reunião por mês parece suficiente e relevante, ainda mais nos dias que correm.

Muito mais haveria a dizer para desenvolver esta ideia, mas, para já, fico por aqui.

Renovação de disciplinas e retorno de algumas outras que já tivemos.

A título de exemplo, sugiro:

- Disciplina na área da Sociologia;
- Disciplina na área da Ciência Política;
- Disciplina de Canto;
- Disciplina de Dança;
- Disciplina na área da pintura, designadamente, aguarela, que não implica muitos instrumentos de trabalho e se ajusta a qualquer sala;

- Retorno da temática “Roteiros Históricos do Porto”, que já foi ministrada pela Dra. Raquel Patriarca;
- Escrita Criativa, que, igualmente, já foi ministrada pela Dra. Raquel Patriarca.

E por aqui me fico, na esperança de ver acolhidas algumas das sugestões.

Estou disponível para eventual troca de impressões sobre estas temáticas.

Maria Manuela Silva Dias Aluna

O meu primeiro sentir no PEUS é o de “reviver o passado”.

Como me sinto bem só por andar nos corredores!

É um recuo no tempo.

Sei bem que o tempo não volta para trás, mas nas aulas dou por mim noutros tempos, noutra vida que já vivi.

A saudade está sempre presente, às vezes muito aguda.

O ambiente da Faculdade, o simples andar nos seus corredores, as salas de aula, o Bar, envolvem-me! Rejuvenesço!

Afinal ainda posso aprender. Afinal não me sinto ultrapassada. Afinal tenho vários objetivos para alcançar. Até uma nova língua posso vir a falar.

Sei que os neurónios também se rejuvenescem e novos neurónios se formam, o meu cérebro não cristalizou. A vivência na Faculdade certamente está a estimulá-los. Vou adquirir mais uns anos cognitivos, vou melhorar as minhas aptidões.

E como me delicio a escolher as Unidades Curriculares!

Vários temas sobre os quais sempre tive curiosidade. Tenho possibilidade de alargar os meus horizontes, que foram muito formatados e limitados por mais de quarenta e três anos de trabalho, muito absorvente e de extrema responsabilidade.

Adorei a minha profissão e tenho muito orgulho em ter sido Cirurgiã, e perdoem-me, mas acho que poucas profissões são tão completas, tão uteis, tão gratificantes para todos os envolvidos.

O programa PEUS ultrapassou as minhas expectativas.

Vejo como os alunos vibram e se entusiasmam nas aulas. Os professores igualmente transmitem o seu gosto em ensinar pessoas que a sociedade vai afastando e menorizando em maior ou menor grau.

Não sinto nenhum estigma. Pelo contrário sinto inclusão!

Os meus Parabéns pelo excelente trabalho.

O meu muito obrigada!

Maria Teresa Ramos Bernal, Directora Programa Interuniversitario de la Experiencia, UPSA

Programa Interuniversitario de la Experiencia de Castilla y León. España

Los programas universitarios para personas mayores constituyen una alternativa para el envejecimiento activo, dando respuesta a las necesidades culturales de este colectivo y forman parte de muchas de las acciones que en esta línea se desarrollan tanto dentro como fuera de España.

En el año 1993, la Junta de Castilla y León, puso en marcha el Programa de la *Universidad de la Experiencia*, contemplado en el Plan Regional para las Personas Mayores. Desde el inicio del programa, la Universidad Pontificia de Salamanca, entidad que trabaja potenciando las relaciones intergeneracionales y difundiendo la cultura en la sociedad, lo estuvo desarrollando con financiación de la Junta de Castilla y León, hasta el curso 2001/2002.

Con el ánimo de dar ampliar este programa, la Universidad Pontificia de Salamanca y Junta de Castilla y León impulsaron un nuevo proyecto, denominado *Programa Interuniversitario de la Experiencia de Castilla y León*, que ha permitido dotar a la anterior *Universidad de la Experiencia*, de un mayor enriquecimiento y ampliar las oportunidades de implantación, tanto en las localidades en las que hasta ahora se estaba llevando a cabo como en otros ámbitos de menor población.

El Programa Interuniversitario ha sido elaborado por todas las universidades, públicas y privadas, de la región y la Gerencia de Servicios Sociales de la Junta de Castilla y León.

Se desarrolla desde el curso académico 2002/03 en las capitales de las nueve provincias de la Comunidad y en otras localidades castellano leonesas. Actualmente se desarrolla en 27 sedes.

El Programa está co-financiado por la Junta de Castilla y León y lo desarrollan las ocho Universidades de la Región.

Uno de los objetivos y retos de mejora del Programa eran y son los intercambios nacionales e internacionales.

Creemos que intercambiar experiencias de formación a lo lar-

go de la vida, conocer otras universidades, estar y asistir a las clases de otros programas, conocer otras ciudades y relacionarse y convivir con otras personas mejora y potencia nuestro desarrollo personal y social.

Un criterio básico de los intercambios entre programas universitarios es el compromiso de devolución del intercambio. Y la estancia mínima de una semana o dos en periodo lectivo.

Los intercambios nacionales los comenzamos en la Universidad de la Experiencia en el año 1996 entre la Pontificia de Salamanca y la Universidad de Granada, y han seguido realizándose en cursos posteriores con otras universidades españolas.

Intercambios internacionales

Para lograr una mayor implicación de la Universidad Pontificia en estos nuevos proyectos de intercambio pedimos al Departamento de Relaciones Internacionales, que es el encargado de la movilidad (Erasmus y Séneca) de estudiantes de las diferentes titulaciones, que nos indicara con qué universidad portuguesa podíamos iniciar este proyecto y tras algunas reuniones en octubre de 2007 consideramos que era más factible comenzar con la Universidad de Porto ya que tenían un funcionamiento un programa similar y además nos transmitieron que tenían previsto con sus Alumnos Mayores visitar una Universidad española.

En el curso 2007-2008 comenzamos esta relación y colaboración entre las dos Universidades: PORTO y PONTIFICIA DE SALAMANCA.

Desde entonces hemos realizado cuatro intercambios a la Universidad de Porto, entre 2007-2008/2011-2012 y hemos recibido durante nueve cursos académicos a alumnos de Porto, ente 2007-2008 / 2017-2018.

Han participado más 230 alumnos en estos intercambios y todos han valorado lo enriquecedora que ha sido la experiencia. También para las dos instituciones.

Finalizo felicitando a la Universidad de PORTO, por la celebración de los 20 años del Programa de Estudios Universitarios para Seniores... que sigáis creciendo, innovando, apoyando y potenciando el Programa y con el deseo de poder retomar estos intercambios interrumpidos por la pandemia.

También quiero recordar a M^a Adoración Holgado Sánchez,

Dory, creadora y impulsora de estos programas e intercambios. En la universidad Pontificia continuamos con el legado que nos dejó. Espero que sigamos con ilusión siendo curiosos, creyendo y apostando por las personas, siendo creativos, investigando, superando obstáculos, pero recorriendo y haciendo camino día a día.

Maria Teresa Simões Galvão Furtado da Silva Aluna

Início este texto confessando que, após a minha aposentação em 2009, como Docente do Ensino Básico e Secundário (na vertente de Línguas - Portuguesa e Francesa), comecei por procurar algo que me mantivesse tão ativa e ocupada, como estivera até ali.

Ficar inativa?... Nunca!

Na altura, sem me querer precipitar, fiz uma reflexão ainda demorada do que pretendia verdadeira e concretamente daí para a frente, para aproveitar os restantes anos da minha vida.

Acabei por concluir que não me bastava estar tão somente “ocupada”. Teria de haver mais algumas componentes ao meu redor, uma nova experiência que me desse prazer e qualidade de vida.

Achei que algo semelhante ao Ensino me daria prazer, vendo, nessa escolha, uma espécie de “continuidade” do que fizera até aí tendo-me dedicado a ele (Ensino) a 100%. Só que, desta vez, seria “do outro lado da secretária”!

Concluí nessa reflexão que me agradaria muito a ideia de voltar a ser aluna... Afinal de contas, saber mais, aprender mais, era o meu objetivo.

Outro aspeto importante em que também pensei foi no convívio com outros colegas de áreas diferentes, cujas “histórias de vida” por eles vivenciadas e contadas, tanto a nível pessoal como profissional, fossem como que “uma manta de retalhos” ao ouvi-los, o que nos faz imaginar num mundo “repleto de viagens”.

Sim, as nossas vivências individuais são diferentes, pois cada um de nós é diferente; e, no fundo, nesses convívios todos somos uns “contadores, de histórias”, aprendendo muito com o que ouvimos dos outros colegas e alguns já amigos.

A minha escolha recaiu no PEUS através da leitura do ALUMNI.

* Yourcenar, Marguerite (1977). “Sequência da Páscoa: Uma das mais belas histórias do mundo”. In Yourcenar, Marguerite (2020). *O tempo, esse grande escultor*. Lisboa: Relógio de Água, pp.115-117.

Sabemos que as Universidades Seniores constituem uma resposta social porque combatem o isolamento em que alguns se deixam “cair” após a aposentação. Estes estabelecimentos de Ensino incentivam os seniores, de um modo muito positivo, não só na vida social (fugindo da “exclusão”), mas também diminuindo o risco de dependência.

E é “O que faço EU no meio do PEUS” já há 15 anos!

Para além de me sentir realizada e feliz, a minha perspetiva é de nele continuar!

Em jeito de conclusão, resta-me AGRADECER aos criadores do PEUS, não esquecendo nunca o que tenho aprendido com os professores das disciplinas que tenho frequentado na Faculdade de Letras do Porto e com o número de amigas e amigos com quem já passei a contar...

Até sempre!

Marisa Pereira Santos Docente

Nas palavras de Marguerite Yourcenar, «Uma das mais belas histórias do mundo termina com os reflexos de uma Presença, bastante semelhantes a nuvens que o sol já posto ainda ilumina» (1977, p. 117)*. Na linha de pensamento da autora e considerando, neste texto, o caso particular e emotivo da minha colaboração com o Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, atrevo-me a dizer que, entre 2019 e 2024, vivi uma bela história, cujos ecos ainda se fazem sentir no meu percurso profissional.

Iniciei a minha atividade como docente neste Programa, mal sabia eu que era o início de uma bela história! O perfil do estudante que procura o PEUS exige do formador um elevado grau de qualidade nas metodologias de ensino e no conteúdo curricular. Oriundos de diferentes áreas do conhecimento, o que leva à formação de turmas com o forte carácter heterogéneo e pluridisciplinar, estes alunos procuram conhecimento de qualidade, que reconhecem na oferta da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Procurei trazer para o PEUS as linhas de investigação às quais dedico o meu trabalho científico. Por entre os Estudos da Imagem, a análise do Território e da Paisagem, a sua relação com a Arquitetura de pendor sacro e as Artes Decorativas, os alunos foram convidados a relacionar o importante binómio da História da Arte e do Património Cultural.

Para além da componente académica deparei-me com a formação de uma fásia, orgânica e em constante movimento, que interligou os vários capítulos desta história. A aprendizagem foi recíproca. Para além de partilhar conhecimento científico foi-me dado o privilégio de contactar com um vasto conjunto de estudantes que tantas vezes contaram as suas vivências, memórias e anseios. Esta reciprocidade permitiu a criação de laços afetivos entre todos. Recordo com carinho as aulas de campo. Percorrendo vias tão conhecidas da cidade do Porto, como a Avenida dos Aliados ou o Jardim da Cordoaria, os estudantes foram convidados a direccionar um novo olhar sobre a cidade e as suas estratégias. Os passos da-

dos pela urbe trouxeram ao discurso memórias de infância e juventude destes alunos, ativadas pelas esculturas, pelas fontes públicas, pelos azulejos das fachadas, pelas texturas e cores da paisagem. São histórias de vida que se cruzam com os ensinamentos científicos, quase como que num exercício musical da desgarrada tradicional.

Guardo os vários capítulos desta história no meu arquivo de saberes, recorrendo a este conteúdo mnemónico diariamente, na esperança de me tornar uma melhor profissional a cada dia. Estou certa de que o PEUS continuará a fazer parte do meu caminho, pois como diz um ditado da minha terra: “voltamos sempre aos lugares onde fomos felizes!”.

O meu eterno obrigada!

Marta Antunes Funcionária

Confesso que quando comecei a trabalhar na FLUP, há onze anos atrás, nos meus primeiros contactos com o PEUS enquanto gestora de informação do SIGARRA, não percebia bem o alcance e o impacto que um curso de estudos universitários para seniores tinha na FLUP e na Universidade do Porto.

Com o passar do tempo, e nas interações que ia tendo com os docentes e os estudantes deste curso, fui conhecendo algumas das suas especificidades e características que o tornam um verdadeiro caso de sucesso: estudantes com uma grande vontade de aprender e também partilhar conhecimento, mas exigentes, desafiando os dogmas do ensino, forçando os docentes a repensarem as suas estratégias de ensino e a inovarem na forma como lecionam e comunicam com os estudantes.

Assim como desafiam os serviços de uma instituição de ensino superior, pois contactar com os estudantes do PEUS obriga-nos a repensar a nossa missão, e implementar medidas não apenas direccionadas para estudantes de licenciatura, mestrados ou doutoramentos, mas sim para públicos-alvo de diferentes gerações, com necessidades e objetivos diferentes.

Perante este ambiente institucional diverso, muito mais que um desafio, ter um curso como o PEUS na FLUP constitui uma mais-valia, enriquecendo a cultura organizacional, e os serviços que se tornam mais acessíveis e inclusivos.

Marta Leal Craveiro Funcionária

20 anos de vida, de aprendizagens e de encontros

Há 20 anos, nasceu na Universidade do Porto, por iniciativa da Senhora Professora Doutora Graça Pinto, um projeto especial – o **Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS)**. Desde então, o PEUS simboliza muito mais do que um projeto académico: representa um compromisso com a educação ao longo da vida, a valorização da longevidade e a criação de uma comunidade inter-generacional.

Num ambiente universitário inclusivo, o PEUS afirmou-se como um espaço de partilha, descoberta e crescimento pessoal. Várias centenas de estudantes seniores, ao longo destes anos, trouxeram consigo histórias de vida, olhares atentos e um espírito jovem e aberto a novos conhecimentos. São pessoas que escolheram continuar a aprender – não porque precisam, mas porque querem. Porque reconhecem na educação ao longo da vida uma forma de se manterem ativas, ligadas ao mundo, e de darem continuidade à sua jornada pessoal com entusiasmo e sentido. E por todas estas razões, estes estudantes são para mim, enquanto membro da Unidade de Educação Contínua da FLUP e, acima de tudo, enquanto pessoa, uma enorme inspiração.

Celebrar os 20 anos do PEUS é, por isso, celebrar a coragem de quem, independentemente da idade, escolhe continuar a aprender. É homenagear um percurso coletivo onde a Universidade se reinventa como espaço de encontro entre gerações, onde o saber não tem idade e onde o tempo é vivido com propósito, curiosidade e alegria.

Parabéns a todas as pessoas que têm feito do PEUS um lugar tão especial – que os próximos 20 anos sejam tão inspiradores quanto os primeiros.

Raquel Patriarca Docente

O que faço eu no meio do PEUS

ou

A circunstância de ser o professor o verdadeiro aprendiz

Dizem que aprender não tem idade
e também o contrário
que há um tempo próprio para cada coisa
uma coisa própria para cada momento.

Eu que duvido teimosa e metodicamente
das coisas que se dizem –
tanto das que seguem a direito como das que vão em contrário –
penso que aprender tem muitas idades
que tem todos os momentos e as coisas que neles cabem
e os entendimentos que delas se fazem em cada tempo
a direito ou em contrário.

Eu que do PEUS trago memórias e amigos
abraços em surpresa e ternura inteira
embarço-me na frente do enigma em desafio:
o que faço eu no meio do PEUS?
(quem se lembrou de tal pergunta
talvez não se tenha lembrado
que – um dia – teria de lhe responder).

Eu que perante entusiasmo e altruísmo
conhecimento e determinação e alegria
percebo aos poucos o caminho da dignidade
encontro somente palavras de gratidão.

O que faço eu no meio do PEUS?
Eu – professora – aprendo.

Rosário Soveral Docente

À questão – “O que faço EU no meio do PEUS? – confesso que a resposta que dou espontaneamente é de que vivo, como formadora, uma experiência profundamente gratificante e sedutora. Essa experiência, ano após ano, semestre por semestre, desde 2020 é gratificante pela consciência que tenho de que me integro e colaboro num projeto que considero pioneiro e numa riqueza humana sem limites.

Com efeito, é pioneiro porque não limita a sede e o desejo de aprendizagens à idade, ao tempo, que ao longo dos anos passa sobre os ombros de cada um de nós. E se é pioneiro, tem horizontes.

E como o PEUS tem horizontes, o desejo do saber não está limitado à especialidade na qual cada um exerceu a sua atividade profissional. Libertar a Cultura, libertar o Saber é isso mesmo: é tornar possível o encontro com novos saberes, o despertar de novos interesses a todos aqueles que, pela idade e pela condição de reformados, deveriam esperar tranquilamente que passassem plácidas as horas, sentados à mesa de um café, lendo vagarosamente o jornal. No PEUS encontram-se e cultivam-se os mais variados temas, surgem novas relações humanas, há visitas a espaços que ficariam desconhecidos, ou que poderão ser vistos de outras perspetivas. Há encontro, há relação humana.

O que faço EU no meio do PEUS? É curioso, falei sobre o imenso valor que dou ao PEUS. Mas, o que faço Eu no meio do PEUS? Partilho de um projeto onde o Saber e a Cultura não são meras palavras, mas são vida e projeto que a idade não limita. E, numa palavra, no PEUS, como pessoa e formadora sou imensamente feliz.

Sónia Duarte Docente

Dedico este texto à Professora Maria da Graça Castro Pinto

Parabéns, PEUS, pelos teus 20 anos de existência!

As duas unidades curriculares que lecciono no PEUS são da responsabilidade da Professora Ana Cristina Sousa, por quem tenho especial consideração pessoal e profissional.

Não foi novidade para mim comunicar com as turmas PEUS. Comecei há 20 anos – precisamente! –, a trabalhar como docente num projecto artístico no bairro da Cova da Moura, ao mesmo tempo que desempenhava funções de técnica superior no Museu da Música, ao abrigo de uma bolsa do Ministério da Cultura (fazendo o serviço educativo parte do processo). Em simultâneo, fazia o mestrado em Musicologia Histórica na FCSH/NOVA, depois de me ter licenciado em História da Arte na FLUP, e de durante anos ter comunicado, em palco, mas sem recurso a palavras. É assim a vida dos músicos. E a dos espíritos curiosos e inquietos.

Quando me foram confiadas as unidades, preparei-me, como habitualmente. Tinha acabado de defender o doutoramento em História da Arte, na FLUL, e queria continuar a transformar a sala de aula num laboratório de investigação-acção muito focalizado nas metodologias, fortuna crítica e simulações reais de contextos de trabalho. Apresentei-me e ao cronograma, programa, objectivos, bibliografia e ao plano bem definido, que incluía, numa data a combinar, a materialização de um congresso nacional inerente aos conteúdos (estratégia que os alunos da Licenciatura de História da Arte haviam aderido, meses antes, de forma entusiástica e colossal). De imediato, a voz de Maria, uma das alunas, se opôs. Genial! - pensei. Repensei. Encetei outro plano de trabalhos para apresentar à turma na aula seguinte. Avancei.

E, assim, comecei a estabelecer pontes. A primeira ponte foi na casa dirigida pelo Ponte. Lá chegarei. O diálogo seria um *cliché*: abordar os conteúdos em sala de aula e verificá-los nas visitas de estudo. Em paralelo, assegurei bilhetes para actividades em contexto real de trabalho: os ensaios abertos da orquestra residente da

Casa da Música, às sextas-feiras pela manhã. Destas unidades curriculares guardo, naturalmente, o excelente ambiente dentro e fora de sala de aula. Farei, no entanto, destaques.

No âmbito da unidade curricular *Porto: território, devoções e imagem*, abordei os patronos da cidade e isso conduziu-nos ao MNSR para ver o Porto pintado ou a cabeça de São Pantaleão, em diálogo com Adelaide Carvalho. Depois de uma aula sobre o *modus vivendi* de Joaquim Pinto Leite de Cucujães, fizemos uma visita à Casa do Campo Pequeno, vulgo Palacete Pinto Leite, co-conduzida pelos proprietários Beatriz e António. Para além da arquitectura, pudemos 'ver melhor' a escultura de Henrique Moreira, a «Espiral» de Canoilas, e pude explicar a história da Casa, uma vez que lá tinha estado, diariamente, entre aulas, ensaios, recitais, concertos ou gravações, nos tempos de estudante do Conservatório de Música do Porto, até 2005. Depois, elenquei figuras (des)conhecidas da cidade. Fomos, na aula de campo seguinte, à Casa dos Livros, ver a exposição «O Porto de João Amaral», comissariada por Alexandra Falcão, e co-conduzida pelo Pedro Sampaio que nos enriqueceu a tarde. Outras figuras, ligadas à azulejaria - Jorge Barradas, Jorge Colaço, Cecília de Souza ou Júlio Resende - ou à pintura, levaram-nos a ver O Parnaso ou a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e o seu jardim. Nas aulas houve tempo de ouvir as apresentações de José Oliveira sobre o intenso trabalho de arquivo que tem levado a cabo, de José da Costa, Maria do Céu ou Marcos Pacheco. O culminar de tudo isto deu-se com a curadoria de uma exposição na Biblioteca Geral da FLUP que intitulei «O Porto visto pelo PEUS: exposição de imagens e de som», e que envolveu um colectivo, como explanarei, adiante.

Em *Arte, música e espaço sacro*, destaco as aulas sobre iconografia musical e a visita ao MNSR. Depois, a explanação sobre a passagem de uma tradição musical oral para a fixação manuscrita e iluminada, incunábulo e imprensa, funções e significados. Seguiu-se a organologia e o particular interesse pela evolução do órgão que nos conduziu ao Mosteiro de S. Bento da Victória, para ouvir Nuno Mimoso. O quão bem fomos recebidos na Casa do Largo da Paz pelos Professores Helena e Henrique Araújo. E, mais tarde, pelo historiador António Miguel dos Santos no cenóbio de Santa Clara, tendo-se abordado as tangedoras e cantoras, ou a *chinoiserie*. De salientar que todos os meus alunos da outra unidade curricular foram

convidados a integrar-se nas visitas, quando havia vaga. Que dinâmico, que enriquecedor!

«O Porto visto pelo PEUS: Exposição de imagens e de som», de 4 a 27 de Fevereiro de 2025, na Biblioteca Geral da FLUP; Curadoria: Sónia Duarte. *Ver anexo 4.2.*

Esta exposição nasce no âmbito da unidade curricular ao PEUS «Porto: imagens, território e devoções» leccionada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por Sónia Duarte. Ao longo das aulas foi pedido aos alunos que pensassem no antes e no depois. O depois, que, em boa verdade, é o agora.

Diante de uma imagem pré-existente de autoria conhecida ou ignota – uma pintura de Alvarez, Jaime Isidoro, Sofia de Souza, Dordio Gomes, António Carneiro; um painel azulejar de Jorge Colaço, Cecília de Souza, Júlio Resende; uma fotografia de Mário Novais; um caderno de desenhos de 1833; etc.; havia de se ‘ver melhor’ como estava o espaço ou o objecto artístico, hoje. Para tal, muito contribuíram o trabalho de campo e as visitas às colecções do Porto; a iconografia do Porto representada no Museu Nacional Soares dos Reis; os retratos e as memórias com música lá dentro da Casa do Largo da Paz; a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e o seu jardim; a Casa do Campo Pequeno; ou cenóbios como Santa Clara. Como se verá, do espaço, rapidamente se passou às memórias escritas, narradas e gravadas em estúdio que na exposição ficaram alocadas através de um QRCODE. Pois é de várias imagens e de um único som que vive esta exposição: o som da narrativa, pela voz de cada um dos alunos do PEUS.

Agradecimentos:

Directora da FLUP: Paula Pinto Costa

Directora da Biblioteca da FLUP: Marta Antunes

Directora PEUS: Maria da Graça Pinto

Docente responsável: Ana Cristina Sousa

Professora da unidade curricular: Sónia Duarte

Cartaz da exposição: Ana Carolina Avilez

Imagem do cartaz: Vasco Cunha Monteiro, cortesia da

Cabral Moncada Leilões

Montagem da exposição: Ana Carolina Avilez e Sónia Duarte

Estúdio do *Humanities Lab*: António Costa

Apoio: Marta Craveiro, Sandra Melo, Arlinda Sousa

Alunos PEUS da turma «Porto: imagens, território e devoções»: Ana Coimbra; Ana Gama; Ida Bessa; Irene Alves; Jaime S; Irene Alves; José da Costa; José Oliveira; Luís Burmester; Manuel Rebelo; Manuel Leão; Marcos Castro; Margarida Guedes; Maria Ribeiro; Maria Peixoto; Maria do Céu Oliveira; Maria Ermelinda Ferreira; Maria Isabel Pereira; Maria Júlia Lousada; Marta Oliveira; Romeu Neves; Rosa Silva; Maria Paula Soares; Joaquim Freitas. Alunos da Turma «Arte, Música e Espaço Sacro» que também participam: António Filipe Silva; Maria José Bronze

Convidados: Helder Pacheco, António Moutinho Cardoso da Casa do Campo Pequeno (fotografia)

Divulgação: Sdi

Valeriano Amorim de Lemos Aluno

Em 2016 – comemoração do 10º aniversário do PEUS, assinada com a publicação de um livro em que participei com um pequeno texto. Escrevi acerca das razões do meu ingresso no programa e de algumas impressões iniciais.

Em 2026 – comemoração do 20º aniversário do PEUS, que vai ser assinalada, também com a publicação de um livro em que irei participar com este pequeno texto dando testemunho da experiência vivida nesta década.

Atividade letiva: Frequentei, desde o começo, 2-3 disciplinas por semestre.

Em 2020-2021 atravessamos o difícil período da pandemia. A FLUP e os seus professores rapidamente se adaptaram às novas tecnologias, proporcionando-nos o acesso *online* à continuidade letiva o que constituiu algo de muito positivo, pois quebrou o isolamento a que estávamos sujeitos, contribuindo para o nosso bem-estar psíquico. O ecrã era a “janela” possível para passarmos duas horas gratificantes num tempo de afastamento e medo.

Intercâmbios: Participei nos intercâmbios com a Universidade Pontifícia de Salamanca, em 2018, e com a universidade Tomas Bata em Zlín, República Checa, em 2019.

Visitas de estudo: Integrei diversas visitas de estudo, das quais destaco: Elvas, Juromenha, Olivença e Mérida – 2017; Bragança, Zamora e Miranda do Douro – 2018; Oviedo, Covadonga e Léon – 2019; Andaluzia – Sevilha, Córdoba e Granada – 2019. Nestas viagens, sempre acompanhados pelo Sr. Professor Doutor Luís Carlos Amaral, a quem deixo um agradecimento especial pela sua disponibilidade e partilha de saberes.

Resumindo, em 2015 – tinha partido –, como disse Miguel Torga em Câmara Ardente “Em qualquer aventura, o que importa é partir, não é chegar”. Adquiri conhecimentos diferentes da minha

formação académica e profissional, passei da linguagem racional dos números para uma linguagem bem diferente das humanidades. Essa mudança de interesses está bem refletida no compartimento onde guardo os livros, antes, de Economia, Gestão, Finanças, Contabilidade e afins, agora, de História, Geografia, Literatura, História de Arte, etc.

Olho agora para o que me rodeia de um modo diferente, mais desperto, informado e com um leque de interesses alargado. Em suma, mais curiosidade – como dizia Jean Jaques Rousseau “só se é curioso na proporção de quanto se é instruído”.

Foi o que cá fiz no meio do PEUS nesta década, ao mesmo tempo que me fui livrando da passividade, pouca motivação e perda de convívio, em que com facilidade somos envolvidos com a falta de objetivos.

Parabéns à Universidade do Porto, à Professora Doutora Graça Pinto pela iniciativa e aos professores brilhantes que nos acompanham.

Anexos

Anexo 1

O PEUS em números (2015-2016 a 2024-2025)

Estrutura sociodemográfica dos alunos

A informação corresponde aos dados sociodemográficos – sexo, idade e nacionalidade – dos alunos que frequentaram o PEUS entre os anos letivos de 2015-2016 e 2024-2025.

Num total de 477 alunos dos dois sexos, é superior o número e a percentagem de alunas (66,7%) do que de alunos (33,3%).

Frequentaram o PEUS aluno/as entre as idades de 54 anos e 95 anos. A maior percentagem centra-se nos grupos etários entre os 65-74 anos (55,7%), e entre os 75-84 anos (31,4%) (Figura 1). No grupo etário mais novo, entre os 54-64 anos, a percentagem é de 7,1%, de novo com mais alunas do que alunos. No grupo etário mais velho, entre os 85 e os 95 anos, a percentagem é de 3,8%, com o mesmo número nos dois sexos.

No atinente à nacionalidade, predomina a portuguesa (95%) e os restantes alunos, em igual número por sexo, são das seguintes nacionalidades: brasileira, espanhola, italiana, alemã, colombiana, monegasca, moldava, britânica e mauriciana.

Número de alunos inscritos e que frequentaram o PEUS

A Figura 2 mostra o número de alunos inscritos no PEUS entre os anos letivos de 2015-2016 e de 2024-2025. Não deve confundir-se o número de alunos inscritos com o número efetivo de alunos que frequentaram o PEUS, em virtude de cada aluno poder inscrever-se em mais do que um ano letivo. O número de inscritos é pois de 1729, mas o número de alunos que frequentaram o Programa é de 477.

A Figura 2 revela que o número de alunos inscritos aumentou ao longo do decénio, tendo iniciado com 139 inscrições e finalizado com 215. Evidencia, porém, a figura que, entre os anos letivos de 2019-2020 e de 2021-2022, se verificou uma quebra de frequência/inscrições coincidente com os confinamentos motivados pela pandemia de COVID-19. A partir de 2021-2022 e de 2022-2023, o número de alunos volta a aumentar, contabilizando-se 215 no ano de 2024-2025.

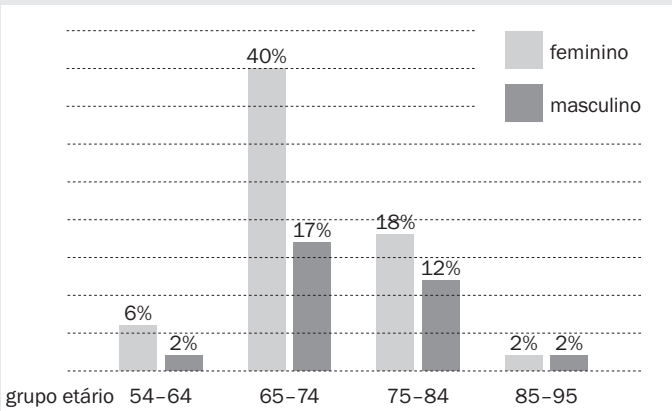


Figura 1 -
Percentagem de
alunos por sexo
e grupo etário
Fonte: UEC;
Web GA (19 de
março de 2025)

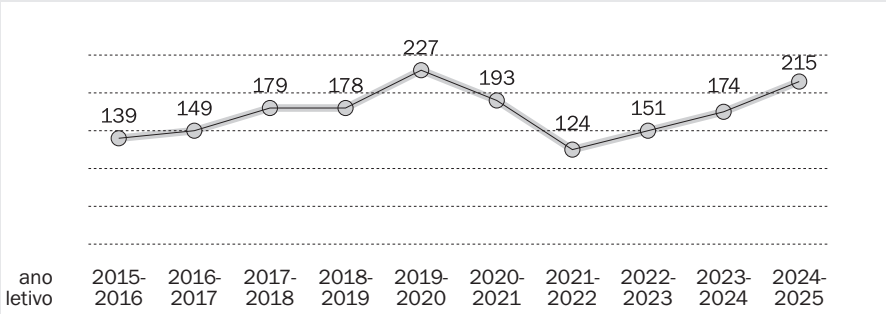


Figura 2 - Número de alunos inscritos no PEUS por ano letivo
Fonte: UEC; Web GA (19 de março de 2025)

ano letivo	nacionalidade										total
	portuguesa	brasileira	espanhola	alemã	monegasca	britânica	italiana	columbiana	moldava	mauriciana	
15-16	139										139
16-17	148	1									149
17-18	179										179
18-19	175		3								178
19-20	219	4	3	1							227
20-21	186	5	1	1							193
21-22	119	3	2								124
22-23	145	4	1					1			151
23-24	165	5	1		1	1			1		174
24-25	203	6	1		1	1	2			1	215

Tabela 1 - Número de alunos inscritos no PEUS por ano letivo e por nacionalidade
Fonte: UEC; Web GA (19 de março de 2025)

A Tabela 1 inclui a distribuição de alunos por nacionalidade, revelando que o maior número de estudantes estrangeiros inscritos é de nacionalidade brasileira, número que aumentou paulatinamente no referido arco cronológico. Verifica-se também nos alunos estrangeiros inscritos um ligeiro decréscimo na pandemia.

Número de Unidades Curriculares (UC) ao longo do último decênio: oferta e procura

Relativamente às UCs que o PEUS disponibilizou entre os anos letivos de 2015-2016 e de 2024-2025, contabilizaram-se 84 (69 UCs com estudantes inscritos e 15 sem estudantes inscritos).

De entre as 84 UCs, apresentam-se as 10 UCs com mais alunos inscritos (Tabela 2A), sendo 7 das 10 UCs da área de História, as 10 UCs com

ano letivo	unidade curricular							
	História de Arte 1	História do Cristianismo	Inglês 1	Grandes livros, grandes obras	História da Europa 1	História da Alta Idade Média	Roteiros históricos do Porto	História da cultura medieval portuguesa
15-16		80	20	16				4
16-17	29	74	12	27	25			10
17-18	39		22	13	30		23	10
18-19	31		15	21	32		32	31
19-20	17		18		21		24	67
20-21	10					48		11
21-22	20		7	5	9			12
22-23	20		20				25	16
23-24	20		14	21				
24-25	18		21	19		68		
total	204	154	149	122	117	116	104	96

Tabela 2A – 10 UCs do PEUS com mais alunos inscritos

ano letivo	unidade curricular									
	Astronomia	História da Pintura e prática do desenho	A Bíblia na arte	O teatro no Porto na época contemporânea	Inglês americano, britânico e global: Um estudo comparativo	Perspectivas filosóficas 1	Ler e dar a ler: de Leitor a Mediador de Leitura	A escrita no mundo urbano: o Porto medieval e moderno	Ética e informação	A Bíblia na Arte 2
15-16										
16-17						8				
17-18									7	
18-19										
19-20	10									
20-21										
21-22				9			8			
22-23		10								
23-24			10							
24-25					9			8		5
total	10	10	10	9	9	8	8	8	7	5

Tabela 2B – 10 UCs do PEUS com menos alunos inscritos
Fonte: UEC; Web GA (19 de março de 2025)

menos alunos inscritos (Tabela 2B) e as UCs sem alunos inscritos em número de 15 (Tabela 3).
As restantes 49 UCs funcionaram com um número intermédio de alunos (Tabela 4), apresentando uma amplitude de 78 estudantes, com valores entre 10 e 88 inscritos.

Unidade Curricular	ano – letivo de início da Oferta
Percursos da natureza	15-16
Espanhol	17-18
Francês	17-18
Alemão	17-18
Alimentação saudável	17-18
Nutrição e envelhecimento	17-18
Polimedicação e adesão terapêutica	17-18
Arte à mesa: Práticas artísticas e comensalidade 2	20-21
Latim - uma língua viva	21-22
História da Europa 2	21-22
A bíblia. Livro dos livros 3	21-22
Oficina de teatro: do texto à cena	21-22
Valores e práticas do património	22-23
Laboratório de Ciências do Património: Criação de uma exposição virtual sobre Artes Aplicadas	23-24
Mandarin 1	24-25

Tabela 3 – UCs do PEUS sem alunos inscritos entre o ano letivo de 2015/2016 e 2024/2025
Fonte: UEC; Web GA (19 de março de 2025)

Unidade Curricular	nº de alunos		
A bíblia. Livro dos livros 1	88	A bíblia. Livro dos livros 2	29
História de Arte 2	85	Artes decorativas	29
Portugal: História, memória, identidade	82	Escritores portugueses e uma abordagem ética da literatura	28
História medieval de Portugal 1	81	Arquitetura religiosa no Ocidente	28
Geografia urbana histórica	77	Política externa	25
Cinema e artes plásticas	76	Geopolítica e geoestratégia	24
História e geografia do Porto	73	Arte à mesa: Práticas artísticas e comensalidade 1	22
História medieval de Portugal 2	68	História dos Estados Unidos	22
Língua portuguesa: sua história e variação	68	Ciência da vida quotidiana	21
Arte e património do Porto	61	Porto: território, património e sociedade	19
Porto: Território, devoção e imagens	61	História de livros e bibliotecas	19
História do cristianismo 1	60	A Segunda República Espanhola e a guerra civil	19
Jardins, praças púb. e cemitérios do Porto	55	Mitologia grega	19
Geografia urbana histórica 2	53	História do livro e das bibliotecas	18
Inglês	49	A bíblia e a cultura ocidental 2	18
História do cristianismo 2	47	Arte, música e espaço sacro	16
A bíblia e a cultura ocidental	46	Neurociências	15
Comunicação e expressão: o texto e a sua escrita	44	Língua e cultura chinesa 1	14
Arte e cinema	41	Direito aplicado a situações do quotidiano	14
História do séc. XX	40	Língua e cultura chinesa 2	13
Oficina para quase escritores	37	Música e literatura	13
Viagens sem sair do lugar	36	Direito no quotidiano	11
História política de Portugal do Vintismo ao Estado Novo 1	36	História da formação da União Europeia	11
História política de Portugal do Vintismo ao Estado Novo 2	36	Portugueses: uma abordagem ética da literatura	10
Ciências do ambiente e qualidade de Vida	32		

Tabela 4 - UCs do PEUS com um número intermédio de alunos inscritos
Fonte: UEC; Web GA (19 de março de 2025)

Formação e respetiva área disciplinar: fundamento para a tendência verificada na procura

Perante os dados apresentados respeitantes às UCs, justifica-se que uma outra variável sociodemográfica dos alunos inscritos no PEUS seja considerada: o nível de formação com indicação da área disciplinar.

Os dados relativos a essa variável foram obtidos com base num questionário enviado em maio de 2025 a todos os alunos inscritos nos últimos 10 anos. Foram recebidas 170 respostas ao questionário, mas apenas 144 se revelaram válidas.

Da análise das respostas ao questionário, verificou-se que 82,2% dos alunos apresentam formação superior: 24,05% detêm formações em Humanidades ou afins e os restantes (65,19%) em outras áreas disciplinares: Arquitetura, Artes, Ciências, Direito, Gestão/Economia, Medicina e Psicologia (Figura 3).

Observa-se ainda que nas respostas designadas por Outra, que cobrem 10,76% dos inquiridos, constam formações também de áreas não das Humanidades.

Comparando as formações dos alunos com as UCs que apresentam um maior número de alunos inscritos, observa-se uma relação positiva entre as UCs com conteúdos da área das Humanidades e as formações dos alunos em outras áreas disciplinares, o que explica seguramente a tendência para a procura de conteúdos da área das Humanidades face à oferta de variadas áreas disciplinares disponibilizada pelo Programa.

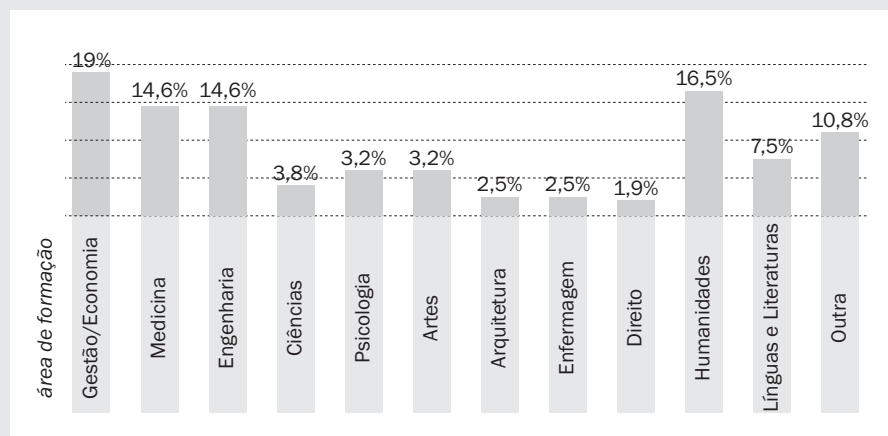


Figura 3 – Área de formação dos alunos do PEUS entre 2015-2016 e 2024-2025

Fonte: Inquérito realizado aos alunos do PEUS (Implementado entre 9 e 16 de maio de 2025)

Anexo 2

Docentes que lecionaram no PEUS no segundo decénio do projeto:

Adrião Palmiro Bessa Pereira da Cunha
 Alexandre Franco Emerick Albergaria
 Alfonso Iglesias Amorín
 Ana Paula Coutinho Mendes
 André Filipe Lamas Leite
 Belmiro Fernandes Pereira
 Carina Sofia Teixeira Fernandes
 Daniel Filipe Pereira Cardeira
 Diana Felícia Pinto
 Gonçalves Jose do Vale Peixoto e Vilas-Boas
 Helder José Amorim Da Silva Guimarães
 Helena Isabel da Costa Ribeiro
 Hugo Daniel Silva Barreira
 Inês Maria Oliveira Gomes Camarinha Lopes
 Isabel Maria Ventura Morujão de Beires
 Joana Miguel da Costa Moreira
 João José de Faria Graça Afonso Lima
 Joaquim Carlos Gomes Esteves da Silva
 Jonathan David Lewis
 Jorge Manuel Martins Ribeiro
 Jorge Pereira Nunes Deserto
 Jorge Ricardo Ferreira Pinto
 Lu Yanan
 Luís Carlos Correia Ferreira do Amaral
 Luís Fernando Adriano Carlos
 Luís Tiago da Costa Pinto da Silva
 Manuel António Pereira de Couto
 Maria Antonieta da Conceição Cruz
 Maria Celeste Lopes Natário Alves dos Santos
 Maria Clara Ferreira de Araújo Barros Greenfield
 Maria de Fátima Aires Pereira Marinho Saraiva
 Maria de Fátima da Costa Outeirinho
 Maria Del Pilar Nicolás Martínez
 Maria do Rosário do Soveral Rodrigues da Costa
 Maria Joana Lencart Miranda
 Marisa Pereira Faria dos Santos
 Marta Isabel de Oliveira Várzeas
 Marta Pereira Ferreira Correia
 Miguel Filipe Vilela de Oliveira Pinto Silva
 Nuno Eduardo Malheiro Magalhães Esteves Formigo
 Paula Raquel da Silva Patriarca de Oliveira Paiva Ribeiro
 Pedro Miguel Ponte e Sousa
 Rute Manuela Fernandes Monteiro Teixeira Pedro
 Sofia Maria Cruz de Melo Araújo

Sónia Maria da Silva Duarte
Tânia Marlene Furtado Moreira
Teresa Maria Queiroz Veiga e Mendes
Zulmira da Conceição Trigo Gomes Marques Coelho Santos

Anexo 3

**Funcionários que, durante o segundo decénio do PEUS,
colaboraram no projeto**

Alexandra Melo
Ana Carolina Avilez de Basto
Ana Paula Soares
António Jorge Costa
Carla Augusto
Cláudia Moreira
Diogo Ribeiro
Fátima Lisboa
Hélder Cardoso
Hélder Lima
Isabel Barbosa
José Augusto Silva
Marco Dias
Marta Antunes
Marta Craveiro
Nuno Moreira
Pedro Sampaio
Sónia Sereno

Anexo 4

Atividades da iniciativa de alunos e docentes do PEUS

Anexo 4. 1.

Colóquio “A Bíblia e a Arte”

No dia 4 de junho de 2025 decorreu o Colóquio Interdisciplinar “A Bíblia na Arte”, uma organização da Turma de “A Bíblia na Arte”, do PEUS – Programa de Estudos Universitários para Seniores da FLUP, de Maria do Rosário Soveral, Isabel Morujão e Marta Craveiro.

O Colóquio teve início pelas 9h15, na Sala de Reuniões 1 da FLUP, e contou com a presença dos seguintes oradores: Fr. António de S. José d’Almeida, da Ordem dos Pregadores e Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História; Hugo Barreira, do DCTP (Departamento de Ciências e Técnicas do Património) da FLUP e do CITCEM/FLUP (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da FLUP); Maria do Rosário Soveral, do Centro de Cultura Católica e Formadora no PEUS; Paulo Estudante, da FLUC (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Univ. Coimbra; e Tânia Furtado Moreira, da Universidade da Beira Interior e do CITCEM-FLUP.

A entrada foi livre!

A Comissão Científica foi constituída por Maria da Graça Pinto, Maria do Rosário Soveral e Isabel Morujão.

Anexo 4. 2.

Exposição organizada pela Doutora Sónia Duarte

Esteve patente na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, durante o mês de fevereiro de 2025 e com inauguração pelas 14 horas do dia 4 desse mês, a Exposição “O Porto visto pelo PEUS: Exposição de imagens e de som”.



«O PORTO VISTO PELO PEUS:



EXPOSIÇÃO DE IMAGENS E DE SOM»

O propósito desta exposição nasceu no âmbito da unidade curricular semestral denominada *Porto: imagens, território e devoções*, leccionada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto por Sónia Duarte. Ao longo das aulas foi pedido aos alunos que pensassem no *antes* e no *depois*. O *depois*, que, em boa verdade, é o *agora*. Diante de uma imagem pré-existente, de autoria conhecida, ou ignota, havia de se '*ver melhor*' como estava o espaço, no presente.

Pois é de imagens e de sons que vive esta exposição; de um *antes* e de um *depois*.

Anexo 4. 3.

Visitas de estudo/cultura/lazer organizadas pelos alunos João Batista, João Petrucci e Manuel Bastos, no âmbito das disciplinas lecionadas pelo Professor Luís Amaral

2016:

1. Évora – Sé e Universidade de Évora; Mosteiro de S. Bento de Castris
2. Paço de Vila Viçosa
3. Monsaraz e Adega e Caves da Herdade do Esporão

2017

1. Olivença - Castelo e Igreja de Sta Maria do Castelo; Igreja de Sta Maria Madalena (visita ao interior); Centro Histórico, com destaque para a porta manuelina nos Paços do Concelho, e Museu de Arte Sacra
2. Mérida - Teatro Romano e Museu da Arte Romana
3. Juromenha - Fortaleza
4. Elvas - Forte de Santa Luzia e Museu Militar; Forte da Graça com visita guiada
5. Fluviário de Mora

2018

1. Bragança – Castelo, Domus Municipalis, Museu Abade de Baçal, Igreja da Sé e Catedral e Centro de Arte Graça Morais
2. Zamora - Catedral e Centro Histórico
3. Miranda do Douro - Catedral e Basílica do Santo Cristo do Outeiro

2019

1. Astúrias
2. Oviedo – visita à Catedral de Oviedo; Palácio de Congressos; Campo de San Francisco; Teatro Campoamor
3. Covadonga – Basílica e Caverna Sagrada
4. Leon - Casa Botines (arquitectura neogótica de Antoni Gaudi); Palácio dos Guzmanes; Palácio do Conde de Luna; Basílica de Santo Isidoro, Catedral de Leon
5. Sevilha
6. Visita em autocarro, incluindo La Giralda e a Torre del Oro
7. Real Alcazar (visita guiada); Praça de Espanha; Jardins Maria Luiza; Bairro de Triana; Catedral de Sevilha; Igreja de San Salvador

8. Jantar no Pátio Sevilhano com espetáculo de Flamenco
9. Cordova - Visita à Mesquita
10. Granada – Palácios de Alhambra; Catedral de Granada; Capela Real; Mosteiro de Cartuxa

2024

1. Arouca
2. Mosteiro de Santa Maria de Arouca
3. Geopark
4. Museu das Trilobites
5. Guimarães
6. Paço dos Duques de Bragança (visita guiada)
7. Centro Histórico de Guimarães e Muralhas
8. Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro

Anexo 4. 4.

Deslocação a Braga, no dia 19 de abril de 2018

Organizada por Júlio Maciel de Lima, aluno do PEUS, no âmbito da unidade curricular História do Cristianismo I e II, lecionada pelo Professor Luís Carlos Amaral, que orientou a visita aos locais abaixo listados:

- Capela de S. Frutuoso de Montélios;
- Basílica de S. Martinho de Dume;
- Mosteiro de Tibães.

Participaram na visita 37 alunos.



Anexo 5

Atividades da iniciativa da coordenação do PEUS

Anexo 5. 1.

Visita guiada às tapeçarias de Guilherme Camarinha

A 20 de janeiro de 2025, pelas 11:00h, organizada pela coordenação do PEUS, realizou-se uma visita guiada por Nuno Resende, professor de História de Arte da FLUP, às tapeçarias de Guilherme Camarinha, que se encontram na Sala de Sessões da Câmara Municipal do Porto.



*“No corpus de obras que Guilherme Camarinha criou sobre e para a cidade do Porto, devemos destacar as grandes tapeçarias dispostas ao modo de tríptico, embora não tenham sido concebidas para esse efeito, que revestem de cor as cruas paredes dos Paços do Concelho, São estas *Hino em louvor, honra e glória da cidade do Porto, São João do Porto e Actividades do Porto junto ao rio.*”*

– Nuno Resende (2024). Portoscópio. A cidade pelo olhar de Guilherme Camarinha, pp.40-41. Porto, Câmara Municipal do Porto.

Anexo 5. 2.

Visita de alunos do PEUS ao IGUP - Instituto de Geofísica da Universidade do Porto

No dia 27 de maio de 2025, pelas 11h00, os alunos do PEUS – Programa de Estudos Universitários para Seniores – visitaram o IGUP – Instituto de Geofísica da Universidade do Porto, na Serra do Pilar. Esta visita, integrada no plano de atividades do programa PEUS, permitiu aos alunos conhecerem não só o local privilegiado onde se encontra o IGUP, a Serra do Pilar, bem como descobrir a ligação do IGUP à Guerra Fria até aos registos meteorológicos centenários. Organização e Coordenação do PEUS - Programa de Estudos Universitários para Seniores.

Apoio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Faculdade Ciências da Universidade do Porto/Instituto Geofísico da Universidade do Porto.



Anexo 5. 3. Visita de alunos do PEUS ao planetário do Porto

Organizada pela coordenação do PEUS, realizou-se em outubro de 2025 uma visita ao Planetário do Porto para assistir à Sessão “O céu d’Os Lusíadas”.

Qual homenagem aos 500 anos de Camões. A sessão é definida como “Filme imersivo de 360° produzido pelo Planetário do Porto - Centro Ciência Viva, juntando Astronomia e Literatura.

Recorrendo a trechos de “Os Lusíadas”, declamados pelo “próprio Camões”, os visitantes acompanham a epopeia de Vasco da Gama, as inúmeras referências astronómicas presentes na obra e ainda as efemérides que terão marcado a vida do autor.”

Organização do PEUS, com o apoio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e do Planetário do Porto – Centro Ciência Viva.



Anexo 5. 4. Sessões divulgadas apenas junto do público-PEUS

9.10.2018 - Bufos, arrependidos e colaboradores: um «admirável mundo novo»? Conferência na Sessão de Abertura do 1.º semestre do PEUS. Orador: André Lamas Leite, Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Porto.

17.10.2019 – O Turismo e a transformação da Cidade Conferência na Sessão de Abertura do 1.º Semestre do PEUS. Orador: José Alberto Rio Fernandes, FLUP.

Anexo 5. 5. Sessões divulgadas junto do público-PEUS e via Sigarra da FLUP

19.03.2021 – Educação em modo dual (on-campus / on-line): Uma visão de futuro? Conferência por José Manuel Martins Ferreira.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=119163

7.03.2022 – O papel dos pivots televisivos na produção de notícias Conferência por Sandra Sousa.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=154145

19.05.2022 – Como se diz «mundo» em português? Palestra no âmbito do PEUS, proferida por João Veloso.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=139544

- 11.10.2022 – Os faróis da costa portuense. Do mais antigo ao mais recente farol português** Conferência na Sessão de Abertura do PEUS, proferida por Mário Barroca.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=145525
- 29.11.2022 – Aprender a ensinar uma língua estrangeira: sobre a impossibilidade do método ideal** Conferência por | Ângela Filipe Lopes.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?P_NR=149665
- 22.05.2023 – Casa dos Livros – Condomínio de poetas no Campo Alegre** Conferência por Ana Paula Coutinho.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=157526
- 29.05.2023 – O que é um poema?** Conferência por Pedro Eiras.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=156225
- 10.10.2023 – O processo de formação e de manipulação da opinião pública em sociedades democráticas** Conferência na Sessão de Abertura do PEUS, proferida por Vasco Ribeiro
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?P_NR=159585
- 13.11.2023 – Para que serve a paisagem?** Conferência por Álvaro Domingues.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=164728
- 4.12.2023 – Exibição do filme “...além da sala de espera”** da autoria de José Paulo Santos, seguido de debate.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=167486
- 29.04.2024 – Exibição do filme “1965 | Panreal, um edifício de Nadir Afonso”** da autoria de José Paulo Santos, seguido de debate.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=173126
- 6.05.2024 – Porquê Conservador de Museus?** Conferência por Maria João Vasconcelos.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=173907
- 15.10.2024 – Do logos ao mythos: a vitalidade da Mitologia Clássica** Conferência por Marta Várzeas na Sessão de Abertura PEUS 2024-2025.
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=179606
- 26.02.2025 – Os Paços do Concelho do Porto: História, Transformações e Significado Urbano** Conferência por Nuno Resende na Sessão de Abertura do 2.º semestre do ano letivo de 2024-2025 do PEUS.
https://www.up.pt/eventos/event/conferencia-os-pacos-do-concelho-do-porto-historia?from_unit=flup
- 22.05.2025 – Inteligência Artificial: Características, Desafios e Impacto** Conferência por Eugénio Oliveira.
https://www.up.pt/eventos/event/peus-conferencia-inteligencia-artificial-caracteri?from_unit=flup
- 14.10.2025 – A pintura como documento histórico** Conferência por Sónia Duarte.
https://www.up.pt/eventos/event/peus-conferencia-a-pintura-como-documento-historic?from_unit=flup

Anexo 6

Intercâmbios realizados



Anexo 6. 1.

Programa Interuniversitário de la Experiencia de Castilla y León

Programa Intercâmbio 2016

Programa I. de la Experiencia. Universidade Pontifícia de Salamanca. Sede de Salamanca

Programa de Estudos Universitários para Seniores- Universidade do Porto
9 a 14 de maio de 2016

Dia 9 de maio: Sessão de Boas-Vindas institucionais da UPSA;

Conferência Salamanca, Cidade interior;

Dia 10 de maio: curso específico de Cultura espanhola – Conferência Portugal y Castilla: La acidentada historia del desnudo em el arte, pela Dra. Ana Maria Carabias Torres; visita guiada à Universidade Pontifícia e sua biblioteca; aula a escolher entre 4 ofertas;

Dia 11 de maio: curso específico de Cultura espanhola – Conferência La Plaza Mayor como escenario da fiesta y de poder en Salamanca, Siglos XII-XXI, pela Dra. Ana Maria Carabias Torres; atividade: ciclo de Saúde e Nutrição, classe a escolher entre 2 ofertas;

Dia 12 de maio: curso específico de Cultura espanhola – Conferência La invención de ideas del Renacimiento que siguen siendo rentables hoy, pela Dra. Ana Maria Carabias Torres; visita guiada a Salamanca, Intercâmbio de Experiências pelos alunos dos programas; classe a escolher entre 5 ofertas; Recital Oratoria;

Dia 13 de maio: Missa; Cerimónia de Graduação; almoço de confraternização;

Dia 14 de maio: Livre

Neste intercâmbio participaram 13 alunos do PEUS.



Anexo 6. 2.

International Meeting “Aprender sen fronteiras” / “Learning without borders”

A Coruña, del 7 al 11 de Mayo de 2018

15 anos de Internacionalización e Mobilidade na Universidade Sénior da Coruña

Monday, May 7th Arrival of the delegations

Tuesday, May 8th Meeting Point.

Reception at the Rectorate Welcome Ceremony; Presentation of the Agenda; Lecture by Prof. Dr. Pilar Carcía de la Torre; Speeches; Musical Performance;

Lunch at the Rectorate;

Visit to the Oceanographic Institute; Visit to the Castle of San Antón – Archeological Museum.

Wednesday, May 9th

Meeting point: Plaza de Lugo; Modernist Route; Reception at the Town Hall; Welcome Ceremony at the Plenary Room at the Town Hall; Guided Visit to the Town Hall.

Buffet Lunch

Visit to the House-museum of Pablo Picasso; Fine Arts Museum

Thursday, May 10th

Meeting Point – By bus to the Senior University headquarters; Exhibitions of essays by students on SciSenior – Conature Project; Poetry Reading by students of poems: participation on the Radio Broadcast “RadioSénior”.

Free afternoon for students

Friday, May 11th

Departure of delegations

Neste intercâmbio participaram 16 alunos do PEUS.



Anexo 6. 3.

Programa Interuniversitário de la Experiencia de Castilla y León

Universidad Pontificia de Salamanca

Salamanca, del 14 al 18 de Mayo de 2018

Programa Intercâmbio 2018

Programa I. de la Experiencia. Universidad Pontificia de Salamanca. Sede de Salamanca; Programa de Estudos Universitários para Seniores -

Universidade de Oporto

Salamanca, 14 a 18 de maio de 2018

Día 15 de maio: Curso específico: VIII Centenario Universidad de Salamanca. Importancia e influencia de una institución centenária. Edificio histórico U. de Salamanca. Profa. Dra. Ana Maria Carabias Torres; visita guiada à Universidade Pontificia: aula Magna, claustro, escadaria nobre e Clerecia (Guia: Dña. Amparo Rodríguez Martín); Biblioteca da UPSA: explicação e visita (Diretora da Biblioteca: Lcda Maria Isabel Manzano García); classe a escolher entre 6 ofertas; Semana Cultural Asociación: TAICHI e CORO.

Día 16 de maio: Curso específico: VIII Centenario Universidad de Salamanca. Producción de ideas científicas en la Universidad de Salamanca. Aula Romero de Lema. Dra. Ana Maria Carabias Torres; atividade: visita guiada Palacio Monterrey; Atividade: Ciclo: Buen uso del crebrebro (Asoc. Alumnos Experiencia; classe a escolher entre 2 ofertas; Semana Cultural Asociación: TEATRO.

Día 17 de maio: Curso específico: VIII Centenario Universidad de Salamanca. La Universidad de Salamanca y el control del pensamiento. Aula de Grados. Dra. Ana Carabias Torres; visita Casa Lis; classe a escolher entre 6 ofertas; visita Torres Clericia; visita guiada por Salamanca;

Día 18 de maio: Eucaristia. Capilla Universidad; Cerimônia de Graduação (alunos UPSA de SA, VA y BU); almoço de confraternização;

Neste intercâmbio participaram 9 alunos do PEUS.



Anexo 6. 4.

Visita de intercâmbio de alunos do Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto (PEUS) à Universidade Sénior da Universidade de Tomas Bata, Zlín, República Checa

Os alunos do PEUS, em número de 23, que se deslocaram em intercâmbio à Universidade de Tomas Bata, em Zlín, República Checa, entre 13 e 19 de maio de 2019, regressaram muito satisfeitos com a forma como foram recebidos pela Universidade, com as aulas a que assistiram, com a reação à sua participação e com as visitas culturais que realizaram.

Da parte da manhã, assistiam a aulas de inglês e à tarde visitavam outras cidades com interesse cultural.

Pelo seu lado, fizeram apresentações sobre Portugal focando diversas temáticas: história, tradições populares, gastronomia, geografia, ciência e cultura. Deram ainda a conhecer artistas plásticos, arquitetos, engenheiros, músicos, escritores e cientistas portugueses de renome. Assistiram a estas apresentações estudantes seniores de Zlín, professores, a diretora da Faculdade de Letras e outras pessoas interessadas na visita deste grupo de estudantes portugueses.

Sentiram, desde logo, o interesse demonstrado pelos alunos de Zlín em vir ao Porto. Em virtude da pandemia, a vinda ao Porto só se realizou em 2023.

Anexo 6. 5.

Intercâmbios em tempo de pandemia: Corunha e Extremadura

Reanudación de Intercambio entre la Universidade Sénior de la Universidade da Coruña y el Programa de Estudos para Universitários para Seniores de la Universidade do Porto

El Decanato de la Faculdade de Letras de la Universidade do Porto, en el marco del Programa de Estudos Universitários para Seniores de la Universidade do Porto, invita a los alumnos y profesores de la Universidade Sénior de la Universidade da Coruña a visitar virtualmente la ciudad de Oporto.

La sesión por Zoom con la duración aproximada de dos horas, delineada e impartida por el Prof. Hugo Barreira, docente de la Faculdade de Letras de la Universidade do Porto, se realiza el día **12 de mayo de 2021**, entre las **15h30 y las 17h30 (hora de Portugal)**; o sea: **entre las 16h30 y las 18h30 (hora de Galicia)**

Reanudación de Intercambio entre la Universidad de la Experiencia UPSA, la Universidad de Mayores (UMEx) y el Programa de Estudos para Universitários para Seniores de la Universidade do Porto

El Decanato de la Faculdade de Letras da Universidade do Porto, en el marco del Programa de Estudos Universitários para Seniores de la Universidade do Porto, invita a los alumnos y profesores de los Programas Universitarios para Mayores a asistir virtualmente a una sesión titulada **“Cambian las ciudades y con ellas nuestras vidas, las cuales cambian las ciudades...”**.

La sesión por Zoom con la duración aproximada de 90 minutos, diseñada e impartida por el **Prof. José Alberto Rio Fernandes**, profesor de la Faculdade de Letras da Universidade do Porto, se llevará a cabo el **10 de noviembre de 2021**, entre las 15h00 y las 16h30 (hora portuguesa), o sea: **entre las 16h00 y las 17h30 (hora de España)**.



Anexo 6. 6.

Visit of Professors and Students from the University of Third Age of Tomas Bata University in Zlín to Porto (University of Porto; Faculty of Arts and Humanities) 23rd to 25th October 2023

Programme

The Dean of the Faculty of Arts and Humanities and the Director and Students of the University Programme for Senior Students (PEUS) of the University of Porto welcome Professors and Students from the University of Third Age of Tomas Bata University in Zlín in their visit to the Faculty.

23rd October Venue: Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto

09h15 - Welcome Session with the Dean of the Faculty of Arts and Humanities, Prof. Paula Pinto Costa

09h30 - Geography of Porto, Jorge Ricardo Pinto (PhD)

11h30 – English, Jonathan Lewis (Senior Lecturer)

15h00 - Guided Tour of Porto, Jorge Ricardo Pinto (PhD)

24th October Venue: Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto

09h30 - History of Porto, Raquel Patriarca (PhD)

11h30 – English, Jonathan Lewis (Senior Lecturer)

15h00 - Guided Tour of Porto, Raquel Patriarca (PhD)

Venue Rectorate

17h00 - Meeting with the Vice-Rector for International Relations of the University of Porto

25th October Venue: Rectorate of the University of Porto

10h30 - Visit to the Historical Building of the University of Porto and Visit to the Museum of Natural History and Science of the University of Porto

13h00 – Lunch

Venue: Porto Leixões Cruise Terminal

16h00 - Visit to CIIMAR – Interdisciplinary Centre of Marine and Environmental Research

Farewell

Com o apoio da Universidade do Porto, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e do Centro Interdisciplinar de Investigação Marítima e Ambiental.

20
anos do
Programa
de Estudos
Universitários
para Seniores
da
Universidade
do Porto

“Se dúvidas houvesse, a longevidade do Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto constitui uma demonstração cabal da sua pertinência e da sua utilidade, dando expressão a um dos objetivos centrais da estratégia da academia: estreitar a ligação à comunidade [...]”

António de Sousa Pereira
Reitor da Universidade do Porto

“O PEUS – um Programa de Estudos Universitários para Seniores – distinguiu-se desde o início pelas características da sua organização, pela oferta formativa e pelo perfil dos estudantes que foi atraindo. O PEUS afirmou-se pela inovação e pela sua singularidade face a uma qualquer outra universidade sénior. A Universidade, por definição, quer-se plena de vitalidade e constantemente rejuvenescida. Nada disto é incompatível com o PEUS. Antes, pelo contrário. O PEUS é um dos pretextos que proporcionam o contacto direto e vivo com a sociedade e que levam a FLUP a reinventar-se para conseguir ir ao encontro de públicos distintos.”

Paula Pinto Costa
Diretora da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

“A permanência de oito anos na Direção da Faculdade de Letras proporcionou-me a oportunidade de acompanhar a evolução do PEUS, assistir a diversas iniciativas promovidas no seu âmbito e apreciar o valor que o mesmo tem no contexto da Universidade do Porto e do país, merecendo ser acarinhado por quem o tutela e dinamiza.”

Fernanda Ribeiro
Professora Catedrática da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

“As duas décadas de existência do Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto, abreviando: PEUS, acrónimo por que se tornou conhecido entre os que lhe são mais próximos, permitiram que alguns princípios sobre os quais foi edificado se revelassem mais vívidos, aflorando com outra nitidez a sua essência.”

Maria da Graça Pinto
Coordenadora do PEUS
Professora Emérita da Universidade do Porto

U. PORTO



U. PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

ISBN 978-989-9193-82-6



9 789899 193826